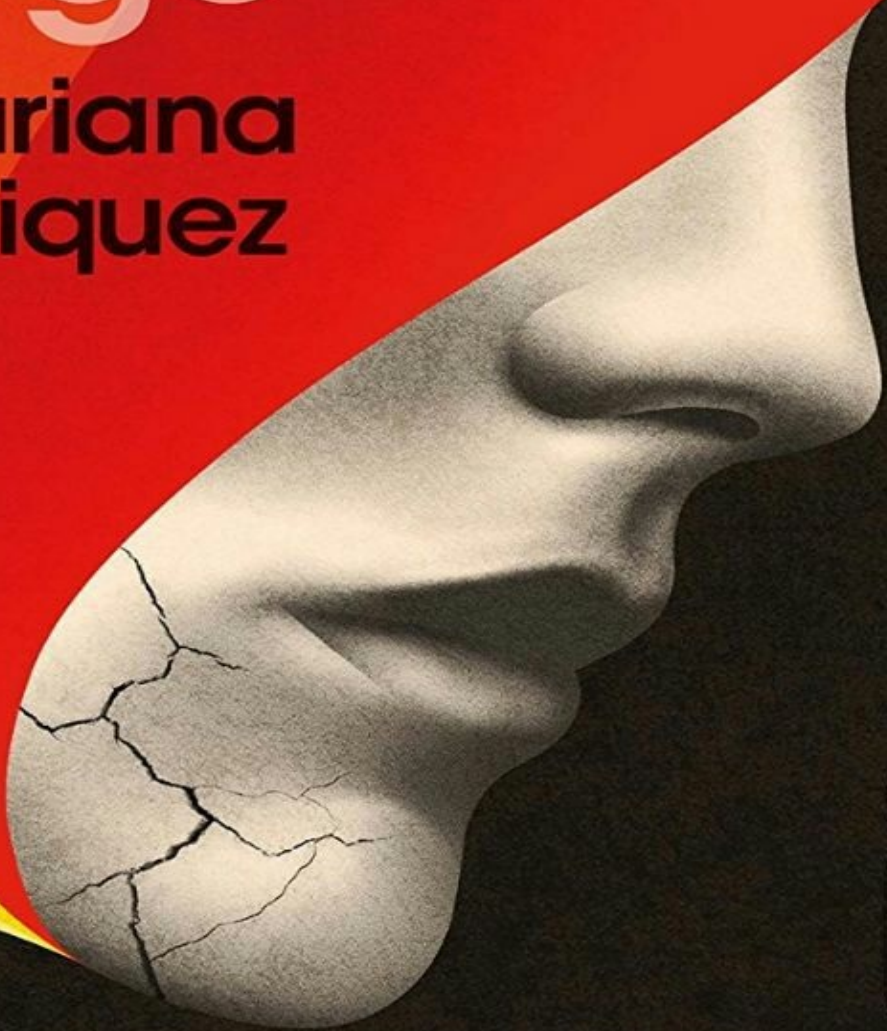


As coisas que perdemos no fogo

Mariana
Enriquez





MARIANA ENRIQUEZ

**AS
COISAS
QUE
PERDEMOS
NO
FOGO**

TRADUÇÃO DE JOSÉ GERALDO COUTO



Copyright © Mariana Enriquez, 2016

Publicado originalmente por Editorial Anagrama, S.A., em Barcelona, em fevereiro de 2016.

Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

TÍTULO ORIGINAL

Las cosas que perdimos en el fuego

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Paula de Carvalho

Luciana Ferreira

DESIGN DE CAPA

La Boca

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0145-5

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Quisera ser de novo uma menina, meio selvagem e durona, e livre.

EMILY BRONTË, *O morro dos ventos uivantes*

Estou dentro da minha própria mente.

Estou trancada na casa errada.

ANNE SEXTON, “For the Year of the Insane”

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Epígrafe

O menino sujo

A Hospedaria

Os anos intoxicados

A casa de Adela

Pablito clavó un clavito: uma evocação do Baixinho Orelhudo

Teia de aranha

Fim de curso

Nada de carne sobre nós

O quintal do vizinho

Sob a água negra

[Verde vermelho alaranjado](#)

[As coisas que perdemos no fogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)



O MENINO SUJO

Minha família acha que estou louca porque escolhi morar na casa dos meus avós paternos em Constitución, um molhe de pedra e portas de ferro pintadas de verde na rua Virreyes, com detalhes *art déco* e antigos mosaicos no chão, tão gastos que, se me ocorresse encerar o piso, poderia inaugurar uma pista de patinação. Mas sempre fui apaixonada por essa casa e, na infância, quando a alugaram a um escritório de advocacia, lembro-me do meu mau humor, do tanto que sentia saudade daqueles cômodos de janelas altas e do pátio interno que parecia um jardim secreto, da frustração de passar diante da porta e não poder entrar livremente. Não sentia tanta saudade do meu avô, um homem calado que mal sorria e nunca brincava. Nem sequer chorei quando ele morreu. Chorei mais quando, depois de sua morte, perdemos a casa, ao menos por alguns anos.

Depois dos advogados veio um grupo de dentistas e, por fim, a casa foi alugada a uma revista de viagens que saiu de circulação em menos de dois anos. Era uma casa bonita e confortável e estava em condições notavelmente boas levando em conta sua antiguidade, porém ninguém mais, ou muito pouca gente, queria se estabelecer no bairro. A revista de viagens o fez só porque o aluguel, para a época, era muito barato. Mas nem isso a salvou da rápida bancarrota, e certamente o fato de terem roubado o escritório não ajudou: levaram todos os computadores, um forno de micro-ondas e até uma pesada fotocopadora.

Constitución é o bairro da estação dos trens que vêm do sul para a cidade. Foi, no século XIX, uma região onde vivia a aristocracia portenha, o que explica a existência dessas casas, como a da minha família — e há muitas outras mansões convertidas em hotéis ou asilos ou ruínas do outro lado da estação, em Barracas. Em 1887, as famílias aristocráticas fugiram para o norte da cidade a fim de escapar da febre amarela. Poucas voltaram, quase nenhuma. Com os anos, famílias de comerciantes ricos como a do meu avô puderam comprar as casas de pedra com gárgulas e aldrabas de bronze. Mas o bairro ficou marcado pela fuga, pelo abandono, pela condição de indesejado.

E está cada vez pior.

No entanto se a gente sabe se mover, se entende as dinâmicas, os horários,

não é perigoso. Ou é menos perigoso. Sei que nas noites de sexta-feira, se me aproximar da praça Garay, posso acabar no meio de alguma briga entre vários oponentes possíveis: os pequenos traficantes da rua Ceballos que defendem seu território de outros ocupantes e perseguem eternos devedores; os viciados que, descerebrados, se ofendem por qualquer coisa e reagem atacando com garrafas; as travestis bêbadas e cansadas que também cuidam do seu espaço. Sei que, se voltar para casa caminhando pela avenida, estarei mais exposta a um roubo do que se regressar pela rua Solís, apesar de a avenida ser bem iluminada e a Solís ser escura, porque tem poucas lâmpadas e muitas estão quebradas; é preciso conhecer o bairro para aprender essas estratégias. Fui roubada duas vezes na avenida, nas duas por meninos que passaram correndo, arrancaram minha bolsa e me jogaram no chão. Na primeira vez registrei queixa na polícia; na segunda já sabia que era inútil, que a polícia havia permitido que eles roubassem na avenida, tendo como limite a ponte da autoestrada — três quadras liberadas —, em troca dos favores que os adolescentes lhes faziam. Há alguns códigos para que a gente possa se movimentar com tranquilidade nesse bairro, e eu os manejo perfeitamente, ainda que, claro, o imprevisível sempre possa acontecer. É questão de não ter medo, de contar com alguns amigos imprescindíveis, de cumprimentar os vizinhos mesmo que sejam delinquentes — especialmente se forem delinquentes —, de caminhar com a cabeça erguida, prestando atenção.

Gosto do bairro. Ninguém entende por quê. Eu, sim: faz com que me sinta certa e audaz, desperta. Não restam muitos lugares como Constitución na cidade, que, exceto pelas favelas da periferia, ficou mais rica, mais amável, intensa e enorme, porém fácil para viver. Constitución não é fácil e é bonito, com todos esses recantos que um dia foram luxuosos, como templos abandonados e depois ocupados por infieis que nem sequer sabem que, entre aquelas paredes, já se escutaram louvores a velhos deuses.

Também vive muita gente na rua. Não tanto quanto na praça do Congresso, a uns dois quilômetros da minha porta; ali, bem em frente aos edifícios legislativos, há um verdadeiro acampamento, laboriosamente ignorado mas ao mesmo tempo tão visível que, a cada noite, grupos de voluntários dão comida às pessoas, checam a saúde das crianças, distribuem mantas no inverno e água fresca no verão. Em Constitución, a população de rua fica mais abandonada, poucas vezes chega ajuda. Diante da minha casa, numa esquina que em outros tempos foi um armazém e hoje é um edifício tapado para que ninguém possa ocupá-lo, as portas e janelas vedadas com tijolos, vive uma mulher jovem com seu filho. Está grávida de poucos meses, embora nunca se saiba quando se trata das mães viciadas do bairro, tão magrinhas. O filho deve ter uns cinco anos, não vai à escola e passa o dia no metrô, pedindo dinheiro em troca de santinhos de

Santo Expedito. Sei disso porque uma noite, quando voltava do centro para casa, eu o vi no vagão. Tem um método muito inquietante: depois de oferecer o santinho aos passageiros, obriga-os a dar-lhe a mão, um aperto breve e ensebado. Os passageiros reprimem a pena e o asco: o menino está sujo e cheira mal, mas nunca vi ninguém suficientemente piedoso a ponto de tirá-lo do metrô, levá-lo para casa, dar-lhe um banho, ligar para um assistente social. As pessoas lhe dão a mão e compram o santinho. Ele tem o cenho sempre franzido e, quando fala, a voz é rascante; costuma estar resfriado e às vezes fuma com outros meninos do metrô ou do bairro.

Uma noite, caminhamos juntos da estação até a minha casa. Não falou comigo, mas nos fizemos companhia. Perguntei-lhe algumas bobagens, sua idade, seu nome: não me respondeu. Não era um menino doce nem terno. Quando cheguei à porta da minha casa, não obstante, me saudou.

— Tchau, vizinha — disse.

— Tchau, vizinho — respondi.

* * *

O menino sujo e sua mãe dormem em três colchões tão gastos que, empilhados, têm a mesma altura que um comum. A mãe guarda a pouca roupa em vários sacos de lixo pretos e tem uma mochila cheia de outras coisas que nunca consigo distinguir. Não se move da esquina e ali pede dinheiro com uma voz lúgubre e monótona. Não gosto da mãe. Não só por sua irresponsabilidade, ou porque fuma crack e a cinza queima a barriga de grávida, ou porque eu jamais a tenha visto tratar com amabilidade seu filho, o menino sujo. Há algo mais que não me agrada. Estava dizendo isso a minha amiga Lala enquanto ela cortava meu cabelo na casa dela, no feriado da última segunda-feira. Lala é cabeleireira, mas faz tempo que não trabalha num salão: não gosta dos chefes, diz. Ganha mais dinheiro e tem mais tranquilidade em seu apartamento. Como salão, o apartamento de Lala tem alguns problemas. A água quente, por exemplo, chega de maneira intermitente porque o aquecimento funciona muito mal e, às vezes, quando ela está lavando meu cabelo depois da tintura, recebo um jorro de água fria na cabeça que me faz gritar. Ela revira os olhos e explica que todos os encanadores a enganam, cobram caro demais, nunca voltam. Acredito.

— Essa mulher é um monstro, menina — grita, enquanto quase queima meu couro cabeludo com o velho secador de cabelo.

Também me machuca ao arrumar as mechas com seus dedos grossos. Faz anos que Lala decidiu ser mulher e brasileira, mesmo tendo nascido macho e uruguaio. Agora é a melhor cabeleireira travesti do bairro e já não se prostitui;

fingir o sotaque brasileiro lhe era muito útil para seduzir homens quando era puta na rua, mas agora não faz sentido. De todo modo, está tão acostumada que às vezes fala ao telefone em português ou, quando se irrita, levanta os braços e clama vingança ou piedade à Pombagira, seu exu pessoal, para quem tem um pequeno altar num canto da sala onde corta cabelo, bem ao lado do computador, conectado a um bate-papo perpétuo.

— Você também acha que ela é um monstro, então.

— Me dá calafrios, menina. Parece amaldiçoada, sei lá.

— Por que diz isso?

— Não digo nada. Mas aqui no bairro comentam que ela faz qualquer coisa por dinheiro, vai até a reuniões de bruxos.

— Ai, Lala, que bruxos? Não tem bruxos por aqui, não acredite em tudo que dizem.

Ela me deu um puxão de cabelo que me pareceu de propósito, mas pediu desculpas. Foi de propósito.

— Que é que você sabe do que acontece *de verdade* por aqui, menina? Você mora aqui, mas é de outro mundo.

Lala tem um pouco de razão, embora me incomode escutar isso dessa maneira. Incomoda que ela, tão sinceramente, me coloque no meu lugar, a mulher de classe média que se julga desafiadora porque decidiu morar no bairro mais perigoso de Buenos Aires. Suspiro.

— Tem razão, Lala. Mas o que quero dizer é que ela vive em frente à minha casa e está sempre lá, em cima dos colchões. Nem se mexe.

— Você trabalha muitas horas, não sabe o que ela faz. Muito menos durante a noite. O povo deste bairro, menina, é muito... como se diz? Você nem percebe e quando vê te atacaram.

— Ardiloso?

— Isso. Você tem um vocabulário de dar inveja, não é mesmo, Sarita? É fina a moça.

Sarita está esperando há uns quinze minutos que Lala acabe meu cabelo, mas a espera não a incomoda. Folheia as revistas. Sarita é uma travesti jovem que se prostitui na rua Solís e é muito bonita.

— Conta pra ela, Sarita, conta o que você me contou.

Mas Sarita franze os lábios como uma diva de cinema mudo e não tem vontade de me contar nada. Melhor assim. Não quero escutar as histórias de terror do bairro, que são todas inverossímeis e críveis ao mesmo tempo e que não me dão medo, pelo menos de dia. À noite, quando tento terminar trabalhos atrasados e fico acordada em silêncio para me concentrar, às vezes me lembro das histórias contadas em voz baixa. E me certifico de que a porta da rua esteja

bem trancada, assim como a da sacada. E às vezes fico olhando a rua, sobretudo a esquina onde dormem o menino sujo e sua mãe, totalmente quietos, como mortos sem nome.

* * *

Uma noite, depois do jantar, a campainha tocou. Estranho: quase ninguém me visita a essa hora. Exceto Lala, em uma ou outra noite em que se sente sozinha, e ficamos escutando *rancheras* tristes e tomando uísque. Quando olhei pela janela para ver quem era — ninguém abre a porta diretamente neste bairro se a campainha toca por volta da meia-noite —, vi que ali estava o menino sujo. Corri para buscar as chaves e o deixei entrar. Tinha chorado, dava para notar pelos sulcos claros que as lágrimas haviam marcado em sua cara encardida. Entrou correndo, mas se deteve antes de chegar à porta da sala de jantar, como se precisasse da minha autorização. Ou como se tivesse medo de seguir adiante.

— O que aconteceu com você? — perguntei.

— Minha mãe não voltou — disse ele.

Tinha a voz menos áspera, mas não soava como um menino de cinco anos.

— Te deixou sozinho?

Sim, com a cabeça.

— Você está com medo?

— Estou com fome — respondeu. Com medo também, mas já estava suficientemente endurecido para não admitir isso diante de um estranho que, além do mais, tinha casa, uma casa linda e enorme, bem na frente da sua intempérie.

— Bom — falei. — Entre.

Estava descalço. Na última vez em que o tinha visto, usava um par de tênis bastante novos. Teria descalçado por causa do calor? Ou alguém os roubara durante a noite? Eu não quis perguntar. Fiz com que se sentasse numa cadeira da cozinha e enfiei no forno um pouco de arroz com frango. Enquanto esperávamos, besuntei de queijo um ótimo pão caseiro. Comeu fitando-me nos olhos, muito sério, com tranquilidade. Tinha fome, mas não estava faminto.

— Aonde sua mãe foi?

Deu de ombros.

— Ela costuma sair muito?

Outra vez ele deu de ombros. Tive vontade de sacudi-lo e, em seguida, me envergonhei. Ele precisava de ajuda; eu não tinha por que saciar minha curiosidade mórbida. E, mesmo assim, algo no silêncio dele me irritava. Queria que fosse um menino amável e encantador, não aquele menino áspero e sujo que

comia o arroz com frango lentamente, saboreando cada garfada, e arrotava depois de terminar seu copo de Coca-Cola, que bebeu com avidez e pediu mais. Eu não tinha nada para servir de sobremesa, mas sabia que a sorveteria da avenida estaria aberta; no verão, atendia até depois da meia-noite. Perguntei se queria ir e ele me disse que sim, com um sorriso que mudava seu rosto por completo; tinha dentes pequeninhos, e um deles, de baixo, estava para cair. Eu tinha um pouco de medo de sair tão tarde, ainda por cima para a avenida, mas a sorveteria costumava ser território neutro; quase nunca havia roubos ali, tampouco brigas.

Não levei carteira e guardei um pouco de dinheiro no bolso da calça. Na rua, o menino sujo me deu a mão e não o fez com a indiferença com que cumprimentava os compradores de santinhos no metrô. Agarrou bem forte: talvez ainda estivesse assustado. Atravessamos a rua: o colchão sobre o qual dormia com a mãe seguia vazio. A mochila também não estava lá: ou ela a levava ou alguém a roubara ao encontrá-la ali, sem dono.

Tínhamos que caminhar três quadras até a sorveteria, e escolhi a rua Ceballos, uma rua estranha, que podia ser silenciosa e tranquila em algumas noites. As travestis menos esculturais, mais gordinhas ou mais velhas escolhiam essa rua para trabalhar. Lamentei não ter um par de tênis para o menino sujo: nas calçadas costumava haver cacos de vidro, de garrafas quebradas, e eu não queria que ele se machucasse. Ele caminhava descalço com grande segurança, estava acostumado. Naquela noite, as três quadras estavam quase vazias de travestis, mas cheias de altares. Lembrei o que se celebrava: era 8 de janeiro, o dia do Gauchito Gil. Um santo popular da província de Corrientes que se venera em todo o país, especialmente nos bairros pobres — embora haja altares por toda a cidade, inclusive nos cemitérios. Antonio Gil, segundo se conta, foi assassinado como desertor no fim do século XIX: um policial o matou, pendurou-o numa árvore e o degolou. Mas, antes de morrer, o desertor disse ao policial: “Se quiser que seu filho se cure, precisa rezar por mim”. O policial obedeceu, porque seu filho estava muito doente, e o menino se curou. Então o homem baixou Antonio Gil da árvore, deu-lhe sepultura e, no lugar onde se havia esvaído em sangue, foi levantado um santuário, que existe até hoje e que a cada verão recebe milhares de pessoas.

Eu me flagrei contando a história do *gaucho* milagroso ao menino sujo, e paramos diante de um dos altares. Ali estava o santo de gesso, com a camisa azul-celeste e o lenço vermelho no pescoço, uma fita também vermelha na cabeça e uma cruz nas costas, da mesma cor. Havia vários panos vermelhos e uma ou outra bandeirinha vermelha: a cor do sangue, a lembrança da injustiça e da degola. Mas nada era macabro ou sinistro. O *gaucho* traz sorte, cura, ajuda e

não pede muito em troca, apenas que lhe façam essas homenagens e, às vezes, um pouquinho de álcool. Ou a peregrinação ao santuário de Mercedes, em Corrientes, sob um calor de cinquenta graus, onde os devotos chegam a pé, de ônibus e a cavalo de todas as partes, até da Patagônia. As velas ao redor faziam-no piscar na penumbra. Acendi uma das que haviam se apagado e com a mesma chama acendi um cigarro. O menino sujo parecia inquieto.

— Já vamos à sorveteria — falei. Mas não era isso.

— O *gaucho* é bom — disse ele. — Mas o outro, não.

Afirmou isso em voz baixa, encarando as velas.

— Que outro? — perguntei.

— O esqueleto — respondeu. — Lá atrás há esqueletos.

No bairro, “lá atrás” é uma referência ao outro lado da estação, passando as plataformas, onde os trilhos e seus aterros se perdem em direção ao sul. Ali costumam aparecer altares para santos menos amáveis que o Gauchito Gil. Sei que Lala leva até o aterro — sempre de dia, porque à noite pode ser perigoso — suas oferendas para a Pombagira, seus pratos coloridos e seus frangos comprados no supermercado porque não se anima a matar uma galinha. E ela me contou que “lá atrás” há montes de São Morte, o santinho esqueleto com suas velas vermelhas e pretas.

— Mas não é um santo mau — falei ao menino sujo, que me encarou com olhos muito abertos, como se eu estivesse dizendo uma loucura. — É um santo que pode fazer o mal se alguém pedir, mas a maioria das pessoas não pede coisas feias: pede proteção. Sua mãe leva você lá atrás? — perguntei.

— Sim, mas às vezes vou sozinho — respondeu. E depois me puxou pelo braço para que seguíssemos.

Fazia muito calor. A calçada da sorveteria estava pegajosa de tanto sorvete que devia ter derretido; pensei nos pés descalços do menino sujo, agora com toda aquela nova imundície. Ele entrou correndo e pediu, com sua voz velha, um grande de doce de leite granulado e chocolate. Não pedi nada. O calor me tirava a fome e eu não sabia o que devia fazer com o menino se a mãe dele não aparecesse. Levá-lo a uma delegacia? A um hospital? Ficar com ele na minha casa até ela voltar? Existia algum tipo de serviço social nesta cidade? Existia, isso, sim, um número para o qual ligar durante o inverno, a fim de avisar se alguma pessoa que vivia na rua estivesse passando frio demais. Eu me dei conta, enquanto o menino sujo lambia os dedos lambuzados, do pouco que me importavam as pessoas, de como me pareciam naturais aquelas vidas desgraçadas.

Quando terminou seu sorvete, o menino sujo se levantou do banco em que havíamos nos sentado e saiu caminhando para a esquina onde vivia com a mãe,

sem prestar muita atenção em mim. Eu o segui. A rua estava muito escura, tinha havido um apagão; costumava acontecer nas noites de muito calor. Eu o enxergava bem, de todo modo, graças aos faróis dos carros; também o iluminavam, a ele e a seus pés já completamente negros, as velas dos altares improvisados. Chegamos à esquina sem que voltasse a me dar a mão nem me dirigisse a palavra.

A mãe estava no colchão. Como todos os viciados, não tinha noção da temperatura e vestia um moletom com capuz, como se estivesse chovendo. A barriga, enorme, estava de fora; o agasalho curto demais não conseguia cobri-la. O menino sujo a cumprimentou e se sentou no colchão. Não disse nada.

Ela estava furiosa. Aproximou-se de mim rugindo, não há outra forma de descrever o som, me lembrando de minha cachorra quando quebrou o quadril e estava enlouquecida de dor, mas tinha deixado de se queixar e somente grunhia.

— Aonde você levou ele, filha da puta? Quer fazer o que com ele, hein? Nem pense em tocar no meu filho!

Estava tão perto que eu via cada um de seus dentes, as gengivas que sangravam, os lábios queimados pelo cachimbo, o bafo de alcatrão.

— Comprei um sorvete para ele — gritei, e recuei quando vi que tinha uma garrafa quebrada na mão, com a qual pensava em me atacar.

— Cai fora ou eu te corto, filha da puta!

O menino sujo olhava para o chão, como se nada estivesse acontecendo, como se não nos conhecesse, nem a mãe nem a mim. Fiquei irritada com ele. Que mal-agradecido o fedelho, pensei, e saí correndo. Entrei em casa o mais rápido que pude, embora as minhas mãos tremessem tanto que custei a encontrar as chaves. Acendi todas as luzes. Por sorte, na minha quadra a eletricidade não fora cortada: tinha medo de que a mãe mandasse alguém atrás de mim para me bater, não sabia o que podia passar pela cabeça dela, não sabia que amigos tinha no quarteirão, não sabia nada dela. Depois de um tempo, subi ao andar de cima e a espiei da sacada. Estava deitada de barriga para cima, fumando um cigarro. O menino sujo parecia dormir ao lado dela. Fui para a cama com um livro e um copo d'água, mas não consegui ler nem prestar atenção à televisão; o calor parecia mais intenso com o ventilador ligado, que só revolia o ar quente e atenuava os ruídos da rua.

De manhã, me obriguei a tomar café antes de sair para trabalhar. O calor já estava sufocante e o sol mal acabava de nascer. Quando fechei a porta, a primeira coisa que notei foi a ausência dos colchões na esquina em frente. Não restava nada do menino sujo e de sua mãe, não tinham deixado para trás nem uma sacola nem uma mancha nem uma guimba de cigarro. Nada. Como se não tivessem estado ali.

O corpo apareceu uma semana depois do sumiço do menino sujo e de sua mãe. Quando voltei do trabalho, com os pés inchados pelo calor e sonhando com o frescor da minha casa de pé-direito alto e ambientes espaçosos que nem o verão mais infernal podia esquentar totalmente, encontrei o quarto enlouquecido, com três viaturas policiais, uma fita amarela dessas que isola as áreas onde ocorreu um crime e uma enormidade de gente amontoadas no perímetro. Não foi difícil reconhecer Lala, com seus sapatos brancos de salto e seu coque dourado; estava tão nervosa que tinha se esquecido de colocar os cílios postiços no olho esquerdo e sua cara parecia assimétrica, quase paralisada de um lado.

— O que aconteceu?

— Encontraram uma criança.

— Morta?

— O que você acha? Degolada! Você tem TV a cabo?

Tinham cortado a conexão de Lala por falta de pagamento fazia meses. Então nos metemos na minha casa e deitamos na cama para ver televisão, com o ventilador de teto dando giros perigosos de tão rápidos e a janela da sacada aberta para ficarmos à escuta de alguma coisa que viesse da rua e valesse a pena. Em cima da cama, numa bandeja, pus uma jarra gelada de suco de laranja, e Lala reinou sobre o controle remoto. Era estranho ver nosso bairro na tela, escutar pela janela os jornalistas que corriam, sair para a sacada e avistar as vans das diferentes emissoras. Era estranha a decisão de esperar os detalhes do crime pela televisão, mas nós duas conhecíamos bem a dinâmica do bairro: ninguém ia falar, não a verdade, pelo menos durante os dias iniciais. Primeiro, o silêncio, vai que algum dos envolvidos no crime merecia lealdade. Ainda que o crime fosse a morte horrível de um menino. Primeiro, boca calada. Em algumas semanas começariam as histórias. Ainda não. Agora era o momento da TV.

Cedo, por volta das oito da noite, quando Lala e eu começamos uma longa vigília que teve início com suco de laranja, seguiu com pizza e cerveja e terminou com uísque — abri uma garrafa que meu pai tinha me dado de presente —, a informação era sucinta: no estacionamento desativado da rua Solís havia aparecido um menino morto. Degolado. Tinham colocado a cabeça ao lado do corpo.

Às dez, sabia-se que a cabeça estava rapada até o osso e que não tinha sido encontrado cabelo na área. Também que as pálpebras haviam sido costuradas e a língua, mordida, não se sabia se pelo próprio menino morto ou — e isso fez Lala soltar um grito — pelos dentes de outra pessoa.

Os programas de notícias continuaram a dar informações até de madrugada, trocando jornalistas, cobrindo ao vivo da rua. Os policiais, como de costume,

não diziam nada diante das câmeras, mas forneciam constantemente relatos à imprensa.

Até a meia-noite, ninguém havia reclamado o corpo. Também se sabia que tinha sido torturado: o torso estava coberto de queimaduras de cigarro. Suspeitavam de um ataque sexual, que se confirmou por volta das duas da madrugada, quando foi divulgado um primeiro informe dos peritos forenses.

E até aquela hora ninguém havia reclamado o corpo. Nem um familiar. Nem mãe nem pai nem irmãos nem tios nem primos nem vizinhos nem conhecidos. Ninguém.

O menino decapitado, dizia a televisão, tinha entre cinco e sete anos; era difícil calcular porque, em vida, fora subnutrido.

— Eu queria vê-lo — falei para Lala.

— Não seja louca, como vão mostrar um menino decapitado! Por que você quer ver? Que macabra. Sempre foi uma monstrinha, a condessa mórbida no palácio da rua Virreyes.

— É que tenho a impressão de que o conheço, Lala.

— Conhece quem, a criança?

Respondi que sim e comecei a chorar. Eu estava bêbada, mas também estava certa de que o menino sujo era agora o menino decapitado. Contei a Lala sobre o encontro, na noite em que ele tinha tocado minha campainha. Por que não cuidei dele, por que não averigui como tirá-lo da mãe, por que pelo menos não lhe dei um banho? Se tenho até uma banheira antiga, bonita, grande, que mal uso, na qual tomo duchas rápidas sozinha e só muito de vez em quando desfruto de um banho de imersão, por que pelo menos não lhe tirar a imundície? E, sei lá, comprar-lhe um patinho e aquelas varinhas de fazer bolhas de sabão para ele brincar. Podia ter dado um banho nele tranquilamente e depois ido tomar o sorvete. E, sim, era tarde, mas na cidade há supermercados que não fecham nunca e vendem tênis, e eu poderia ter comprado um par para ele, como fui deixá-lo andar descalço, de noite, por essas ruas escuras? Não podia ter deixado que voltasse para a mãe. Quando ela me ameaçou com a garrafa, eu deveria ter chamado a polícia para que a levassem presa e ter ficado com o menino comigo ou o ajudado a entrar em processo de adoção por uma família que o quisesse. Mas não. Fiquei irritada com ele por ser mal-agradecido, porque não me defendeu... da própria mãe! Fiquei irritada com um menino aterrorizado, filho de uma mãe viciada, um menino de cinco anos que vive na rua!

— Que *vivia* na rua, porque agora está morto, degolado!

Lala me ajudou a vomitar na privada e depois foi comprar comprimidos para minha dor de cabeça. Eu vomitava de bêbada e de assustada e também porque estava segura de que era ele, o menino sujo, violado e degolado num

estacionamento sabe-se lá por quê.

— Por que fizeram isso com ele, Lala? — perguntei, encolhida em seus braços fortes, outra vez na cama, as duas fumando lentamente nossos cigarros na madrugada.

— Minha princesa, não sei se foi o seu menino que mataram, mas, quando der a hora, vamos ao juizado, assim você fica tranquila.

— Vai comigo?

— Claro.

— Mas por que, Lala, fizeram uma coisa dessas?

Lala apagou o cigarro num prato ao lado da cama e se serviu de outro copo de uísque. Misturou-o com Coca-Cola e mexeu o gelo com um dedo.

— Eu não acho que seja o seu menino. Esse que mataram... Eles estavam com raiva. É uma mensagem para alguém.

— Uma vingança dos traficantes?

— É bem assim que os traficantes matam.

Ficamos caladas. Tive medo. Havia traficantes assim em Constitución? Como os que me surpreendiam quando eu lia sobre o México, dez cadáveres sem cabeça pendurados numa ponte, seis cabeças arremessadas de um carro à escadaria de uma assembleia legislativa, uma vala com setenta e três mortos, alguns decapitados, outros sem braços? Lala fumou em silêncio e programou o despertador. Decidi faltar ao trabalho e ir direto ao juizado para contar tudo o que sabia sobre o menino sujo.

* * *

De manhã, ainda com dor de cabeça, preparei café para Lala e para mim. Ela pediu para usar o banheiro, escutei a ducha e percebi que ela ia passar pelo menos meia hora ali dentro. Liguei de novo a televisão: o jornal não tinha informações novas. Eu também não as encontraria na internet, que, além do mais, seria um caldeirão de boatos e loucura.

O noticiário da manhã dizia que havia aparecido uma mulher para reclamar o menino decapitado. Uma mulher chamada Nora, que tinha chegado ao necrotério com um bebê recém-nascido nos braços e alguns familiares. Quando escutei aquilo de “bebê recém-nascido”, o coração me deu um coice no peito. Era definitivamente o menino sujo, então. A mãe não tinha ido buscar o corpo antes porque — que casualidade mais espantosa — a noite do crime havia sido a noite do parto. Fazia sentido. O menino sujo tinha ficado sozinho enquanto a mãe paria e aí...

Aí o quê? Se era uma mensagem, se era uma vingança, não podia ser dirigida

àquela pobre mulher que havia dormido diante da minha casa tantas noites, àquela garota viciada que devia ter pouco mais de vinte anos. Quem sabe ao pai. Isso, o pai. Quem seria o pai do menino sujo?

Mas então as câmeras enlouqueceram: os cinegrafistas corriam, os repórteres perdiam o fôlego, todos se lançavam sobre a mulher que saía do juizado e gritavam: “Nora, Nora, quem você acha que fez isso com o Nachito?”

“Se chamava Nacho”, sussurrei.

E, de repente, ali estava, na tela, Nora, seu pranto e seus gritos em primeiro plano. E não era a mãe do menino sujo. Era uma mulher completamente diferente. Uma mulher de uns trinta anos, já grisalha, morena e muito gorda, certamente dos quilos que tinha ganhado na gravidez. Quase o contrário da mãe do menino sujo.

Não dava para entender o que ela gritava. Cambaleava. Alguém a amparava por trás; uma irmã, com certeza. Mudei de canal, mas todos exibiam aquela mulher gritando até que um policial se interpôs entre os microfones e os gritos e apareceu um guarda para levá-la embora. Havia muitas novidades. Conteï-as a Lala, sentada na privada enquanto ela se depilava, ajeitava a maquiagem, arrumava cuidadosamente o cabelo num coque.

— O nome dele é Ignacio, Nachito. E a família tinha registrado o desaparecimento no domingo, mas quando viram pela televisão o que ocorria não pensaram que era seu filho porque esse menino, Nachito, desapareceu em Castelar. Eles são de Castelar.

— Mas isso é longíssimo! Como veio parar aqui? Ai, princesa, que pavor tudo isso. Cancelei todos os clientes, já decidi. Não se pode cortar cabelos depois disso.

— Costuraram o umbigo, também.

— De quem, da criança?

— Sim. Parece que arrancaram as orelhas.

— Rainha, neste bairro ninguém dorme mais, estou te dizendo. Aqui a gente pode até ser delinquente, mas isso é satânico.

— É o que estão dizendo. Que é satânico. Não, satânico, não. Dizem que foi um sacrifício, uma oferenda a São Morte.

— Salve a Pombagira, salve Maria Padilha!

— Ontem à noite te contei que o menino me falou de São Morte. Não é ele, Lala, mas ele sabia.

Lala se ajoelhou diante de mim e me cravou seus enormes olhos escuros.

— A senhorita, princesa, não vai dizer nada disso. Nada. Nem à delegada nem a ninguém. Ontem à noite eu estava louca ao deixar você ir ver a juíza. Nada de nada, nós somos um túmulo, com perdão da palavra.

Dei-lhe ouvidos. Ela estava certa. Eu não tinha nada a dizer, nada a contar. Apenas uma caminhada noturna com um menino de rua que havia desaparecido, como costuma acontecer a meninos de rua. Os pais mudam de bairro e os levam junto. Unem-se a um bando de ladrões mirins ou de limpadores de vidros na avenida ou de mulas de droga; quando os usam para vender droga, têm que mudá-los de bairro o tempo inteiro. Fazem acampamento numa estação de metrô. Os meninos de rua não ficam nunca num lugar só; podem durar um tempo, mas sempre vão embora. Também fogem dos pais. Ou se vão porque aparece um tio distante que se compadece e os leva para casa, longe, no sul, uma casa numa rua de terra, para dividir um quarto com cinco primos, mas, pelo menos, para estar sob um teto. Não era estranho, de modo algum, que mãe e filho tivessem desaparecido de um dia para outro. O estacionamento onde haviam achado o menino decapitado não ficava no trajeto que o menino sujo e eu tínhamos percorrido naquela noite. E a história de São Morte? Coincidência. Lala dizia que o bairro estava cheio de devotos de São Morte, todos os imigrantes paraguaios e o pessoal de Corrientes eram fiéis do santinho, mas isso não os tornava assassinos; ela era devota da Pombagira, que tem o aspecto de uma mulher-demônio, com chifres e tridente, e isso por acaso a tornava uma assassina satânica?

Claro que não.

— Quero que você fique uns dias comigo, Lala.

— Claro, princesa, eu mesma preparo meus aposentos.

Lala adorava minha casa. Gostava de pôr música bem alta e descer as escadas devagar, com seu turbante e um cigarro, uma mulher fatal negra, “sou Josephine Baker”, dizia, e depois se lamentava por ser a única travesti de Constitución que tinha a remota ideia de quem era Josephine Baker, você não tem noção de como são toscas essas meninas novas, ignorantes e ocas como um encanamento. São cada vez piores. Está tudo perdido.

* * *

Custava-me caminhar pelo bairro com a segurança de antes do crime. O assassinato de Nachito havia exercido um efeito quase narcótico sobre aquela zona de Constitución. À noite não se escutava brigas, os traficantes tinham mudado para umas quadras mais ao sul. Havia policiais demais monitorando o lugar onde o corpo tinha sido encontrado. Que, diziam os jornais e os investigadores, não havia sido a cena do crime. Alguém o depositara, já morto, no velho estacionamento.

Na esquina onde costumavam dormir o menino sujo e sua mãe, os moradores

fizeram um altar para o Degoladinho, como o chamavam. E puseram uma foto que dizia “Justiça para Nachito”. Apesar das aparentes boas intenções, os investigadores não acreditavam totalmente na comoção do bairro. Pelo contrário: pensavam que estavam encobrindo alguém. Por isso a delegada havia ordenado que muitos moradores fossem interrogados.

Também fui chamada para depor. Não avisei a Lala para que não se desesperasse. A ela não havia chegado a notificação. Foi uma entrevista muito curta, e eu não disse nada que pudesse lhes servir.

Naquela noite, tinha dormido profundamente.

Não, não escutei nada.

Há vários meninos de rua no bairro, sim.

Mostraram-me a foto de Nachito. Neguei tê-lo visto. Não mentia. Era completamente diferente dos meninos do bairro: gordinho, com covinhas e cabelo bem penteado. Jamais tinha visto um menino assim (e sorridente!) em Constitución.

Não, nunca vi altares de magia negra na rua nem em casa alguma. Somente do Gauchito Gil. Pela rua Ceballos.

Se eu sabia que o Gauchito Gil tinha morrido degolado? Sim, o país inteiro conhece o mito. Eu não creio que tenha a ver com o Gauchito, os senhores creem?

Não, claro, não precisam me responder nada. Bom, seja como for, eu não creio, mas não sei nada sobre rituais.

Trabalho como designer gráfica. Para um jornal. Para o suplemento Moda & Mulher. Por que moro em Constitución? É a casa da minha família e é uma casa bonita, podem vê-la quando forem ao bairro.

Claro que aviso aos senhores se ouvir alguma coisa. Sim, estou com dificuldade para dormir, como todos. Estamos com muito medo.

Ficou claro que não suspeitavam de mim, mas tinham que falar com os moradores. Voltei para casa de ônibus a fim de evitar as cinco quadras que precisaria caminhar se usasse o metrô. Desde o crime, preferia não usar o metrô porque não queria me deparar com o menino sujo. E, ao mesmo tempo, queria voltar a vê-lo de uma maneira obsessiva, doentia. Apesar das fotos, apesar das provas — inclusive das fotos do cadáver, que um jornal tinha publicado para falso escândalo e horror do público, que esgotou várias edições com o menino decapitado na primeira página —, eu seguia acreditando que o menino sujo era o morto.

Ou que seria o próximo. Não era uma ideia racional. Disse isso a Lala no salão, na tarde em que decidi voltar a tingir as pontas de cor-de-rosa, um trabalho de horas. Agora ninguém folheava revistas nem pintava as unhas nem

mandava mensagens de texto quando tinha que esperar a vez no salão de Lala. Agora só se falava no Degoladinho. O tempo de silêncio prudente havia terminado, mas eu ainda não ouvira ninguém nomear um suspeito de maneira não genérica. Sarita contava que, em seu vilarejo, no Chaco, havia ocorrido algo semelhante, mas com uma menina.

— Foi encontrada com a cabeça ao lado do corpo, também, e muito violada, pobre alminha, estava toda cagadinha em volta.

— Sarita, por favor — pediu Lala.

— Mas, se foi assim, o que você quer que eu diga? É coisa de bruxos.

— A polícia acha que são traficantes — afirmei.

— Está cheio de traficantes bruxos — disse Sarita. — Lá no Chaco você nem imagina. Fazem rituais para pedir proteção. Por isso cortaram a cabeça e a puseram no lado esquerdo. Acreditam que, fazendo essas oferendas, a polícia não os pega, porque as cabeças têm poder. Não são apenas traficantes de drogas, também estão envolvidos no tráfico de mulheres.

— Mas você acha que tem isso aqui, em Constitución?

— Estão em toda parte — respondeu Sarita.

Sonhei com o menino sujo. Eu saía à sacada e ele estava no meio da rua. Eu fazia sinais com a mão para que ele se movesse porque vinha um caminhão muito rápido. Mas o menino sujo continuava olhando para cima, olhando para mim e para a sacada, sorrindo, os dentes imundos e pequeninos. E o caminhão o atropelava e eu não podia deixar de ver como a roda arrebentava o ventre como se fosse uma bola de futebol e arrastava os intestinos até a esquina. No meio da rua ficava a cabeça do menino sujo, ainda sorridente e com os olhos abertos.

Acordei suada, tremendo. Da rua vinha uma *cumbia* sonolenta. Pouco a pouco, voltavam alguns sons do bairro, as brigas de bêbados, a música, as motos com o cano de descarga aberto para fazer barulho, um sucesso entre os adolescentes. A investigação estava sob segredo de justiça, uma maneira de dizer que a desorientação era total. Visitei minha mãe várias vezes, e quando pediu que eu me mudasse para junto dela, pelo menos por um tempo, respondi que não. Acusou-me de louca e discutimos aos gritos, como nunca antes.

* * *

Naquela noite eu voltava tarde porque, depois de sair da redação, tinha ido à festa de aniversário de uma colega de trabalho. Era uma das últimas noites do verão. Voltei de ônibus e descii antes, para caminhar pelo bairro sozinha. Já sabia me mover de novo. Se a pessoa sabe se mover, Constitución é bastante fácil. Ia fumando. Então a vi.

A mãe do menino sujo era magra, sempre tinha sido magra, inclusive durante a gravidez. Vendo-a de costas, ninguém teria adivinhado sua barriga. É o tipo físico comum das viciadas: os quadris permanecem estreitos como se resistissem a abrir espaço para o bebê, o corpo não produz gordura, as coxas não se alargam; aos nove meses, as pernas são duas varetas frágeis que sustentam uma bola de basquete, uma mulher que engoliu uma bola de basquete. Agora, sem a barriga, a mãe do menino sujo parecia mais do que nunca uma adolescente apoiada numa árvore, tentando acender seu cachimbo de crack sob a luz do poste, sem se importar com a polícia — que rondava muito mais o bairro depois do crime do Degoladinho — nem com os outros viciados nem com nada.

Eu me aproximei devagar e, quando ela me viu, houve um reconhecimento imediato em seus olhos. Imediato! Os olhos se estreitaram, se achinesaram: ela quis sair correndo, mas algo a paralisou. Uma tontura, quem sabe. Aqueles segundos de dúvida me serviram para bloquear a passagem, parar diante dela, obrigá-la a falar. Empurrei-a contra a árvore e a mantive ali. Ela não tinha força suficiente para resistir.

— Onde está seu filho?

— Que filho? Me solta.

Nós duas falávamos baixo.

— Seu filho. Você sabe muito bem do que estou falando.

A mãe do menino sujo abriu a boca e me deu náuseas seu hálito de fome, doce e podre como uma fruta ao sol, misturado com o cheiro medicinal da droga e aquele fedor de queimado; os viciados fedem a borracha queimada, a fábrica tóxica, a água contaminada, a morte química.

— Eu não tenho filho.

Apertei-a mais contra a árvore, agarrei-a pelo pescoço. Não sei se ela sentia dor, mas lhe cravei as unhas. De qualquer maneira, não ia se lembrar de mim dentro de algumas horas. Eu também não tinha medo da polícia. Além do mais, não iam se preocupar com uma briga de mulheres.

— Vai me dizer a verdade. Até pouco tempo atrás você estava grávida.

A mãe do menino sujo quis me queimar com o isqueiro, mas percebi a tempo sua intenção, a mão magra que tentava aproximar a chama do meu cabelo, queria me incendiar, a filha da puta. Apertei-lhe o pulso com tanta força que o isqueiro caiu na calçada. Ela parou de resistir.

— EU NÃO TENHO FILHO! — gritou, e sua voz grossa demais, doente demais, me despertou.

O que eu estava fazendo? Enforcando uma adolescente moribunda em frente à minha casa? Talvez minha mãe tivesse razão. Talvez eu precisasse me mudar. Talvez, como ela dissera, eu tivesse uma fixação pela casa porque me permitia

viver isolada, porque ali ninguém me visitava, porque estava deprimida e inventava para mim mesma histórias românticas sobre um bairro que, na verdade, era uma merda, uma merda, uma merda. Foi isso o que minha mãe gritou e eu jurei não falar mais com ela, mas agora, com o pescoço da jovem viciada entre as mãos, pensei que minha mãe podia ter um pouco de razão.

Talvez eu não fosse a princesa no castelo, mas a louca encarcerada na torre.

A menina viciada se soltou das minhas mãos e começou a correr, devagar: estava meio sufocada. Mas quando chegou na metade da quadra, justo onde a luz principal a iluminava, deu meia-volta. Ria, e a luz evidenciava que suas gengivas sangravam.

— Eu dei ele! — gritou.

O grito foi para mim, ela me olhava nos olhos, com aquele horrendo reconhecimento. E depois acariciou o ventre vazio com as duas mãos e disse, bem claro e alto:

— E este eu também dei. Prometi os dois.

Corri atrás dela, mas a mulher era rápida. Ou tinha ficado rápida de repente, não sei. Cruzou a praça Garay como um gato e consegui segui-la, mas quando o tráfego começou a andar na avenida ela deu um jeito de atravessar entre os carros, e eu, não. Eu já não podia respirar. Minhas pernas tremiam. Alguém se aproximou para perguntar se a menina tinha me roubado e eu disse que sim, com a esperança de que a perseguissem. Mas não: simplesmente me perguntaram se eu estava bem, se queria tomar um táxi, e o que haviam roubado.

Um táxi, sim, falei. Parei um e pedi que me levasse para casa, a apenas cinco quadras dali. O motorista não se queixou. Estava acostumado àquele tipo de viagem curta naquele bairro. Ou quem sabe não estivesse com vontade de resmungar. Era tarde. Devia ser sua última corrida antes de voltar para casa.

Quando fechei a porta, não senti o alívio dos cômodos frescos, da escada de madeira, do pátio interno, dos azulejos antigos, do pé-direito alto. Acendi a luz, e a lâmpada piscou: vai queimar, pensei, vou ficar às escuras, mas por fim se estabilizou. Embora fosse uma luz amarelenta, antiga, de baixa tensão. Sentei no chão, com as costas apoiadas na porta. Esperava os golpes suaves da mão pegajosa do menino sujo ou o ruído de sua cabeça rodando pela escada. Esperava o menino sujo que ia me pedir, mais uma vez, para deixá-lo entrar.

A HOSPEDARIA

A fumaça do cigarro lhe causava náuseas, era sempre assim quando a mãe fumava no carro. Mas não se atrevia a pedir que o apagasse porque ela estava de muito mau humor. Bufava, e a fumaça saía pelo nariz e subia aos olhos. No banco de trás, a irmã, Lali, escutava música com os fones enfiados nos ouvidos. Ninguém falava. Florencia olhou pela janelinha as mansões de Los Sauces e esperou com ansiedade o túnel e a represa e os morros avermelhados. Nunca se cansava da paisagem, apesar de vê-la várias vezes por ano, sempre que iam à casa de Sanagasta.

Aquela viagem era diferente. Não era por gosto. Seu pai quase as obrigara a partir de La Rioja. Na noite anterior, Florencia havia escutado a briga, e de manhã a decisão estava tomada: até as eleições, enquanto o pai estivesse em campanha para vereador da capital da província, elas ficariam em Sanagasta. O problema era Lali. Saía todos os fins de semana e se embriagava e tinha muitos namorados. Lali tinha quinze anos, o cabelo comprido que chegava abaixo da cintura, liso e escuro. Era bonita, embora devesse usar menos maquiagem, abandonar as unhas compridas e vermelhas e aprender a andar de salto alto. Florencia a via com suas botas novas e tinha vontade de rir do modo como caminhava, tão torta e lenta, com tanto cuidado; achava a sombra azul que a irmã usava nas pálpebras ridícula e os brincos de pérola horríveis. Mas entendia que os homens gostassem e que seu pai não a quisesse dando voltas por La Rioja durante a campanha. Florencia tivera que defender a irmã várias vezes depois das aulas, aos socos. Sua irmã, a puta, a vadia, a boqueteira, a chupa-rola, já comeram o cu dela e tudo o mais. Sempre eram meninas que insultavam Lali. Uma vez tinha voltado para casa com o lábio cortado depois de uma briga na praça e, enquanto se lavava no banheiro e pensava na mentira que contaria aos pais — que tinha tomado uma bolada no treino de vôlei —, sentiu-se uma idiota. A irmã nunca lhe agradecia por defendê-la. Nunca falava com ela, na verdade. Não se importava com o que diziam dela, não se importava que Florencia brigasse por ela, não se importava com Florencia. Ficava o tempo todo no quarto provando roupas e escutando música idiota, bobagens românticas, *você vai me*

ver chegar, vai ouvir minha canção, vai entrar sem pedir a chave, a distância e o tempo não sabem a falta que você faz ao meu coração, todo dia a mesma música, dava vontade de matá-la. Florencia não se dava bem com a irmã, mas não conseguia deixar de se irritar quando a chamavam de puta. Não gostava que chamassem ninguém de puta: teria brigado por qualquer uma.

A ela nunca chamariam de puta, disso tinha certeza. Baixou o vidro para ver melhor a represa e a Pollera de la Gitana, aquela parte do morro que parecia a marca de uma catarata de sangue já seco. O ar um pouco úmido encheu-lhe a boca. A ela chamariam de sapatão, mostra, doente, sabe-se lá que coisas.

Mamãe, põe música, pode ser?, que minhas pilhas acabaram, disse Lali.

Não fode, filha, que minha cabeça está explodindo e tenho que dirigir.

Que chata você é.

Cala a boca, Lali, ou eu te arrebento.

Estava feia a coisa, pensou Florencia. A mãe não gostava de Sanagasta. Como muito riojanos, ia para lá no verão, quando o calor da capital da província chegava a cinquenta graus e na hora da sesta não se conseguia dormir e dava vontade de morrer. Sempre falava de Uspallata ou do mar, estava farta daquela cidadezinha sem restaurantes, com gente fechada e antipática e o mercado de artesanato que nunca variava a oferta, nem sequer trocava as coisas de lugar! Estava farta da procissão da Virgem Menina, das grutas por todo lado, do fato de que no povoado havia três igrejas e nenhum lugar para tomar um café. Se alguém lhe dizia que podia tomar um café na Hospedaria, se enfurecia também. Estava farta da Hospedaria. Da amabilidade de Elena, a dona, que lhe parecia uma mulher falsa e convencida. Farta de que a única diversão fosse jantar frango ao forno na Hospedaria, jogar na roleta e nas maquininhas do cassino da Hospedaria, conhecer algum turista europeu na Hospedaria. Por sorte, costumava dizer, eles tinham uma piscina em casa; caso contrário teriam que usar a da Hospedaria, e aí ela ficaria louca. Nem uma churrascaria no povoado, resmungava. Nem uma churrascaria.

Chegaram a Sanagasta ao mesmo tempo que a primeira van da tarde, por volta das seis e meia. O sol, já baixo, mudava a cor dos morros, e o verde das árvores do vale era de musgo aveludado. Lali chorava. Detestava Sanagasta e estava tão irritada, tão convencida de que, quando terminasse o segundo grau, escaparia para Córdoba, onde morava um de seus namorados... Florencia havia escutado o plano de fuga quando ela o contara por telefone a uma amiga.

A casa estava bastante fresca, e a mãe, sempre friorenta, ligou o aquecedor. Florencia saiu para o jardim: a casa de fim de semana da família era bem pequena porque o pai havia preferido um terreno muito grande para ter piscina, árvores, espaço para os cachorros correrem, um caramanchão e até flores; ela

adorava flores, muito mais que a mãe, que preferia cactos. Florencia sentou-se na espreguiçadeira de balanço e começou a identificar as cores: o laranja e o fúcsia das flores, o turquesa da piscina, o verde-abacate, o cor-de-rosa da casa. Mandou uma mensagem para a melhor amiga, Rocío, que morava em Sanagasta: “Já cheguei, vem me buscar”. Tinham muito que conversar: Rocío lhe adiantara por e-mail que também estava com problemas em casa. Quer dizer, estava com problemas com o pai, porque a família de Rocío era mínima: a mãe havia morrido e ela não tinha irmãos. A amiga respondeu dizendo que se encontrassem no quiosque, já aberto àquela hora, e Florencia saiu correndo sem avisar, com um pouco de dinheiro no bolso para tomar uma Coca. De tudo o que gostava em Sanagasta, uma de suas coisas favoritas era poder sair de casa sem avisar e sem que seus pais se aborrecessem ou se assustassem.

Havia cheiro de queimado no ar, provavelmente uma fogueira de folhas caídas. Era o momento mais lindo do dia. Rocío a esperava sentada numa das cadeiras de plástico do quiosque, que servia sanduíches e empanadas à noite, usando um short jeans desfiado, uma camiseta branca, o cabelo solto e com a mochila embaixo da mesa. Florencia a beijou, sentou e não pôde evitar olhar para as pernas da amiga, a penugem dourada que com a luz do entardecer parecia purpurina derramada. Pediram uma Coca de dois litros, e Florencia quis saber tudo.

Fazia anos que o pai de Rocío trabalhava na Hospedaria como guia de turismo: levava os hóspedes ao parque arqueológico, à represa, à gruta de Salamanca. Era o funcionário favorito dos chefes; usava a 4x4 da dona quando a caminhonete dele quebrava, comia de graça no restaurante quando queria, usava o bilhar e a mesa de totó sem pagar, e no povoado diziam que era amante de Elena. Rocío negava, o pai não iria se meter com a dona da Hospedaria, aquela convencida, dizia. Florencia tinha feito todos os roteiros turísticos com Rocío e seu pai. Ele era um guia incrível, cuidadoso e simpático: era tão divertido que as pessoas não se cansavam mesmo que estivessem escalando um morro debaixo de um sol tremendo.

Não acredito que Elena demitiu seu pai, o que aconteceu?

Rocío limpou a Coca-Cola que tinha ficado em cima do lábio, um bigode marrom.

As coisas já andavam meio mal, contou, porque Elena tinha problemas de dinheiro e estava histérica, mas tudo desandou quando o pai contou a uns turistas de Buenos Aires que a Hospedaria tinha sido uma escola de polícia até trinta anos antes, antes de virar hotel.

Mas o pai sempre fala isso nos passeios quando conta a história do povoado, disse Florencia.

Sim, mas Elena não sabia. Aqueles turistas se interessaram pela informação, quiseram saber mais e perguntaram diretamente a ela. Foi aí que ficou sabendo que meu pai contava a história da escola de polícia, eles brigaram e ela o demitiu.

Por que ficou com tanta raiva?

Não quer que os turistas pensem mal, diz meu pai, porque foi escola de polícia na ditadura, lembra o que estudamos no colégio?

Como assim, mataram gente lá?

Meu pai diz que não, que Elena se aflige à toa, que ali foi escola de polícia, nada mais.

Rocío disse que era uma desculpa de Elena essa coisa da escola de polícia na ditadura, que não lhe importava nada aquela história, pois tinha comprado a Hospedaria havia dez anos. Que estava de saco cheio de seu pai, queria demiti-lo e se agarrou àquilo. Andava mal de dinheiro, tinha que demitir gente. Elena tirara de seu pai a chave da Hospedaria, pedira-lhe uns pesos para consertar algumas coisas no carro que ele não havia quebrado, que estavam simplesmente deterioradas pelo uso, e o proibira de fazer os tours por conta própria sob ameaça de processo legal. E tudo isso sem pagar o último mês de trabalho.

Mas ele pode fazer os passeios do mesmo jeito, o que é que tem a ver?

Não vai mais fazê-los, não quer ter problemas. Além disso, diz que está farto dessa gente de Sanagasta, quer ir embora daqui.

Rocío terminou seu copo de Coca e chamou o cachorro do quiosque, que se aproximou e pareceu decepcionado quando recebeu carícias em vez de comida.

Eu não quero ir, gosto daqui, quero fazer o ensino médio em La Rioja, com você e as meninas.

Florencia se agachou para afagar as orelhas do cachorro, que havia chegado mais perto dela para tentar a sorte, e assim ela pôde esconder um pouco o rosto. Não queria que Rocío a visse prestes a chorar. Se a amiga fosse embora de Sanagasta, ela fugiria junto, não queria nem saber. Mas então escutou a melhor notícia possível, a melhor notícia que tinha escutado na vida.

Falei com ele, pedi para ficarmos, e meu pai disse que vamos nos mudar de Sanagasta, mas para La Rioja, ele até já acertou um trabalho lá com a secretaria de turismo, não é ótimo?

Florencia apertou os lábios e depois disse que aquilo era maravilhoso. Terminou seu copo de Coca-Cola para dissimular a emoção. Vamos para a praça das rosas, disse Rocío, que os botões abriram, você não tem ideia de como estão lindas as flores.

O cachorro as acompanhou, e também um resto de Coca-Cola na garrafa. Já era quase noite. Todas as ruas do centro de Sanagasta eram asfaltadas e

iluminadas. Através das janelas de algumas casas era possível ver as pessoas reunidas, muitas mulheres, rezando o terço. Florencia tinha um pouco de medo dessas reuniões, sobretudo quando havia velas acesas e a chama bruxuleante iluminava os rostos e os olhos fechados. Parecia um funeral. Em sua família ninguém rezava. Nisso eram muito estranhos.

Rocío se sentou num dos bancos e disse por fim: Flor, agora posso te contar, lá no quiosque não dava, porque alguém podia ouvir. Você tem que me ajudar com uma coisa.

Com o quê?

Não, primeiro diz que vai me ajudar, promete.

Tá bom.

Agora posso te mostrar, então.

Rocío abriu a mochila que havia carregado por todo o caminho até a praça e lhe mostrou o conteúdo, que sob a luz do poste fez Florencia saltar: pareceu-lhe que aquela carne era um animal morto, um pedaço de corpo humano, algo macabro. Mas não: eram bifes de contrafilé. Para se acalmar e para que Rocío não risse de seu momento de pânico, disse o que você quer, que eu te ajude a fazer um churrasco?

Não, idiota, é para fazer a Elena cagar de medo.

Então Rocío explicou o plano, e dava para ver em seus olhos que ela odiava Elena. Sabia, dava para perceber, que a mulher era namorada de seu pai. Sabia que tinham discutido sobre a história da escola de polícia, mas que o verdadeiro problema era outro. No entanto, não admitia isso. Mas era óbvio, pelo modo como falava dela, porque a voz tremia de alegria quando a imaginava humilhada. Era óbvio que queria castigar Elena e defender sua mãe. Florencia fez força com a mente, tinham lhe dito uma vez que, se desejasse de verdade uma coisa, podia conseguir que acontecesse, e ela queria que Rocío confiasse nela, que se confessasse. Se o fizesse, seriam de fato inseparáveis. Mas Rocío não o fez, e a Florencia só restou aceitar unir-se a ela depois do jantar, na parte dos fundos da Hospedaria, com uma lanterna.

* * *

Dava para entrar pela piscina, aquela parte estava sempre aberta. Em Sanagasta, aliás, ninguém fechava as portas com chave. Estava fora da temporada, de modo que todo o grande edifício da Hospedaria, que rodeava o jardim da piscina como uma ferradura, permanecia desativado. Só o prédio da frente, que dava para a rua, estava sendo utilizado; a separação entre ambos era o cassino, localizado no meio, também desativado naquela época do ano, exceto quando alguém o

alugava para um evento especial. O formato da Hospedaria era estranho e, de fato, lembrava muito um quartel.

Florencia e Rocío entraram descalças para não fazer barulho. Tinham chaves porque o pai de Rocío ficara com um molho da porta dos fundos e uma cópia da chave mestra dos apartamentos. Certamente pensava em devolvê-las, mas no furor da briga acabara esquecendo, pensava Rocío. Ao ver as chaves, ela teve a ideia: entrar na Hospedaria de noite, enquanto a encarregada dormia num quarto do edifício da frente, bem longe. Invadir vários quartos, fazer buracos nos colchões — que eram de espuma de borracha: para cortá-los não era preciso nem uma boa faca —, enfiar um bife dentro de cada um e voltar a arrumar as camas. Em poucos meses, o cheiro de carne em decomposição seria insuportável e, com sorte, demorariam muito para encontrar a origem do fedor. Florencia se surpreendeu com a maldade do plano, e Rocío lhe disse que tinha visto o método num filme.

Mal abriram a porta, apareceu o Negro, um dos cães da Hospedaria, o mais guardião. Mas Negro conhecia Rocío e lambeu a mão dela. Para tranquilizá-lo ainda mais, ela lhe deu um dos bifos, e o cachorro foi comê-lo perto de um cacto. Entraram sem problemas. O corredor estava muito escuro, e quando acendeu a lanterna Florencia sentiu um medo brutal: tinha certeza de que ia iluminar uma cara branca que correria na direção delas ou que o facho de luz deixaria ver os pés de um homem escondendo-se num canto. Mas não havia nada. Nada além das portas dos quartos, algumas cadeiras, o cartaz que indicava os banheiros, a salinha de internet, com o computador desligado e algumas fotos emolduradas das *Chayas** de anos anteriores; a Hospedaria sempre lotava na *Chaya*, e se organizavam festivais *chayeros* no parque.

Rocío fez sinal para que ela se apressasse. Estava linda na penumbra, pensou Florencia, com o cabelo preso num rabo de cavalo e um pulôver escuro, porque de noite em Sanagasta sempre fazia frio. No silêncio do edifício vazio podia escutar sua respiração agitada. Estou supernervosa, Rocío sussurrou-lhe ao ouvido e levou ao peito a mão de Florencia que não carregava a lanterna. Olha como meu coração está batendo. Florencia deixou que Rocío apertasse sua mão contra aquela maciez e teve uma sensação estranha, vontade de fazer xixi, um formigamento embaixo do umbigo. Rocío soltou a mão de Florencia e se meteu num dos quartos, mas a sensação ficou ali, e Florencia teve que agarrar a lanterna com as duas mãos, porque a luz tremia.

Rasgar o colchão com a faca de cozinha foi fácil, tal como Rocío havia previsto. Também não tiveram dificuldade de introduzir o bife pelo buraco. De lado dava para notar a abertura feita pela faca, mas quando as duas puseram de novo os lençóis o truque se mostrou perfeito. Ninguém seria capaz de perceber a

carne dentro do colchão; pelo menos não no primeiro momento. Fizeram o mesmo em outros dois apartamentos, e Florencia, que começava a ficar com medo, disse: por que não vamos embora, a coisa já está feita. Não, ainda restam seis bifês, vamos, disse Rocío, e Florencia teve que segui-la.

Entraram em um quarto que dava para a rua, precisavam ter muito cuidado para que não se visse de fora a luz da lanterna, porque a persiana não estava bem fechada, até entrava um pouco da iluminação dos postes. Àquela hora ninguém andava por Sanagasta, mas nunca se sabia. E se alguém pensasse que havia ladrões na Hospedaria e atirasse nelas? Tudo podia acontecer. Conseguiram fazer o rasgo, enfiar o bife e arrumar a cama sem problemas.

Ai, estou cansada, disse Rocío, vamos deitar um pouco.

Você é louca.

Não tem problema, vai, vamos descansar.

Quando iam deitar na cama de casal recém-arrumada, porém, chegou de fora um ruído que as obrigou a se agacharem, assustadas. Foi repentino e impossível: o barulho do motor de um carro ou de uma caminhonete, a um volume tão alto que não podia ser real, tinha que ser uma gravação. E depois mais um motor, e então alguém começou a bater com algo metálico nas persianas e as duas se abraçaram na escuridão gritando, porque aos motores e às pancadas nas janelas se juntaram corridas de muitos pés ao redor da Hospedaria e gritos de homens; e os homens que corriam agora batiam em todas as janelas e as persianas e iluminavam com os faróis do caminhão ou caminhonete ou carro o quarto onde elas estavam, por entre as frestas da persiana podiam ver os faróis, o carro estava subindo o jardim e os pés continuavam correndo e as mãos batendo e algo metálico também batia e havia gritos de homem, muitos gritos de homem; alguém dizia: “Vamos, vamos”, escutou-se um vidro quebrado e mais gritos. Florencia sentiu que se urinava, não pôde se conter, não pôde, e não conseguia mais gritar porque o medo não a deixava respirar.

Os faróis do carro se apagaram e a porta do quarto se escancarou.

As garotas tentaram se levantar, mas tremiam demais. Florencia achou que ia desmaiar. Escondeu o rosto no ombro de Rocío e a abraçou até machucá-la. Tinham entrado duas pessoas. Uma acendeu a luz, e as meninas puderam ver Elena, a dona da Hospedaria, e a empregada que cuidava do lugar à noite. O que vocês estão fazendo aqui, perguntou Elena quando as reconheceu, e a empregada baixou a pistola que trazia na mão. Enfurecida, a dona da Hospedaria levantou-as pelos ombros, mas se deu conta de que as garotas estavam assustadas demais: ouvira as duas gritarem como se as estivessem matando. Seus próprios gritos as haviam delatado. As garotas não tinham medo dela, algo mais acontecera, mas Elena não imaginava o quê e, quando tentou interrogá-las, elas choraram ou lhe

perguntaram se aquilo tinha sido o alarme da Hospedaria, o que tinha sido aquela barulheira e os sujeitos que batiam em tudo. Que alarme, perguntou Elena várias vezes, de que sujeitos vocês estão falando, mas as garotas não pareciam entender. Uma das duas, a filha do advogado candidato a vereador de La Rioja, ainda por cima tinha se mijado. A filha de Mario carregava uma mochila cheia de bifés. O que era aquilo tudo, Deus do céu. Por que haviam gritado daquele jeito e durante tanto tempo. Telma, a empregada, dizia que as escutara chorar e uivar durante uns cinco minutos.

Foi a filha de Mario que falou primeiro e com mais tranquilidade; disse que tinham escutado carros, que tinham visto faróis, mencionou outra vez correrias e pancadas nas janelas. Elena se irritou. A fedelha estava mentindo, inventando aquela história de fantasmas para arruinar a Hospedaria assim como Mario desejara arruiná-la; ela a traía como Mario, com certeza por ordem dele. Não quis escutar mais nada. Telefonou para a mulher do advogado e para Mario, contou-lhes que tinha encontrado as garotas na Hospedaria e pediu-lhes que fossem buscá-las. Desta vez não vou chamar a polícia, disse, mas se voltar a acontecer vão parar na delegacia.

O abraço de Rocío e Florencia foi desfeito aos puxões quando foram buscá-las. Amanhã te ligo, disseram uma à outra, foi tudo certo, tocou um alarme, não, não era um alarme, diziam-se coisas ao pé do ouvido e não escutavam a fúria de seus pais, que exigiam explicações, explicações que não iriam receber naquela noite. A mãe de Florencia trocou a calça mijada da filha em silêncio, com cara de preocupada. Amanhã você vai me contar tudo, disse, e lhe custava continuar fingindo cólera: notava-se que estava um pouco assustada. Ah, e você não vai mais ver sua amiga. Até que seu pai nos diga para voltar a La Rioja, você fica em casa o tempo todo. De castigo e sem protestar. Fedelhas de merda, quem me mandou essa desgraça, posso saber?

Florencia ergueu a manta até quase cobrir o rosto e decidiu que nunca mais apagaria o abajur. Não se importava com a ameaça de não ver Rocío: tinha muito crédito no celular e sabia que, no final, a mãe iria afrouxar. Agora o que a preocupava muito mais era dormir. Estava com medo dos homens que corriam, do carro, dos faróis. Quem eram? Para onde tinham ido? E se voltassem para buscá-la outra vez, outro dia? E se a seguissem até La Rioja? A porta do quarto estava entreaberta, e ela começou a transpirar quando viu que alguém se movia no corredor, mas era somente a irmã.

O que aconteceu?

Nada, me deixa em paz.

Você se *mijou*. Alguma coisa aconteceu.

Me deixa.

Lali franziu a boca e depois sorriu.

Vai acabar me contando, não vai ter jeito, uma semana presa comigo nesta casa de merda. Pode esquecer sua amiguinha.

Vai cagar.

Vai cagar você. E é melhor me contar, senão...

Senão o quê.

Senão eu conto à mamãe que você é sapata. Todo mundo percebe, menos ela. Pegaram você aos amassos com sua amiga, né?

Lali riu, apontou um dedo para Florencia e fechou a porta.

* *La Chaya*: festa ancestral popular da região de La Rioja, na Argentina. Hoje é comemorada junto ao Carnaval, em fevereiro, e atrai turistas de todo o país e do exterior. (N. T.)

OS ANOS INTOXICADOS

1989

Naquele verão, cortava-se a eletricidade em turnos de seis horas, uma ordem do governo porque o país não tinha mais energia, e nós não entendíamos muito bem o que isso significava. Nossos pais diziam que o ministro de Obras Públicas havia anunciado as medidas necessárias para evitar um apagão generalizado em uma sala iluminada apenas por um lampião: como num acampamento, repetiam. O que seria um apagão generalizado? Queria dizer que íamos ficar no escuro para sempre? A possibilidade era incrível, estúpida, ridícula. Os adultos são inúteis, pensávamos, que inúteis eles. Nossas mães choravam na cozinha porque não tinham dinheiro ou não tinham luz ou não podiam pagar o aluguel ou a inflação lhes havia comido o salário até não sobrar mais do que para o pão e a carne barata, mas nós não sentíamos pena, essas coisas nos pareciam tão idiotas e ridículas quanto a falta de eletricidade.

Tínhamos um furgão naquela época. Era do namorado de Andrea, a mais linda de nós, a que sabia cortar calças jeans para transformá-las em shorts fabulosos e usava tops decotados que comprava com o dinheiro que roubava da mãe. O nome do namorado não importa, ele tinha um furgão que usava durante a semana para distribuir mercadoria, mas nos fins de semana era todo nosso. Fumávamos uma maconha venenosa trazida do Paraguai que quando estava seca fedia a urina e pesticida, mas era barata e eficaz. Nós três fumávamos e quando já estávamos totalmente loucas entrávamos na parte de trás do furgão, que não tinha janelas nem luz alguma porque não havia sido projetada para pessoas, havia sido projetada para carregar latas de ervilha e grão-de-bico. Pedíamos ao namorado de Andrea que dirigisse muito rápido, que freasse bruscamente, que girasse várias vezes ao redor da rotunda de entrada da cidade, pedíamos que acelerasse nas esquinas e nos fizesse saltar nas lombadas; e ele fazia tudo porque estava apaixonado por Andrea e tinha esperança de que um dia ela o amasse também.

Nós gritávamos e caíamos uma em cima da outra; era melhor que montanha-russa e que álcool. Esparramadas no escuro, sentíamos que cada pancada na

cabeça podia ser a última e, às vezes, quando o namorado de Andrea tinha que parar porque algum sinal vermelho o detinha, nos procurávamos no escuro para comprovar se ainda estávamos vivas. E ríamos aos gritos, suadas, às vezes ensanguentadas. O interior do furgão cheirava a estômagos vazios e cebola, às vezes também ao xampu de maçã que compartilhávamos. Compartilhávamos muitas coisas: roupas, o secador de cabelo, a cera para depilação; as pessoas diziam que éramos parecidas, fisicamente parecidas, mas não passava de uma ilusão de ótica, porque copiávamos umas das outras os gestos e a forma de falar. Andrea era bonita, alta, com pernas finas e separadas; Paula era loura demais e, quando passava muito tempo ao sol, ficava horivelmente vermelha, e eu não conseguia ter a barriga chapada e nem fazer com que minhas coxas deixassem de roçar umas nas outras e assar quando eu andava.

O namorado de Andrea nos fazia descer depois de uma hora, quando se cansava ou ficava com medo de que a polícia parasse o furgão e pensasse que ele estava sequestrando garotas. Às vezes nos deixava na porta da casa de uma de nós, às vezes na praça Itália, onde comprávamos dos hippies da feira de artesanato aquela maconha venenosa que se chamava Ponto Vermelho. Também tomávamos *clericot* que um dos hippies fazia numa lata de tomates de cinco litros, com nacos de fruta enormes porque era preguiçoso e estava sempre bêbado demais para cortar as bananas, laranjas e maçãs em pedaços menores. Uma vez encontramos uma toranja inteira e uma de nós a colocou na boca, como um leitão natalino, e correu entre as barracas; já estava de noite e os artesanatos eram iluminados com um gerador compartilhado por todos os feirantes.

Voltávamos para casa muito tarde, muitas horas depois de a feira acabar; ninguém nos dava atenção naquele verão. A duração dos cortes de eletricidade não era respeitada, de modo que passávamos as noites mais longas de nossas vidas mortas de calor em pátios e calçadas escutando rádio, usando pilhas e baterias que pareciam perder a carga cada vez mais depressa à medida que os dias passavam.

1990

O presidente tivera que entregar o cargo antes do final do mandato e ninguém gostava muito do novo, embora tivesse vencido as eleições por uma maioria impressionante. A resignação empestava o ar e as bocas torcidas das pessoas amarguradas e dos pais queixosos, a quem desprezávamos mais do que nunca. Porém, o novo presidente havia prometido que o telefone não ia demorar anos

para chegar depois que se fazia o pedido: a empresa de comunicações era tão ineficiente que alguns de nossos vizinhos esperavam o aparelho fazia uma década e, às vezes, quando os técnicos chegavam e o instalavam, havia festas espontâneas. Nunca avisavam quando viriam. Nós tínhamos telefone, todas, por pura sorte, e passávamos horas nos falando até que nossos pais nos cortavam, aos gritos. Paula decidiu, durante uma dessas conversas por telefone numa tarde de domingo, que tínhamos que começar a ir a Buenos Aires, que podíamos mentir e dizer que sairíamos à noite na nossa cidade, mas na realidade tomaríamos o ônibus que saía cedo aos sábados e passaríamos a noite lá, e de madrugada estaríamos de novo na rodoviária e de manhã em casa: nossos pais nunca saberiam.

Nunca souberam.

Eu me encantei pelo garçom de um bar que se chamava Bolívia; me rejeitou, sou veado, veado até não poder mais, me disse, e o que eu tenho a ver com isso, gritei, e tomei quase um litro de gim e se fui para a cama com alguém naquela noite não me lembro. Acordei no ônibus de volta, já de dia, com a camiseta suja de vômito. Tive que passar na casa de Andrea para me lavar antes de voltar para a minha. Na casa de Andrea ninguém fazia perguntas: o pai dela estava sempre bêbado e ela trancava o quarto à chave para evitar que ele entrasse de noite. Quando a visitávamos, era melhor ficar na cozinha, o pai só entrava ali para buscar mais gelo para o vinho.

Naquela cozinha, juramos que nunca teríamos namorados. Juramos com sangue, fazendo-nos pequenos cortes, e com beijos, na escuridão, porque não havia eletricidade outra vez. Juramos pensando no pai bêbado, no que íamos fazer se ele entrasse e nos encontrasse sangrando abraçadas: era alto e forte, mas sempre andava cambaleando, devia ser muito fácil dar-lhe um empurrão. Andrea não queria empurrá-lo, era fraca com os homens; eu prometi nunca voltar a me apaixonar e Paula disse que nunca se deixaria tocar por um macho.

Uma noite, quando voltávamos de Buenos Aires mais cedo que o normal, uma garota se levantou de um dos bancos à nossa frente, aproximou-se do motorista e pediu para descer. O motorista freou, surpreso, e lhe disse que ali não havia parada. Estávamos atravessando o parque Pereyra. Na metade do caminho entre Buenos Aires e nossa cidade fica esse parque enorme que em outros tempos foi uma fazenda de mais de dez mil hectares e que Perón expropriou dos donos milionários; agora é uma reserva ecológica que parece um bosque um tanto sinistro, úmido, em que mal entra o sol. O asfalto o divide ao meio. A garota insistiu. Muitos passageiros acordaram; um homem disse: “Mas aonde você quer ir a esta hora, querida?” A garota, que era da nossa idade e tinha o cabelo preso num rabo de cavalo, encarou-o com um ódio horrível que o deixou

mudo. Encarou-o como uma bruxa, como uma assassina, como se tivesse poderes. O motorista a deixou descer, e ela correu em direção às árvores; desapareceu numa nuvem de terra quando o ônibus voltou a arrancar. Uma senhora se queixou em voz alta, “como a deixam sozinha a esta hora, podem lhe fazer qualquer coisa”. Ela e o motorista discutiram quase até chegarmos à rodoviária.

Nunca nos esquecemos daquele olhar e daquela garota. Ninguém ia lhe fazer mal, disso tínhamos certeza: se alguém podia ser maligno, esse alguém era ela. Não levava bolsa nem mochila. Estava vestida com roupas frescas demais para o frio da noite de outono. Uma vez fomos procurá-la: o namorado de Andrea, o do furgão, não existia mais em nossas vidas, mas havia outro rapaz, o irmão de Paula, que já dirigia o carro do pai. Não sabíamos exatamente onde a garota tinha descido, mas não era muito longe do moinho — o parque tem um moinho em estilo holandês que não produz nada, é uma chocolataria para turistas. Caminhando entre as árvores, descobrimos trilhas e também a casa que em outros tempos tinha sido parte da fazenda. Agora está recuperada, pode-se visitá-la como museu e até fazem festas de casamento exclusivas lá, mas na época só era cuidada pelo vigia do parque e parecia prender a respiração entre os pinheiros, secreta e vazia.

Vai ver ela é filha do vigia do parque, nos disse o irmão de Paula, e nos levou de volta para casa rindo de nós, as meninas bobas que julgavam ter visto um fantasma.

Mas eu sei que aquela garota não era filha de ninguém.

1991

O colégio não acabava nunca, e começamos a levar garrafinhas de uísque escondidas na mochila. Bebíamos no banheiro e roubávamos Emotival da minha mãe. Emotival era um comprimido que ela tomava porque estava deprimida et cetera. Não nos provocava nada em especial, apenas um sono espantoso e um cansaço que nos fazia dormir com a boca aberta e roncar na sala de aula. Chamaram nossos pais, mas eles acharam que, como íamos dormir muito tarde, a causa de nossos comas matinais era a falta de sono noturno. Continuavam tão estúpidos como sempre, embora agora estivessem menos nervosos com a inflação e com a falta de dinheiro: a nova lei monetária estabelecia que um peso valia um dólar e, ainda que ninguém acreditasse totalmente naquilo, ouvir dólar, dólar, dólar os enchia de alegria, a meus pais e a todos os adultos.

Mesmo assim, continuávamos bastante pobres. Minha família morava de aluguel. A de Paula tinha uma casa não totalmente concluída, com cômodos velhos conjugados, era um nojo, os irmãos dela já eram grandes e, para ir ao banheiro, ela precisava atravessar os quartos deles e às vezes os pegava se masturbando. O apartamento de Andrea era próprio, mas a família nunca conseguia pagar as contas a tempo e quando não lhes cortavam a luz, cortavam o telefone; a mãe dela não conseguia trabalho senão como enfermeira de velhos, e o pai bêbado continuava gastando em vinho e cigarro.

Nós achávamos, de todo modo, que podíamos ser ricas. Que ser rico era algo que ficava no futuro. Até que conhecemos Ximena. Era uma colega nova, vinha da Patagônia, os pais tinham alguma coisa a ver com petróleo. Quando nos convidou à casa dela, nos atropelávamos tentando ver tudo, trombávamos com os cantos, queríamos tirar fotos. Havia uma pequena ponte dentro da casa, na sala de estar, um lago interno, com plantas flutuantes, nenúfares, algas. Nenhum dos cômodos tinha piso de ladrilhos, todos eram de madeira, e nas paredes, brancas, havia quadros; o quintal com piscina tinha roseiras e caminhos de pedras brancas. A casa, vista de fora, não parecia assim tão linda, mas dentro era uma loucura, os detalhes, o perfume do ambiente, as poltronas de veludo vermelho e algumas almofadas que não estavam desfiadas nem gastas. Em pouco tempo passamos a detestar Ximena. Ela era feia, tinha uma cicatriz vertical no queixo, e no colégio a chamavam de Cara de Cu por causa disso. Nós a convencemos a roubar dinheiro da mãe, era tão fácil para ela!, e comprar drogas. Às vezes, comprimidos na farmácia: agora são muito rígidos, mas na época, se a gente dizia ao farmacêutico que tinha uma irmã autista ou um pai psicótico, ele vendia medicamento sem receita. Sabíamos os nomes de alguns remédios para loucos porque os anotávamos quando alguém os mencionava. Quando tomamos os comprimidos azuis que depois evitamos para sempre, a pobre Ximena se transtornou tanto que quis incendiar o piso de madeira caríssimo de seu quarto e ficou falando de olhos que flutuavam por toda a casa. A nós isso não impressionou, porque um dos hippies da feira de artesanato tinha sido internado no ano anterior depois de comer cogumelos demais: dizia que uns homenzinhos de poucos centímetros de altura lhe atiravam flechinhas no pescoço. Tanto quis arrancar as supostas flechinhas que arranhou a pele até quase abrir a jugular com as unhas. Levaram-no ao instituto psiquiátrico de Romero e não se soube mais dele. Queria ser namorado de Paula, a chamava de companheira espiritual. Paula roubava ácidos dele para tomar nos aniversários. O hippie tinha poucos dentes e seus amigos o chamavam de Jeremías.

Quanto a Ximena, tiveram que lavar o estômago dela e botaram a culpa em nós. Não nos importamos, exceto pelo dinheiro. Então começamos a odiar os

ricos.

1992

Por sorte apareceu Roxana, a nova vizinha, na nossa rua. Tinha dezoito anos e morava sozinha. Sua casa ficava no final de um corredor, e nós estávamos tão magras que podíamos passar por entre as grades do portão se alguém o fechasse à chave. Roxana nunca tinha comida em casa, os armários vazios percorridos por bichos mortos de fome em busca de migalhas inexistentes, a geladeira esfriando uma Coca-Cola e alguns ovos. A falta de comida era boa: tínhamos prometido a nós mesmas comer o mínimo possível. Queríamos ser leves e pálidas como garotas mortas. Não queremos deixar pegadas na neve, dizíamos, ainda que na nossa cidade jamais nevasse.

Uma vez entramos na casa de Roxana e vimos, na mesa da cozinha e ao lado da chaleira — isso, sim, sempre tinha: erva para o mate —, o que nos pareceu uma enorme lâmpada branca, do tipo usado pelas videntes, uma bola de cristal, um espelho do futuro. Mas não: era cocaína, de um de seus amigos. Antes de vendê-la, ela queria ficar com uma parte e achava que os compradores não iriam se dar conta do que estava faltando.

Ela nos deixou raspar a bola de cristal com uma gilete e nos ensinou a cheirar esquentando um prato de louça com um isqueiro; assim não se umedecia, explicou, não ficava grudada no prato e descia legal. Era genial, e nós éramos geniais com a luz branca na cabeça e a língua adormecida. Cheirávamos na mesa e também no espelho do quarto de Roxana. Ela o colocava bem no centro e nos sentávamos em volta, como se o espelho fosse um lago onde afundávamos a cabeça para beber e as paredes manchadas com a pintura descascando fossem nosso bosque. Cheirávamos quando íamos sair e guardávamos a cocaína em papéis prateados de maços de cigarro e às vezes em saquinhos plásticos. Eu preferia as canetas esferográficas, Paula tinha seu próprio canudo de metal, Andrea preferia fumar maconha porque não aguentava a taquicardia e Roxana usava notas de dinheiro enroladas e contava mentiras. Dizia que seu primo se perdera explorando as linhas de Nazca, no México. Nenhuma de nós lhe esclarecia que as linhas ficavam no Peru. Dizia ela que tinha estado num parque de diversões onde cada porta, quando aberta, levava a um cômodo diferente até que se encontrava o quarto certo, e que podiam ser centenas de cômodos, que o jogo ocupava hectares. Não lhe dizíamos que tínhamos lido algo parecido num livro para crianças que se chamava *O museu dos sonhos*. Dizia que no parque

Pereyra havia reuniões de bruxas que faziam rituais em louvor de um homem feito de palha e, embora nos sobressaltasse escutar sobre rituais no parque, não lhe dizíamos que o que ela descrevia se parecia muito com um filme que tínhamos visto na televisão num sábado à tarde, um filme de terror muito bom em que matavam meninas para que a fertilidade voltasse a uma ilha inglesa.

Às vezes, não cheirávamos cocaína e preferíamos um pouco de ácido com álcool. Apagávamos as luzes e brincávamos na escuridão com incensos acesos; pareciam vaga-lumes e me faziam chorar, me faziam lembrar de uma casa de telhas com jardim longe da cidade, uma casa com laguinho onde os sapos brincavam e os vaga-lumes voavam entre as árvores.

Uma tarde, enquanto brincávamos com o incenso, colocamos um disco, *Ummagumma*, do Pink Floyd, e sentimos que algo nos perseguia pela casa, um touro talvez, ou um porco selvagem com presas e chifres, trombamos nas coisas, nos machucamos. Foi como estar no furgão outra vez, mas dentro de um pesadelo.

1993

No nosso último ano de colégio, Andrea conheceu seu novo namorado, que cantava numa banda punk. Mudou. Colocou uma coleira de cachorro no pescoço, tatuou os braços com estrelas e caveiras e não passava mais as noites de sexta conosco.

Eu me dei conta de que ela fora para a cama com ele. Andrea tinha um cheiro diferente e às vezes nos olhava com desprezo e sorrisos. Eu lhe disse que era uma traidora. Lembrei-a de Celina, uma colega de escola — um pouco mais velha que nós — que tinha morrido depois do quarto aborto, sangrando na rua enquanto tentava chegar ao hospital. Os abortos eram ilegais, e as mulheres que os faziam jogavam em seguida as garotas na rua; nos consultórios havia cães, dizia-se que os animais comiam os fetos para não deixar rastros. Ela nos encarou irritada e disse que não tinha medo de morrer. Nós a deixamos chorando na praça.

Paula e eu estávamos furiosas e decidimos pegar o ônibus até o parque Pereyra. Voltávamos para procurar outra vez a garota do bosque. Poderia ser a terceira amiga se Andrea nos abandonasse? A rodovia já tinha sido construída, de modo que pelo parque circulavam os piores ônibus, os que tinham sujeira velha grudada nos bancos, cheiro de gasolina e suor, o piso pegajoso de refrigerante derramado e possivelmente urina. Descemos no parque ao

entardecer. Àquela hora ainda havia famílias, meninos correndo pelo gramado, alguns jogando futebol. Que droga, disse Paula, e nos sentamos sob um pinheiro para esperar a noite. Passou um vigia com sua lanterna e perguntou se já íamos sair.

Sim, respondemos.

O próximo ônibus passa em meia hora, disse ele, é melhor vocês se encaminharem para a saída.

Já vamos, respondemos, e dei-lhe um sorriso. Paula não sorria porque estava tão magra que, quando os dentes apareciam, ela parecia uma caveira.

Tenham muito cuidado com os escorpiões, disse ele. Se sentirem uma picada, gritem, vou escutá-las.

Mais sorrisos.

Naquele setembro, excepcionalmente quente, houve uma invasão de escorpiões. Pensei que numa dessas podia deixar que algum me picasse e morrer. Assim quem sabe se lembrassem de nós, como de Celina morta na rua com seu feto sangrando entre as pernas. Deitei na grama e pensei no veneno. Paula, enquanto isso, caminhava entre as árvores e perguntava em voz baixa: “Você está aí?” Veio me procurar quando escutou algo roçar entre as árvores, quando viu uma sombra branca. As sombras não são brancas, eu lhe disse. Esta era, garantiu-me. Caminhamos até ficarmos esgotadas. A falta de energia era o pior efeito de deixar de comer. Valia a pena, exceto naquele caso, quando queríamos encontrar nossa amiga, a garota com ódio no olhar.

Não a encontramos. Tampouco nos perdemos: a luz da lua iluminava o suficiente para distinguir os caminhos que levavam à estrada. Paula descobriu uma fita branca que acreditou que podia ser de nossa amiga do parque Pereyra. Vai ver ela deixou para nós como uma mensagem, disse. Acho que não, pensei, com certeza foi perdida por alguém que fazia piquenique no parque, mas não falei nada porque vi que ela estava convencida, contente com seu amuleto, segura de que era uma mensagem. Senti uma picada na perna, mas não era o ferrão nem a morte, era uma urtiga que queimou minha perna e a cobriu de pontos vermelhos de sangue.

1994

Paula comemorou seu aniversário na casa de Roxana. Para a festa, conseguimos um ácido que, segundo nos disseram, acabara de chegar da Holanda. Chamavam-no de Dragãozinho. Seria mais forte o ácido importado? Como não

sabíamos, por via das dúvidas tomamos menos que o habitual, apenas um quarto. Pusemos um disco do Led Zeppelin. Sabíamos que aquilo ia aborrecer o namorado de Andrea, e era isso mesmo que queríamos, aborrecê-lo. Chegou quando o disco estava terminando. Ainda escutávamos vinil naquela época, mesmo que pudéssemos comprar CD. Os aparelhos eletrônicos eram baratos: televisores e aparelhos de som, filmadoras e câmeras fotográficas. Não podia durar muito, diziam meus pais, não pode ser certo que um peso argentino tenha o mesmo valor que um dólar. Mas estávamos tão fartas do que eles diziam, meus pais, os outros pais, sempre anunciando o fim, a catástrofe, a volta dos cortes de luz, todos os males patéticos. Agora já não choravam mais pela inflação: choravam porque não tinham trabalho. Choravam como se não tivessem culpa de nada. Nós odiávamos as pessoas inocentes.

Quando Andrea e o namorado punk chegaram, estava tocando justo a mais hippie das músicas do disco, a que falava de partir para a Califórnia e encontrar uma garota com flores no cabelo, e o namorado de Andrea fechou a cara e disse que embuste, que velhos idiotas. O irmão de Paula, que era sempre amigável, ofereceu-lhe um pouco de ácido, só um quarto, porque não queria desperdiçar com o punk. O ácido também é muito hippie, perguntou-lhe o irmão de Paula, e o punk respondeu que sim, mas, como era algo químico e artificial, ele gostava. Preferia tudo o que era químico, disse, os sucos em pó, os comprimidos, o náilon.

Estávamos no quarto de Roxana. O espelho estava pendurado na parede: havia bastante gente na casa, muitos desconhecidos, como costuma acontecer nas casas onde há drogas, aqueles tipos que parecem saídos de um sonho e pegam cerveja na geladeira e vomitam na privada e às vezes roubam a chave ou fazem um gesto de generosidade e compram mais bebida quando a festa está para terminar. O ácido era como uma descarga elétrica muito delicada. Nossos dedos tremiam, colocávamos as mãos diante dos olhos e as unhas pareciam azuis. Andrea estava de volta conosco e quando pusemos *Led Zeppelin III* ela quis dançar, gritava sobre as terras de gelo e neve e sobre o martelo dos deuses, e mal começou a tocar “Since I’ve Been Loving You”, talvez por ser um blues de amor, virou-se para olhar o namorado punk. Ele estava sentado num canto e parecia morto de medo. Apontava algo com o indicador e repetia não sei o quê, porque a música estava alta demais. Aquilo me pareceu engraçado, não lhe restava nada do lábio torcido arrogante e tinha tirado os óculos, os olhos estavam quase pretos de tão dilatadas as pupilas.

Aproximei-me dele devagar e tentei imitar o olhar de ódio da garota do parque Pereyra. A eletricidade me eriçava os cabelos, eu os sentia transformados em fios elétricos ou leves demais, como quando um televisor é desligado e a

estática atrai o cabelo, que fica grudado na tela.

Você está com medo?, perguntei, e ele me respondeu com um olhar confuso. Era lindo, por isso Andrea não o abandonava. Segurei o queixo dele e com a outra mão o soquei na cabeça, um golpe de punho perto da têmpora. O cabelo, tão bem acomodado pelo gel, transformou-se num monte sem sentido sobre a testa. Paula, vindo de trás, rindo, cortou-o com a tesoura que tínhamos usado para cortar as cartelas de ácido. Só então me dei conta de que ela estava usando no cabelo a fita branca da garota do bosque. Por puro azar, a tesoura atingiu o namorado punk no supercílio, essa parte do rosto que sangra muito, nós sabíamos disso porque tínhamos cortado a testa algumas vezes dentro do furgão depois de uma freada violenta. Ele se assustou, o punk, se assustou muito quando o sangue gotejou na camiseta branca e certamente viu o mesmo que nós, ou algo parecido distorcido pelo ácido: suas mãos cheias de sangue, as paredes manchadas, nós com facas ao seu redor. Quis sair correndo da casa, mas não encontrava a porta. Andrea o seguiu, tentava falar, mas ele não entendia. Quando saiu ao pátio, o namorado punk tropeçou num vaso de plantas e começou a tremer no chão, não sei se de medo ou porque estava tendo convulsões. O disco terminou, mas não houve silêncio: escutamos alguns gritos e risadas, alguém estava alucinando com escorpiões ou quem sabe os bichos tivessem invadido de verdade a casa.

Paradas, rodeamos o namorado punk. No chão, com os olhos semicerrados e o sangue no peito, parecia insignificante. Não se mexia. Paula guardou no bolso da calça jeans uma faca quase de brinquedo, uma faquinha de passar geleia no pão. Não vamos precisar disto, falou.

Ele está morto?, perguntou Andrea, e seus olhos brilharam.

Alguém voltou a pôr música, lá dentro, na casa, que parecia tão longe. Paula tirou a fita do cabelo e amarrou-a no pulso. Voltamos para a casa, para dançar. Esperávamos que Andrea abandonasse o garoto no chão e voltasse conosco, outra vez as três, com nossas unhas azuis, intoxicadas, dançando diante do espelho que não refletia ninguém mais.

A CASA DE ADELA

Todos os dias penso em Adela. E, se durante o dia não aparece sua lembrança — as sardas, os dentes amarelos, o cabelo louro fino demais, o coto junto ao ombro, as botinhas de camurça —, ela volta à noite, em sonhos. Os sonhos com Adela são todos diferentes, mas nunca falta a chuva nem faltamos meu irmão e eu, os dois parados diante da casa abandonada, com capas amarelas, observando os policiais no jardim que falam em voz baixa com nossos pais.

Ficamos amigos porque ela era uma princesa de subúrbio, mimada em seu enorme chalé inglês inserido em nosso bairro cinzento de Lanús, tão diferente que parecia um castelo e seus habitantes, os senhores, e nós, os servos em nossas casas quadradas de cimento com jardins raquíticos. Ficamos amigos porque ela tinha os melhores brinquedos importados, que seu pai trazia dos Estados Unidos. E porque organizava as melhores festas de aniversário a cada 3 de janeiro, pouco antes do dia de Reis e pouco depois do Ano-Novo, ao lado da piscina, com a água que, sob o sol da hora da sesta, parecia prateada, feita de papel de presente. E porque tinha um projetor e usava as paredes brancas da sala de estar para ver filmes enquanto o resto do bairro ainda tinha televisores em preto e branco.

Mas, sobretudo, ficamos amigos dela, meu irmão e eu, porque Adela só tinha um braço. Ou talvez fosse mais exato dizer que lhe faltava um braço. O esquerdo. Por sorte, não era canhota. Faltava-lhe desde o ombro; tinha ali uma pequena protuberância de carne que se movia, com um fragmento de músculo, mas não servia para nada. Os pais de Adela diziam que havia nascido assim, que era um defeito congênito. Muitos garotos tinham medo dela, ou asco. Riam dela, chamavam-na de monstrelha, aberração, bicho incompleto; diziam que iam vendê-la para um circo, que com certeza sua foto figurava nos livros de medicina.

Ela não se importava. Nem sequer queria usar um braço ortopédico. Gostava de ser observada e nunca escondia o coto. Se via a repulsa nos olhos de alguém, era capaz de esfregar-lhe o cotoco na cara ou sentar-se muito perto e roçar o braço do outro com seu apêndice inútil, até que a pessoa estivesse humilhada e à beira das lágrimas.

Nossa mãe dizia que Adela possuía um caráter único, era valente e forte, um exemplo, uma doçura, como a criaram bem, que pais bons ela tem, insistia. Mas Adela dizia que seus pais mentiam. Sobre o braço. Não nasci assim, contava. E o que aconteceu, perguntávamos. E então ela contava sua versão. Suas versões, melhor dizendo. Às vezes, falava que tinha sido atacada pelo cachorro, um dobermann preto chamado Inferno. O cão tinha ficado louco, isso costuma acontecer com os dobermanns, uma raça que, segundo Adela, tem um crânio pequeno demais para o tamanho do cérebro; por isso os cães têm dores de cabeça com frequência e enlouquecem de dor, o cérebro apertado contra os ossos. Ela dizia que o cão a atacara quando ela só tinha dois anos. Lembrava-se: da dor, dos grunhidos, do som das mandíbulas mastigando, do sangue manchando a grama, mesclado com a água da piscina. Seu pai o havia matado com um tiro; excelente pontaria, porque, quando recebeu o disparo, o cão ainda carregava o bebê Adela entre os dentes.

Meu irmão não acreditava nessa versão.

— E cadê a cicatriz?

Ela se irritava.

— Sarou muito bem. Nem se vê.

— Impossível. Sempre dá para ver.

— Não ficou cicatriz dos dentes, tiveram que me cortar mais acima da mordida.

— Óbvio. Mesmo assim, teria que haver cicatriz. Não se apaga assim do nada.

E ele mostrava sua própria cicatriz de apendicite, na virilha, como exemplo.

— Isso aconteceu porque os médicos que operaram você eram de quinta. Eu fui para a melhor clínica da capital.

— Blá-blá-blá — dizia meu irmão, e a fazia chorar.

Era o único que a enfurecia. No entanto, nunca brigavam de verdade. Ele se divertia com as mentiras dela. Ela gostava do desafio. E eu só escutava. E assim transcorriam as tardes depois da escola, até que meu irmão e Adela descobriram os filmes de terror e tudo mudou para sempre.

* * *

Não sei qual foi o primeiro filme. Não me davam permissão para vê-los. Minha mãe dizia que eu era muito pequena. Mas Adela tem a minha idade, eu insistia. Problema dos pais dela se a deixam: eu já te disse que não, falava minha mãe, e era impossível discutir com ela.

— E por que o Pablo você deixa?

— Porque é mais velho que você.

— Porque é homem! — gritava meu pai, intrometido, orgulhoso.

— Odeio vocês! — berrava eu, e chorava na minha cama até adormecer.

O que não puderam evitar foi que meu irmão Pablo e Adela, cheios de compaixão, me contassem os filmes. E, quando terminavam de me contar os filmes, contavam mais histórias. Não consigo esquecer aquelas tardes: quando Adela contava, quando se concentrava e seus olhos escuros ardiam, o jardim da casa se enchia de sombras, que corriam, que saudavam, brincalhonas. Eu as via quando Adela se sentava de costas para a vidraça, na sala de estar. Eu não dizia nada. Mas Adela *sabia*. Meu irmão, não sei. Ele era capaz de esconder melhor que nós.

Ele soube esconder até o final, até seu último ato, até só restarem dele aquelas costelas expostas, aquele crânio destroçado e, sobretudo, aquele braço esquerdo no meio dos trilhos, tão separado do corpo e do trem que não parecia produto do acidente — do suicídio, continuo chamando de acidente o seu suicídio —; parecia que alguém o levava até o meio dos trilhos para exibi-lo, como uma saudação, uma mensagem.

* * *

A verdade é que não lembro quais histórias eram resumos de filmes e quais eram invenções de Adela ou de Pablo. Desde que entramos na casa, nunca consegui ver um filme de terror: vinte anos depois, conservo a fobia e, se vejo uma cena por acaso ou por engano na televisão, à noite tomo comprimidos para dormir e durante dias tenho náuseas e me lembro de Adela sentada no sofá, com os olhos quietos e sem o braço, enquanto meu irmão a olhava com adoração. Não me lembro, é verdade, de muitas das histórias: apenas de uma sobre um cão possuído pelo demônio — Adela tinha um fraco por histórias com animais —, outra sobre um homem que tinha esquartejado a mulher e escondido seus restos numa geladeira, e esses restos, durante a noite, haviam saído para persegui-lo, pernas e braços e tronco e cabeça rolando e se arrastando pela casa, até que a mão morta e vingadora matou o assassino apertando-lhe a garganta — Adela tinha um fraco também por histórias com membros mutilados e amputações —; outra sobre o fantasma de um menino que sempre aparecia nas fotos de aniversário, o convidado aterrorizante que ninguém reconhecia, de pele cinzenta e sorriso largo.

Eu gostava especialmente das histórias sobre a casa abandonada. Inclusive sei quando começou a obsessão. Foi culpa da minha mãe. Uma tarde, depois da escola, meu irmão e eu a acompanhamos até o supermercado. Ela se apressou

quando passamos diante da casa abandonada que ficava a meia quadra da loja. Notamos e perguntamos a ela por que corria. Ela riu. Eu me lembro do riso da minha mãe, de como ela era jovem naquela tarde de verão, do cheiro de xampu de limão do seu cabelo e da gargalhada de chiclete de menta.

— Eu sou uma boba! Essa casa me dá medo, não liguem para mim.

Tentava nos tranquilizar, portar-se como adulta, como mãe.

— Por quê? — perguntou Pablo.

— Por nada, porque está abandonada.

— E...?

— Esquece, filho.

— Conta, vai.

— Tenho medo de que alguém se esconda lá dentro, um ladrão, qualquer coisa.

Meu irmão quis saber mais, porém minha mãe não tinha muito mais o que dizer. A casa estava abandonada antes mesmo de meus pais chegarem ao bairro, antes do nascimento de Pablo. Ela sabia que, apenas meses antes, os donos haviam morrido, um casal de velhinhos. Morreram juntos?, quis saber Pablo. Que mórbido você está, filho, vou proibir de ver os filmes. Não, morreram um depois do outro. Acontece com os casais de velhinhos: quando um morre, o outro se apaga em seguida. E, desde então, os filhos estão brigando pela sucessão. O que é sucessão, eu quis saber. É a herança, explicou minha mãe. Estão se engalfinhando para ver quem fica com a casa. Mas é uma casa bem fodida, disse Pablo, e minha mãe o repreendeu por falar um palavrão.

— Que palavrão?

— Você sabe muito bem: não vou repetir.

— “Fodida” não é palavrão.

— Pablo, por favor.

— Está bem. Mas a casa está caindo aos pedaços, mãe.

— Sei lá, filho, vai ver que querem o terreno. É um problema da família.

— Para mim, tem fantasmas.

— Os filmes estão te fazendo mal!

Achei que iam proibi-lo de continuar vendo filmes, mas minha mãe não voltou a mencionar o assunto. E, no dia seguinte, meu irmão contou a Adela sobre a casa. Ela se entusiasmou: uma casa mal-assombrada tão perto, no bairro, a apenas duas quadras, era pura felicidade. Vamos vê-la, disse ela. Saímos correndo, os três. Descemos aos gritos as escadas de madeira do chalé, muito bonitas (tinham, de um lado, janelas com vitrais coloridos, verdes, amarelos e vermelhos, e eram atapetadas). Adela corria mais devagar que nós e um pouco de lado pela falta do braço, mas corria rápido. Naquela tarde, usava um vestido

branco de alças; lembro que, quando corria, a alça do lado esquerdo caía sobre seu resto de bracinho e ela a arrumava sem pensar, como se afastasse do rosto uma mecha de cabelo.

A casa não tinha nada de especial à primeira vista, mas, quando se prestava atenção, era possível notar detalhes inquietantes. As janelas estavam tapadas, completamente fechadas com tijolos. Para evitar que alguém entrasse ou que algo saísse? A porta, de ferro, era pintada de marrom escuro; parece sangue seco, disse Adela.

Que exagerada, me atrevi a dizer. Ela se limitou a sorrir. Tinha os dentes amarelos. Isso, sim, me dava nojo, não seu braço, ou falta de braço. Não escovava os dentes, acho; e, além disso, era muito pálida, e a pele translúcida fazia ressaltar aquela cor enfermiza, como nos rostos das gueixas. Entrou no jardim da casa, muito pequeno. Parou no corredor que levava à porta, deu meia-volta e disse:

— Vocês repararam?

Não esperou nossa resposta.

— É muito estranho, como pode a grama estar tão baixa?

Meu irmão a seguiu para dentro do jardim e, como se estivesse com medo, também ficou no corredor de ladrilhos que ia da calçada até a porta de entrada.

— É verdade — disse ele. — A grama teria que estar altíssima. Olha, Clara, vem ver.

Entrei. Cruzar o portão enferrujado foi horrível. Não é por causa do que aconteceu depois que me lembro dele assim: tenho certeza do que senti então, naquele exato momento. Fazia frio no jardim. A grama parecia queimada. Arrasada. Era amarela e curta: nem um matinho verde. Nem uma planta. Naquele jardim havia uma secura infernal e, ao mesmo tempo, era inverno. E a casa zumbia, zumbia como um mosquito rouco, como um mosquito gordo. Vibrava. Não saí correndo porque não queria que meu irmão e Adela caçassem de mim, mas tive o ímpeto de fugir para minha casa, para minha mãe, de lhe dizer sim, tem razão, aquela casa é má e nela não se escondem ladrões, se esconde um bicho que treme, se esconde algo que não pode sair.

* * *

Adela e Pablo não falavam de outra coisa. Tudo era a casa. Perguntavam no bairro sobre a casa. Perguntavam na banca de jornal e no clube; a Don Justo, que esperava o entardecer sentado na porta de sua casa, aos galegos da feira e à verdureira. Ninguém lhes dizia nada importante. Mas vários coincidiram no fato de que a estranheza das janelas tapadas e do jardim ressecado lhes dava

calafrios, tristeza e às vezes medo, especialmente à noite. Muitos se lembravam dos velhinhos: eram russos ou lituanos, muito amáveis, muito calados. E os filhos? Alguns diziam que brigavam pela herança. Outros, que não visitavam os pais, nem sequer quando adoeceram. Ninguém os tinha visto. Nunca. Os filhos, se é que existiam, eram um mistério.

— Alguém teve que tapar as janelas — disse meu irmão a Don Justo.

— Você sabe que sim. Mas quem fez isso foram pedreiros, não os filhos.

— Vai ver os pedreiros eram os filhos.

— Certeza que não. Os pedreiros eram bem morenos. E os velhinhos eram louros, transparentes. Como você, como Adelita, como a sua mãe. Deviam ser poloneses. Algo assim.

A ideia de entrar na casa foi do meu irmão. Sugeriu primeiro a mim. Eu lhe disse que estava louco. Estava obcecado. Precisava saber o que tinha acontecido naquela casa, o que havia dentro. Desejava aquilo com um fervor muito estranho para um menino de onze anos. Não entendo, nunca pude entender o que a casa lhe fez, o que o atraiu assim. Porque atraiu primeiro a ele. E ele contagiou Adela.

Sentavam-se no caminho de ladrilhos amarelos e cor-de-rosa que atravessava o jardim seco. O portão de ferro enferrujado estava sempre aberto, dando boas-vindas. Eu os acompanhava, mas ficava do lado de fora, na calçada. Eles olhavam para a porta como se julgassem que podiam abri-la com a mente. Ficavam horas assim, sentados, em silêncio. As pessoas que passavam pela calçada, os vizinhos, não prestavam atenção. Não lhes parecia estranho, ou talvez nem os vissem. Eu não me atrevia a contar nada a minha mãe.

Ou vai ver que a casa não me deixava falar. Não queria que eu os salvasse.

Continuávamos nos reunindo na sala da casa de Adela, mas já não falávamos de filmes. Agora Pablo e Adela — mas sobretudo Adela — contavam histórias sobre a casa. De onde vocês as tiram, perguntei uma tarde. Pareceram surpresos, se entreolharam.

— A casa nos conta as histórias. Você não escuta?

— Coitada — disse Pablo. — Não escuta a voz da casa.

— Não importa — disse Adela. — Nós contamos a você.

E me contavam.

Sobre a velhinha, que tinha olhos sem pupilas, mas não era cega.

Sobre o velhinho, que queimava livros de medicina junto ao galinheiro vazio, nos fundos.

Sobre o quintal dos fundos, seco e morto como o jardim, cheio de buraquinhos feito tocas de ratos.

Sobre uma torneira que não parava de pingar porque o que vivia na casa precisava de água.

Pablo custou um pouco a convencer Adela a entrar. Foi estranho. Agora ela parecia ter medo: revezavam-se. No momento decisivo, ela parecia entender melhor. Meu irmão insistia. Agarrava-a pelo único braço e chegava a sacudi-la. No colégio, comentavam que Pablo e Adela eram namorados, e os garotos metiam o dedo, na boca, até a garganta, fazendo gesto de vomitar. Seu irmão sai com a monstra, zombavam. A Pablo e Adela, isso não incomodava. A mim tampouco. Só a casa me preocupava.

Decidiram entrar no último dia do verão. Foram as palavras exatas de Adela, numa tarde de discussão na sala da sua casa.

— No último dia do verão, Pablo — dissera ela. — Daqui a uma semana.

Quiseram que eu os acompanhasse, e aceitei porque não queria deixá-los. Não podiam entrar sozinhos na escuridão.

Decidimos ir à noite, depois do jantar. Tínhamos que escapulir, mas sair de casa tarde, no verão, não era tão difícil. Os meninos costumavam brincar na rua até anoitecer. Agora não é mais assim. Agora o bairro é pobre e perigoso, os moradores não saem, têm medo de serem roubados, têm medo dos adolescentes que tomam vinho nas esquinas e às vezes se enfrentam a tiros. O chalé de Adela foi vendido e dividido em apartamentos. No jardim foi construído um galpão. Melhor assim, acho. O galpão oculta as sombras.

Um grupo de meninas brincava de pular elástico no meio da rua; quando vinha um carro — circulavam muito poucos —, elas paravam para deixá-lo passar. Mais adiante, outros jogavam bola, e onde o asfalto era mais novo, mais liso, algumas adolescentes patinavam. Passamos entre eles, despercebidos.

Adela esperava no jardim morto. Estava muito tranquila, iluminada. Conectada, penso agora.

Apontou para a porta, e eu gemi de medo. Estava entreaberta, apenas uma fresta.

— Como? — perguntou Pablo.

— Encontrei-a assim.

Meu irmão tirou a mochila das costas e a abriu. Trazia alicates, barras de ferro, chaves de fenda: ferramentas do meu pai que ele tinha encontrado numa caixa na área de serviço. Não ia mais precisar delas. Estava procurando a lanterna.

— Não precisa — disse Adela.

Olhamos para ela, confusos. Ela abriu a porta por inteiro, então vimos que dentro da casa havia luz.

Lembro que caminhamos de mãos dadas sob aquela luminosidade que parecia elétrica, ainda que no teto, onde deveria haver lâmpadas, só houvesse fios velhos saindo dos buracos como ramos secos. Parecia a luz do sol. Do lado de fora era

noite e ameaçava tempestade, uma poderosa chuva de verão. Ali dentro fazia frio e cheirava a desinfetante, e a luz era como de hospital.

A casa não parecia estranha por dentro. No pequeno saguão de entrada ficava a mesa do telefone, um telefone preto, como o de nossos avós.

Passamos os três juntos para a sala seguinte. A casa se mostrava maior do que parecia por fora. E zumbia, como se colônias de bichos ocultos vivessem atrás da pintura das paredes.

Adela se adiantava, entusiasmada, sem medo. Pablo pedia “espera, espera” a cada três passos. Ela dava atenção, mas não sei se nos escutava claramente. Quando se virava para nos olhar, parecia perdida. Em seus olhos não havia reconhecimento. Dizia “sim, sim”, mas eu sentia que já não falava conosco. Pablo sentiu o mesmo, depois me disse.

O cômodo seguinte, a sala de estar, tinha poltronas sujas, cor de mostarda, acinzentadas pelo pó. Na parede havia prateleiras de vidro. Estavam muito limpas e cheias de pequenos adornos, tão pequenos que precisamos nos aproximar para vê-los. Lembro que nossos hálitos, juntos, embaçaram as prateleiras mais baixas, as que alcançávamos; chegavam até o teto.

De início, eu não soube o que estava vendo. Eram objetos minúsculos, de um branco amarelado, com forma semicircular. Alguns eram arredondados; outros, mais pontiagudos. Não quis tocá-los.

— São unhas — disse Pablo.

Senti que o zumbido me ensurdecia e comecei a chorar. Abracei Pablo, mas não deixei de olhar. Na prateleira seguinte, mais acima, havia dentes. Molares com chumbo negro no centro, feito os de meu pai, que os tinha consertado; incisivos, como os que me importunavam quando comecei a usar aparelho; dentões frontais como os de Roxana, a menina que se sentava na minha frente no colégio. Quando levantei a cabeça para olhar a terceira prateleira, apagou-se a luz.

Adela gritou no escuro. Meu coração batia tão forte que me deixava surda. Mas eu sentia meu irmão, que abraçava meus ombros, que não me soltava. De repente, vi um círculo de luz na parede: era a lanterna. Falei: “Vamos sair, vamos sair.” Pablo, porém, caminhou em direção oposta à saída, continuou entrando na casa. Eu o segui. Queria ir embora, mas não sozinha.

A luz da lanterna iluminava coisas sem sentido. Um livro de medicina, de folhas brilhantes, aberto no chão. Um espelho pendurado no alto, perto do teto, quem podia se refletir ali? Uma pilha de roupa branca. Pablo se deteve: movia a lanterna, mas a luz simplesmente não revelava nenhuma outra parede. Aquele cômodo não terminava nunca ou seus limites estavam longe demais para serem iluminados.

— Vamos, vamos — voltei a dizer, e lembro que pensei em sair sozinha, em deixá-lo, em fugir.

— Adela! — gritou Pablo.

Não a ouvíamos na escuridão. Onde poderia estar, naquela sala eterna.

— Aqui.

Era a voz dela, muito baixa, muito próxima. Estava atrás de nós. Recuamos. Pablo iluminou o lugar de onde vinha a voz e, então a vimos.

Adela não tinha saído da sala das prateleiras. Saudou-nos com a mão direita, parada junto a uma porta. Depois girou o corpo, abriu a porta a seu lado e a fechou atrás de si. Meu irmão correu, mas, quando chegou à porta, não conseguiu abri-la. Estava trancada com chave.

Sei o que Pablo pensou: buscar as ferramentas que tinha deixado lá fora, na mochila, para abrir a porta que levava Adela. Eu não queria tirá-la dali: só queria sair, e o segui, correndo. Do lado de fora chovia, e as ferramentas estavam esparramadas na grama ressecada do jardim; molhadas, brilhavam na noite. Alguém as tirara da mochila. Enquanto permanecíamos quietos por um minuto, assustados, surpresos, alguém fechou a porta por dentro.

A casa parou de zumbir.

Não lembro bem quanto tempo Pablo passou tentando abri-la. Mas, em algum momento, escutou meus gritos. E me deu atenção.

Meus pais chamaram a polícia.

E todos os dias, quase todas as noites, volto àquela noite de chuva. Meus pais, os pais de Adela, a polícia no jardim. Nós, ensopados, com capas de chuva amarelas. Os policiais que saíam da casa fazendo não com a cabeça. A mãe de Adela desmaiada na tempestade.

Nunca a encontraram. Nem viva nem morta. Pediram-nos a descrição do interior da casa. Contamos. Repetimos. Minha mãe me deu um tabefe quando falei das prateleiras e da luz. “A casa está cheia de escombros, sua mentirosa!”, gritou. A mãe de Adela chorava e pedia “por favor, onde está Adela, onde está Adela”.

Na casa, respondemos. Abriu uma porta, entrou num quarto e deve estar lá ainda.

Os policiais diziam que não restava uma única porta do lado de dentro. Nem nada que pudesse ser considerado um quarto. A casa era uma casca, diziam. Todas as paredes internas tinham sido demolidas.

Lembro que os escutei dizerem “máscara”, não “casca”. A casa é uma máscara, escutei.

Nós mentíamos. Ou tínhamos visto algo tão feroz que estávamos em choque. Eles não queriam nem mesmo acreditar que tínhamos entrado na casa. Minha

mãe nunca acreditou em nós. Nem quando a polícia vasculhou o bairro inteiro, invadindo cada residência. O caso passou na televisão: deixavam-nos ver os noticiários. Deixavam-nos ler as revistas que relatavam o desaparecimento. A mãe de Adela nos visitou várias vezes, e sempre dizia: “Vamos ver se dizem a verdade, meninos, vamos ver se lembram...”

Nós contávamos tudo de novo. Ela ia embora chorando. Meu irmão também chorava. Eu a convenci, eu a fiz entrar, dizia ele.

Uma noite, meu pai acordou ao escutar alguém tentando abrir a porta. Levantou-se da cama, sorrateiro, pensando que encontraria um ladrão. Encontrou Pablo, que lutava com a chave na fechadura — aquela fechadura sempre funcionava mal —; levava ferramentas e uma lanterna na mochila. Escutei-os gritar durante horas e lembro que meu irmão pedia por favor, que queria se mudar, que se não se mudasse ficaria louco.

Mudamos de casa. Meu irmão ficou louco do mesmo jeito. Suicidou-se aos vinte e dois anos. Eu reconheci o corpo destroçado. Não tive opção: meus pais estavam de férias no litoral quando ele se jogou embaixo do trem, bem longe da nossa casa, perto da estação Beccar. Não deixou um bilhete. Ele sempre sonhava com Adela: em seus sonhos, nossa amiga não tinha unhas nem dentes, sangrava pela boca, sangravam suas mãos.

Desde que Pablo se matou, eu volto à casa. Entro no jardim, que continua queimado e amarelo. Espio pelas janelas, abertas como olhos negros: a polícia derrubou os tijolos que as tapavam há quinze anos e assim ficaram, abertas. Dentro da casa, quando o sol a ilumina, veem-se vigas e o teto esburacado e sujeira. Os meninos do bairro sabem o que aconteceu ali dentro. No chão, pintaram com spray o nome de Adela. Nas paredes externas também. Onde está Adela?, diz uma pichação. Outra, menor, escrita com vigor, repete o modelo de uma lenda urbana: é preciso dizer Adela três vezes à meia-noite, diante do espelho, com uma vela na mão, e então veremos refletido o que ela viu, quem a levou.

Meu irmão, que também visitava a casa, leu essas indicações e fez o velho ritual uma noite. Não viu nada. Quebrou o espelho do banheiro com os punhos, e precisamos levá-lo ao hospital para que o costurassem.

Não me animo a entrar. Há uma inscrição rabiscada acima da porta que me mantém do lado de fora. Aqui vive Adela, cuidado!, diz. Imagino que foi escrita por um garoto do bairro como piada ou desafio. Mas eu sei que tem razão. Que essa é a casa dela. E ainda não estou preparada para visitá-la.

PABLITO CLAVÓ UN CLAVITO:

UMA EVOCAÇÃO DO BAIXINHO ORELHUDO

A primeira vez que ele apareceu foi na excursão das nove e meia da noite, a que se fazia de ônibus. Foi durante uma pausa do relato, enquanto percorriam o trecho que ia do restaurante que havia sido de Emilia Basil, esquartejadora, até o edifício onde morava Yiya Murano, envenenadora. De todos os tours por Buenos Aires que a empresa para a qual trabalhava oferecia, o de crimes e criminosos era o de maior sucesso. Acontecia quatro vezes por semana: duas de ônibus e duas a pé, duas em inglês e duas em espanhol. Pablo soube que, quando o designou como guia do tour de crimes, a empresa estava lhe dando uma promoção, embora o salário fosse o mesmo (sabia que, cedo ou tarde, se fizesse tudo direito, o valor também aumentaria). A mudança o alegrou muito: antes fazia o tour “Arquitetura Art Nouveau da Avenida de Mayo”, que era muito interessante, mas entediava depois de um tempo.

Tinha estudado em detalhes os dez crimes do circuito para poder narrá-los bem, com graça e suspense, e jamais tivera medo nem se impressionara. Por isso, em vez de terror, sentiu surpresa ao vê-lo. Era ele, sem dúvida, inconfundível. Os olhos grandes e úmidos que pareciam cheios de ternura, mas, na realidade, eram um poço escuro de idiotia. O colete escuro e a estatura baixa, os ombros mirrados e, nas mãos, aquela corda fina — a piola, como a chamavam então — com a qual havia mostrado à polícia, sem expressar emoção alguma, como tinha amarrado e asfixiado suas vítimas. E as orelhas enormes, pontiagudas e simpáticas de Cayetano Santos Godino, o Baixinho Orelhudo, o criminoso mais célebre do passeio, talvez o mais famoso da crônica policial argentina. Um assassino de crianças e de animais pequenos. Um assassino que não sabia ler nem fazer contas, que não distinguia os dias da semana e que guardava debaixo da cama uma caixa cheia de pássaros mortos.

Mas era impossível que estivesse ali, onde Pablo o via. O Baixinho Orelhudo tinha morrido em 1944, no antigo presídio de Ushuaia, na Terra do Fogo, no fim do mundo. O que poderia estar fazendo ali, na primavera de 2014, como

passageiro fantasma de um ônibus que percorria os cenários de seus assassinatos? Porque sem dúvida era ele, impossível confundi-lo, o aparecido era idêntico às numerosas fotos de época que haviam sido conservadas. Além disso, havia iluminação suficiente para vê-lo bem: o ônibus ia com as luzes acesas. Estava parado quase no final do corredor, fazendo a demonstração com sua cordinha, encarando a ele, o guia, Pablo, com certa indiferença, porém com clareza.

Fazia um tempo que Pablo tinha contado sua história. Vinha contando-a havia duas semanas, e gostava muito. O Baixinho Orelhudo tinha assombrado uma Buenos Aires tão longínqua e diferente que era difícil sugestionar-se com a sua figura. E, no entanto, algo devia tê-lo impressionado vivamente, porque o Baixinho havia se apresentado, embora ninguém mais o visse — os passageiros conversavam, animados, e passavam o olhar por ele, sem reparar. Pablo sacudiu a cabeça, fechou os olhos com força e, ao abri-los, a figura do assassino com sua cordinha tinha desaparecido. Será que estou ficando louco?, pensou, e apelou à psicologia barata para chegar à conclusão de que o Baixinho lhe aparecia porque ele acabava de ter um filho e as crianças eram as únicas vítimas de Godino. As crianças pequenas. Pablo contava na excursão de onde, segundo acreditavam os forenses da época, vinha essa sanha: o primeiro filho dos Godino, irmão mais velho do Baixinho, tinha morrido aos dez meses na Calábria, Itália, antes de a família emigrar para a Argentina. A lembrança desse bebê morto o obcecava: em muitos dos crimes — e das tentativas, bem mais numerosas —, ele repetia a cerimônia do enterro. Aos peritos que o interrogaram depois de ser apanhado, disse: “Ninguém volta da morte. Meu irmãozinho nunca voltou. Simplesmente apodrece embaixo da terra.”

Pablo relatava o primeiro simulacro de enterro numa das paradas do circuito: a esquina da rua Loria com a San Carlos, onde o Baixinho havia atacado Ana Neri, de dezoito meses, sua vizinha no cortiço da rua Liniers, que não existia mais, mas o terreno onde o prédio ficava era uma parada do percurso, com uma breve contextualização na qual se explicavam aos turistas as condições de vida daqueles imigrantes recém-chegados que escapavam da pobreza europeia amontoados em cortiços úmidos, sujos, ruidosos, promíscuos, sem ventilação. O ambiente ideal para os crimes do Baixinho, porque o desconforto e a desordem acabam por mandar as crianças para a rua: viver naqueles cômodos era tão insuportável que as pessoas ficavam na calçada, especialmente os filhos, que vadiavam por ali.

Ana Neri. O Baixinho a levou ao terreno baldio, golpeou-a com uma pedra e, após deixá-la inconsciente, tentou enterrá-la. Um policial o flagrou no meio da tarefa, e ele rapidamente inventou uma mentira: alegou estar tentando ajudar a

garotinha, que tinha sido atacada por outra pessoa. O policial acreditou, talvez porque o Baixinho Orelhudo também fosse um menino: tinha, então, nove anos.

Ana demorou seis meses para se recuperar do ataque.

Não foi o único com simulacro de enterro: em setembro de 1908, pouco depois de deixar a escola — e de terem início seus aparentes ataques de epilepsia; nunca se comprovou em definitivo a que se deviam as convulsões que o Baixinho sofria —, Godino levou Severino González até um terreno baldio em frente ao colégio Sagrado Corazón. No terreno havia um pequeno curral para cavalos. O Baixinho submergiu o menino no tanque onde os animais bebiam água e tentou cobri-lo com uma tampa de madeira. Um simulacro mais sofisticado: a imitação do caixão de defunto. Outra vez um policial que passava impediu o crime e outra vez o Baixinho mentiu, dizendo que, na realidade, estava ajudando o menino. Mas, naquele mês, o Baixinho estava descontrolado. No dia 15 de setembro atacou um bebê de vinte meses, Julio Botte. Encontrou-o na porta de casa, na rua Colombres, 632. Queimou-lhe a pálpebra de um dos olhos com um cigarro que tinha na mão. Dois meses depois, os pais do Baixinho não suportaram mais sua presença nem suas ações, e eles mesmos o entregaram à polícia. Em dezembro, acabou na colônia penal de Marcos Paz para menores. Ali aprendeu a escrever um pouco, mas se destacou sobretudo por jogar gatos e botinas nos caldeirões fumegantes quando os cozinheiros se descuidavam. O Baixinho cumpriu três anos no reformatório de Marcos Paz. Saiu com mais vontade de matar do que nunca, e logo conseguiria o primeiro, e desejado, assassinato.

Pablo sempre terminava o capítulo do Baixinho com o interrogatório a que a polícia o submetera depois da detenção. Parecia impressionar muito os turistas. Lia-o, para que o efeito realista fosse maior. Na noite em que o Baixinho apareceu no ônibus, Pablo sentiu certo incômodo antes de repetir as palavras dele, mas decidiu dizê-las do mesmo jeito. O criminoso só o encarava e brincava com a corda: não o ameaçava.

— *O senhor não sente remorso pelos feitos que cometeu?*

— *Não entendo o que os senhores estão perguntando.*

— *Não sabe o que é remorso?*

— *Não, senhores.*

— *O senhor sente tristeza ou pena pela morte dos garotinhos Giordano, Laurora e Vainikoff?*

— *Não, senhores.*

— *Acha que tem o direito de matar crianças?*

— *Não sou o único, outros também fazem isso.*

— *Por que matava as crianças?*

— *Porque gostava.*

Esta última resposta provocava a reprovação coletiva dos passageiros, que em geral pareciam contentes quando Pablo trocava de criminoso e passava à mais compreensível Yiya Murano, que envenenou as melhores amigas porque lhe deviam dinheiro. Uma assassina por ambição. Fácil de entender. O Baixinho, ao contrário, incomodava a todos.

Naquela noite, quando chegou em casa, Pablo não contou à esposa que tinha visto o espectro do Baixinho. Também não contou aos colegas, mas isso era normal: não queria ter problemas no trabalho. Por outro lado, afligia-o não poder falar da aparição à esposa. Dois anos antes, teria contado. Dois anos antes, quando ainda podiam confessar um ao outro qualquer coisa sem medo, sem receio. Era uma das tantas coisas que tinham mudado desde o nascimento do bebê.

Chamava-se Joaquín: tinha seis meses, mas Pablo continuava dizendo “o bebê”. Amava-o — ou pelo menos era o que acreditava —, mas o filho não lhe dava muita atenção, ainda estava agarrado à mãe, e ela não ajudava, não ajudava nem um pouco. Tinha se transformado em outra pessoa. Temerosa, desconfiada, obsessiva. Às vezes, Pablo se perguntava se ela estaria sofrendo de depressão pós-parto. Outras vezes, ficava apenas de mau humor e recordava com nostalgia e um pouco — um muito — de irritação os anos anteriores ao bebê.

Agora, tudo era diferente. Ela não o escutava mais, por exemplo. Fingia ouvir, sorria e fazia que sim com a cabeça, mas estava pensando em comprar abóbora e cenoura para o bebê, ou se perguntando se a irritação que o bebê tinha na pele podia ter sido causada pela fralda descartável ou se por acaso se tratava de uma doença eruptiva. Nem o escutava nem queria fazer sexo, porque estava dolorida depois da episiotomia, que não terminava de cicatrizar, e, para completar, o bebê dormia na cama do casal: havia um quarto esperando por ele, mas ela não tinha coragem de deixá-lo dormir sozinho, tinha medo da “síndrome da morte súbita”. Pablo tivera que escutá-la falar dessa morte repentina durante horas enquanto tentava, em vão, acalmar a ansiedade dela, justo dela, que nunca tivera medo, que uma vez ou outra o acompanhara escalando montanhas e dormira em abrigos enquanto nevava do lado de fora. Ela, que tinha comido cogumelos com ele, um fim de semana inteiro de alucinação, aquela mesma mulher, agora chorava por uma morte que não havia chegado e possivelmente não chegaria nunca.

Pablo não lembrava por que ter um filho tinha parecido uma boa ideia. Ela não falava de outra coisa. Acabaram as conversas sobre os vizinhos, os filmes, os escândalos familiares, o trabalho, a política, a comida, as viagens. Agora só falava do bebê e fazia de conta que escutava quando tratavam de outros temas. A

única coisa que parecia registrar, como se despertasse de um torpor, era o nome do Baixinho Orelhudo. Como se sua mente se iluminasse com a imagem dos olhos do idiota assassino; como se conhecesse aqueles dedos magros que seguravam a corda. Dizia que Pablo estava obcecado pelo Baixinho. Ele não via a coisa assim. Ocorria que os outros assassinos do tour macabro por Buenos Aires eram chatos. A cidade não tinha grandes assassinos, com exceção dos grandes ditadores, não incluídos no passeio por correção política. Alguns dos facínoras de que Pablo falava tinham cometido crimes atrozes, mas bastante comuns segundo qualquer catálogo de violência patológica. O Baixinho era diferente. Era raro. Não tinha outros motivos além de seu desejo e parecia uma espécie de metáfora, o lado obscuro da orgulhosa Argentina do Centenário, um presságio do mal por vir, um anúncio de que havia muito mais que palácios e fazendas no país, uma bofetada no provincianismo das elites que julgavam que só coisas boas podiam chegar da pomposa e desejada Europa. O mais bonito era que o Baixinho não tinha a mínima consciência disso: simplesmente gostava de atacar crianças e acender fogueiras. Porque também era piromaniaco; agradava-lhe ver as chamas e observar o trabalho dos bombeiros, “sobretudo quando caíam no fogo”, como tinha dito a um dos interrogadores.

A história que irritara a esposa envolvia fogo: ela acabou se levantando da mesa, gritando que nunca mais lhe falasse sobre o Baixinho, nunca mais, por motivo algum. Gritara isso enquanto abraçava o bebê, como se tivesse medo de que o Baixinho se materializasse e o atacasse. Depois, se trancara no quarto e o deixara comendo sozinho. Ele a mandou mentalmente à merda. A história era mesmo impressionante; não para armar tanto escândalo, achava ele, mas muito brutal de fato. Ocorreu no dia 7 de março de 1912. Uma menina de cinco anos, Reina Bonita Vainikoff, filha de imigrantes judeus letões, estava espiando a vitrine de uma sapataria perto de sua casa, na avenida Entre Ríos. Usava um vestido branco. O Baixinho se aproximou enquanto ela estava absorvida pela visão dos sapatos. Levava na mão um fósforo aceso. Tocou com a chama o vestido da menina, que se incendiou. Da calçada em frente, o avô da garotinha a viu envolta em chamas. Atravessou a rua correndo, desesperado. Não conseguiu sequer chegar perto da neta: transtornado, não deu atenção ao tráfego. Foi atropelado por um carro e morreu. Um fato estranhíssimo, dada a baixa velocidade dos veículos naquela época.

Reina Bonita também morreu, mas depois de dezesseis dias de dolorosa agonia.

O assassinato da pobre Reina Bonita não era o crime favorito de Pablo. Ele gostava — essa era a palavra, fazer o quê? — do de Jesualdo Giordano, de três anos. Sem dúvida era o que mais horror causava aos turistas, e talvez fosse por

isto que lhe agradava: porque era prazeroso contá-lo e esperar a reação, sempre espantada, da plateia. Foi o crime pelo qual apanharam o Baixinho, além do mais, porque cometeu um erro fatal.

O Baixinho, como já era de costume, levou Jesualdo a um terreno baldio. Enforcou-o com treze voltas de corda. O menino resistiu com força; chorava e gritava. O Baixinho declarou à polícia que tentou fazer com que ele se calasse porque não queria ser interrompido como em outras ocasiões: “O menino, eu agarrei com os dentes aqui, perto da boca, e o sacudi como fazem os cachorros com os gatos”. Essa imagem incomodava os turistas, que se remexiam nos bancos e diziam “Meu Deus” em voz baixa. Não obstante, nunca lhe haviam pedido para interromper o relato. Depois de enforcar Jesualdo, o Baixinho o cobriu com uma placa e saiu para a rua. Mas algo o atormentava, uma ideia ardia em sua mente. De modo que, em seguida, voltou à cena do crime. Levava um prego. Pregou-o na cabeça do menino, que já estava morto.

No dia seguinte, cometeu seu erro fatal. Sabe-se lá por que, compareceu ao velório do menino que havia matado. Disse, mais tarde, que queria ver se ainda tinha o prego na cabeça. Confessou esse desejo quando o levaram para acompanhar a autópsia, depois da denúncia do pai do menino morto. Quando viu o cadáver, o Baixinho fez uma coisa muito estranha: tapou o nariz e cuspiu, como se sentisse nojo, embora o corpo ainda não tivesse entrado em estado de decomposição. Os legistas, por algum motivo que a crônica policial da época não explica, fizeram-no ficar nu. O Baixinho tinha uma ereção de dezoito centímetros. Acabara de fazer dezesseis anos.

Essa parte ele não podia contar à esposa. Uma vez havia tentado lhe falar das reações dos turistas diante do último crime do Baixinho, mas antes mesmo de começar o relato se deu conta de que ela não o estava escutando. Reclamou que precisavam mudar para uma casa maior quando o bebê crescesse. Não queria criá-lo num apartamento. Queria quintal, piscina, sala de jogos e um bairro tranquilo onde o menino pudesse brincar na rua. Ela sabia perfeitamente que este último quase não existia numa cidade com o tamanho e a intensidade de Buenos Aires, e mudar para um subúrbio rico e aprazível estava muito distante de sua realidade. Quando terminou de enumerar seus desejos para o futuro, pediu-lhe que mudasse de trabalho. Isso não, disse ele. Sou licenciado em turismo, gosto do que faço, não vou pedir demissão; eu me divirto, são poucas horas e estou aprendendo. O salário é uma miséria. Não, não é uma miséria, irritou-se Pablo. Acreditava estar ganhando bem, o suficiente para manter decentemente a família. Quem era aquela mulher desconhecida? Em outros tempos ela havia jurado que, com ele, era capaz de viver num hotel, na rua, embaixo de uma árvore. Tudo era culpa do bebê. Modificara a esposa por completo. E por quê?

Se era um menino sem graça, enfadonho, dorminhoco, que, quando estava acordado, chorava quase sem parar. Por que não trabalha você, então, se quer mais dinheiro, disse Pablo à mulher. E ela pareceu se eriçar, gritou como se tivesse ficado louca. Gritou que precisava cuidar do bebê, o que é que ele queria, abandoná-lo com uma babá ou com a louca da mãe dele? Minha mãe não está louca, pensou Pablo, e, para não voltar a brigar aos gritos, saiu à calçada para fumar. Esta era outra coisa: desde que havia nascido o bebê, ela não o deixava fumar no apartamento.

No dia seguinte à discussão, o Baixinho voltou ao ônibus. Dessa vez estava mais perto dele, quase ao lado do motorista, que claramente não o via. Pablo não se sentia diferente, só um pouco inquieto: temia que algum dos turistas também fosse capaz de ver o Baixinho espectral e causasse histeria no ônibus.

Quando apareceu, com a corda nas mãos, estavam numa das últimas paradas do percurso, a casa da rua Pavón. Ali havia sido encontrada uma das vítimas mais velhas do Baixinho, um de seus ataques mais esquisitos. Arturo Laurora, treze anos, estrangulado com a própria camisa; o corpo foi encontrado dentro de uma casa abandonada. Estava sem calça e com as nádegas machucadas, mas não tinha sido violado. Enquanto Pablo contava o caso, o Baixinho espectral, parado a seu lado, aparecia e desaparecia, tremia, perdia os contornos, como se fosse feito de fumaça ou névoa.

Pela primeira vez em muitas noites, alguém quis fazer uma pergunta. Pablo sorriu para o curioso com toda a falsidade que era capaz de conjurar. O turista — que, por seu sotaque, era caribenho — queria saber se o Baixinho havia posto um prego na cabeça de suas vítimas em alguma outra oportunidade. Não, respondeu Pablo. Que se saiba, foi só aquela vez. É muito estranho, disse o homem. E arriscou dizer que, se a carreira criminal do Baixinho tivesse sido mais longa, talvez o prego tivesse se convertido em sua marca, em sua assinatura. Quem sabe, respondeu Pablo com cordialidade, enquanto via como o Baixinho espectral acabava de se esfumar. Mas nunca vamos saber, não é verdade? O caribenho coçou o queixo.

Pablo voltou para casa pensando no prego e num trava-línguas que sua mãe lhe havia ensinado quando era criança: *Pablito clavó un clavito. /¿Qué clavito clavó Pablito?/ Un clavito chiquitito.** Abriu a porta do apartamento e se deparou com a cena habitual dos últimos meses: a televisão ligada, um prato com desenhos de Ben 10 e restos de abóbora, uma mamadeira meio vazia e a luz de seu quarto acesa. Assomou à porta. A mulher e o filho dormiam na cama, juntos. Sentiu que não os conhecia.

Pablo caminhou até o quarto que ele mesmo havia decorado para o filho antes que nascesse. Estava tão vazio que lhe deu frio. O berço imóvel estava escuro.

Parecia o quarto de um menino morto, conservado intacto por uma família de luto. Pablo se perguntou o que aconteceria se o menino morresse, como a esposa parecia temer. Sabia a resposta.

Apoiou-se na parede vazia, onde vários meses antes, ainda antes do nascimento, antes que sua esposa se transformasse em outra pessoa, tinha planejado pendurar um móbile, um universo que giraria acima do berço do bebê para entretê-lo durante a noite. A lua, o sol, Júpiter, Marte e Saturno, os planetas e os satélites e as estrelas brilhando na escuridão. Mas nunca o pendurara porque a esposa não queria que o bebê dormisse ali e não havia meio de convencê-la. Tocou a parede e encontrou o prego, que continuava esperando. Arrancou-o com um puxão seco e o enfiou no bolso. Pensou que propiciaria um grande golpe de efeito para seu relato. Ele o tiraria do bolso justo quando contasse o crime do menino Jesualdo Giordano, no momento preciso, quando o Baixinho voltava e o cravava na cabeça do menino já morto. Numa dessas, algum turista ingênuo até acreditaria que se tratava do mesmo prego, perfeitamente conservado cem anos depois do assassinato. Sorriu ao pensar em seu pequeno triunfo e decidiu deitar no sofá da sala, longe da mulher e do filho, com o prego entre os dedos.

* “Pablito pregou um preguinho. Que preguinho pregou Pablito? Um preguinho pequenininho”, em tradução livre. (N. T.)

TEIA DE ARANHA

É mais difícil respirar no norte úmido, ali perto do Brasil e do Paraguai, com o rio feroz guardado por mosquitos e o céu que passa em minutos do límpido azul celeste ao negro temporal. A dificuldade começa a ser sentida de imediato, nem bem se chega, como se um abraço brutal cingisse as costelas. E tudo é mais lento: as bicicletas passam muito de vez em quando pela rua vazia na hora da sesta, as sorveterias parecem abandonadas apesar dos ventiladores de teto que giram para ninguém, as cigarras gritam, histéricas, em seus esconderijos. Nunca vi uma cigarra. Minha tia diz que são uns bichos horríveis, umas moscas espetaculares de asas verdes que vibram e encaram a gente com seus olhos lisos e negros. Não gosto do nome cigarra: preferiria que mantivessem sempre o nome de ninfas, que só é usado quando estão na etapa inicial. Se fossem chamadas de ninfas, seu ruído de verão me recordaria as flores roxas dos jacarandás na barranca do Paraná ou as mansões de pedra branca com suas escadarias e seus salgueiros. Mas assim, como *cigarras*, me lembram do calor, da carne podre, dos cortes de energia, dos bêbados que espiam com olhos vermelhos dos bancos da praça.

Naquele fevereiro, fui visitar meus tios em Corrientes porque estava cansada das reprimendas deles: você se casou e não conhecemos seu marido, como pode, está escondendo o homem. Não, eu ria ao telefone, como vou escondê-lo, adoraria que o conhecessem, vamos em breve.

Mas tinham razão: eu o estava escondendo.

Meus tios eram os únicos guardiões da memória de minha mãe, sua irmã favorita, morta num acidente estúpido quando eu tinha dezessete anos. Nos primeiros meses de luto, me convidaram para morar com eles no norte; respondi que não. Davam-me dinheiro, me telefonavam todos os dias. Minhas primas ficavam comigo nos fins de semana. Mas eu continuava me sentindo abandonada e, por culpa da solidão, me apaixonei rápido demais, me casei por desespero e agora estava vivendo com Juan Martín, que me irritava e me aborrecia.

Decidi levá-lo para conhecer os tios na esperança de que outros olhos conseguissem transformá-lo. Bastou uma refeição no amplo pátio da casa para a

decepção: Juan Martín deu um gritinho quando uma aranha roçou sua perna (“Se não têm uma cruz avermelhada, não se preocupe”, disse meu tio Carlos, com o cigarrinho entre os lábios. “São as únicas venenosas.”), tomou cerveja demais, falou sem nenhum pudor dos bons negócios que estava fazendo e comentou várias vezes que notava “um grande atraso” na província.

Depois de comer, ficou tomando uísque com meu tio Carlos enquanto eu ajudava minha tia na cozinha.

— Bom, menina, poderia ser pior — disse ela quando comecei a chorar. — Poderia ser como Walter, que me sentava o braço.

Sim, respondi com a cabeça. Juan Martín não era violento, nem sequer ciumento. Mas me causava repulsa. Quantos anos eu ia passar assim, nauseada quando o escutava falar, dolorida quando fazíamos sexo, silenciosa quando ele confessava seus planos de ter um filho e reformar a casa? Limpei as lágrimas com as mãos cheias de detergente, meus olhos arderam e chorei mais ainda. Minha tia meteu meu rosto embaixo da torneira e deixou que a água lavasse meus olhos durante dez minutos. Assim nos encontrou Natalia, sua filha mais velha, minha prima favorita; Natalia, sempre bronzeada, com o cabelo comprido e escuro, despenteado, e um vestido branco muito folgado. Eu a vi em meio à névoa dos olhos irritados, que não conseguiam parar de piscar: segurava um vaso e estava fumando. Em Corrientes todo mundo fumava; se alguém dizia que não era saudável, ficavam encarando o admoestador, confusos, e depois riam um pouco.

Natalia pousou o vaso na mesa da cozinha, disse à minha tia, sua mãe, que já tinha plantado a azaleia e me cumprimentou com um beijo na cabeça. Meu marido não gostava de Natalia. Não lhe parecia atraente fisicamente, o que era quase uma loucura da parte dele: eu nunca tinha visto uma mulher tão bonita quanto ela. Mas, além disso, ele a desprezava porque Natalia lia a sorte nas cartas, sabia de remédios caseiros e, sobretudo, comunicava-se com espíritos. Sua prima é uma ignorante, disse Juan Martín, e eu o odiei, pensei em telefonar para Natalia e pedir a receita de alguma de suas poções, pensei inclusive em pedir um veneno. Mas deixei passar, como deixava passar cada mesquinha enquanto crescia em meu estômago uma pedra branca que deixava pouco espaço para o ar, para a comida.

— Amanhã vou para Assunção — disse Natalia. — Tenho que comprar toalhas de renda paraguaia.

Para ganhar dinheiro, Natalia tinha uma pequena loja de artesanato na rua principal da cidade, e era famosa por seu gosto sofisticado para escolher as rendas mais finas, aqueles bordados tradicionais do Paraguai que as mulheres tecem em bastidores, teias de aranha de fios delicados e coloridos. Na parte de

trás de sua loja tinha uma pequena mesa onde tirava as cartas, espanholas ou de tarô, de acordo com a preferência do cliente. Diziam que era muito boa. Eu não tinha como comprovar porque nunca a deixara tirar as cartas para mim.

— Por que você não vem comigo? A gente leva seu marido junto. Ele conhece Assunção?

— Conhece nada.

Natalia arrastou os chinelos até o pátio e cumprimentou com um beijo tio Carlos e Juan Martín. Serviu-se de uma dose de uísque com muito gelo e esticou os dedos dos pés. Eu saí da cozinha com os olhos inchados e Juan Martín me disse como você pode ser tão desastrada, se machucasse as córneas teríamos que voltar urgentemente de avião a Buenos Aires.

— Por quê? — perguntou-lhe Natalia enquanto mexia os cubos de gelo no copo, que soavam como sininhos no calor da tarde. — O hospital daqui é muito bom.

— Não dá para comparar.

— Você é um portenho muito do tonto. — E, depois de falar isso, convidou-o para ir a Assunção. — Eu dirijo — disse ela. — Você pode comprar coisas se tiver dinheiro, está tudo barato. São trezentos quilômetros, voltamos no mesmo dia se sairmos cedo.

Ele aceitou. Depois foi tirar a sesta e nem sequer me sugeriu que o acompanhasse. Agradei-lhe por isso. Fiquei com minha prima no pátio quente, ela com seu uísque, eu com minha cerveja gelada; não conseguia tomar uma bebida mais forte. Ela me contou sobre o novo namorado, o filho do dono da maior rede de supermercados da província. Sempre tinha namorados ricos. Aquele lhe importava tão pouco quanto os demais, sentimentalmente falando, mas lhe interessava porque tinha um aviãozinho. Na semana anterior a levara para passear pelo ar: é bonito, me disse, pena que balance um pouco, porque, quanto menor o avião, mais sacode. Isso eu não sabia, respondi. Eu também não; que estupidez, prima, porque é lógico. Aconteceu uma coisa espantosa quando estava lá em cima, continuou. Sobrevoamos um campo, no norte, e de repente vi um incêndio muito grande, uma casa queimava, um fogo bem alaranjado, uma fumaceira preta, e dava para ver a casa como que desmoronando por dentro. Olhei e olhei o incêndio até que ele girou o aviãozinho e o perdi de vista. Mas, dez minutos depois, voltamos a passar por ali e o fogo tinha desaparecido.

— Você deve ter se enganado de lugar, e também não deve ser fácil reconhecer um terreno de lá de cima, em um avião.

— Você não está entendendo, havia a mancha do terreno queimado e os restos da casa.

— Apagou-se, então.

— Como? Foram os bombeiros, em cinco minutos? Aquilo era no meio do campo, prima, e as chamas estavam altíssimas quando as vi, não chovia, nem nada! Nunca poderia ter se apagado dez minutos depois.

— Você falou disso com o seu namorado?

— Claro que sim, mas ele disse que sou louca, que nunca viu incêndio nenhum.

Olhamo-nos nos olhos. Eu sempre acreditava nela. Uma vez tinha me dito para não entrar no quarto da minha avó porque ela estava ali, fumando. Minha avó, nossa avó, morrera havia dez anos. Levei a sério, não entrei, mas senti no ar o cheiro penetrante dos havanas que ela fumava, embora não houvesse fumaça.

— Então você precisa averiguar, perguntar.

— Não me animo.

— Por quê?

— Porque não sei se o incêndio já aconteceu ou vai acontecer.

* * *

Sáímos ainda de noite, às cinco da madrugada. Juan Martín esteve a ponto de nos deixar ir sozinhas porque, segundo ele, mal tinha dormido por culpa do calor e do corte de energia que o deixara sem ventilador. Mas eu, no escuro, acordada, escutara-o roncar e falar em sonhos. Mentia e se queixava, e cada dia era idêntico ao anterior. Minha prima Natalia tinha um Renault 12, o carro mais comum dos anos oitenta, e quando o sol começou a sair sobre a rodovia 11 vi que no limpador de para-brisa estavam presas, mortas, muitas donzelinhas. Muita gente as confunde com libélulas, mas as donzelinhas, embora da mesma família, são diferentes. São menos delicadas, têm os olhos horríveis mais separados e o corpo, aquele corpo reto e vagamente fálico, mais comprido. São mais preguiçosas também. Eu sempre tive medo delas e nunca entendi por que, anos depois, viraram moda entre as adolescentes, que tatuavam desenhos meigos, golfinhos e borboletas, e também as horrendas libélulas com seus olhos cegos. Alguns as chamam de *aguaciles* porque costumam aparecer em bandos antes de uma chuva, quando faz muito calor; a mim esse nome faz pensar no *alguacil*, o oficial de justiça, e acho que muita gente chamava o inseto assim, como um policial do ar.

A estrada até Assunção é chata e monótona: de quando em quando palmeiras com charcos, de quando em quando selva, muito mais raramente uma pequena cidade ou vilarejo. Juan Martín dormia no banco de trás e eu às vezes o espiava pelo espelho retrovisor: era atraente à sua maneira privilegiada, com o corte elegante de cabelo e a camisa polo com o crocodilo da Lacoste. Natalia fumava

seus longos Benson & Hedges, mas não falávamos porque ela ia muito rápido e o ruído nos teria obrigado a gritar. Eu queria lhe contar mais coisas sobre meu casamento. Sobre como Juan Martín me criticava constantemente: se eu demorava a servir a mesa era uma inútil, alguém que “estava aí parada sem fazer nada, como sempre”. Se demorava a escolher alguma coisa, eu o estava fazendo perder tempo, justo a ele, sempre tão decidido e desapegado: dez minutos de dúvida sobre a que restaurante ir resultavam em uma noite de bufos e respostas atravessadas. Eu sempre lhe pedia perdão para não brigar, para que não fosse pior. Nunca lhe dizia tudo o que me incomodava nele: que arrotasse depois de comer, que nunca limpasse o banheiro nem que eu implorasse, que passasse o tempo todo se queixando da qualidade das coisas, que quando eu lhe pedia um pouco de humor sempre dissesse que era tarde para isso, que tinha perdido a paciência. Mas me mantive calada. Quando paramos para almoçar, dividi uma polenta com minha prima enquanto Juan comia seu bife com salada de todos os dias; nunca queria comer outra coisa, no máximo um filé à milanesa ou uma torta de batata. E pizza, mas só nos fins de semana.

Ele era chato e eu era estúpida. Tive o ímpeto de pedir a algum dos caminhoneiros que me atropelasse e me deixasse estripada na estrada, rasgada como as cadelas que eu via mortas no asfalto de vez em quando, algumas delas grávidas, com todos os filhotes agonizando ao seu redor, pesadas demais para correr e evitar as rodas assassinas.

Faltava menos de uma hora para entrar no Paraguai, e preparamos nossos passaportes. Os oficiais da imigração eram militares altos e morenos. Um estava bêbado. Deixaram-nos passar sem nos dar maior importância, ainda que olhassem nossas bundas e comentassem em voz baixa, com risinhos. A atitude era previsível e relativamente respeitosa: estavam ali para dar medo, para dissuadir qualquer transgressão. Juan Martín começou a dizer, quando já estávamos longe do posto de controle, que era preciso denunciá-los.

— E a quem você vai denunciá-los se eles são o governo, meu chapa? — perguntou-lhe Natalia, e eu, que a conhecia bem, percebi em sua voz algo mais que brincadeira: havia desprezo. Depois me encarou, incrédula. Mas nenhum dos três disse mais nada.

Natalia, que conhecia bem Assunção, chegou rápido ao Mercado 4 e deixou o carro trancado a umas quatro quadras, que percorremos acossados por vendedores de relógios e toalhas de mesa, meninos mendigos, uma mãe e sua filha na cadeira de rodas, tudo sob os olhares dos militares com seus uniformes marrom-esverdeados e as armas enormes que pareciam antigas, velhas, pouco usadas.

O calor e o cheiro do mercado constituíam um golpe físico. Fiquei parada

perto da banca de laranjas. Lá eles as chamam de “toronjas”: têm uma espécie de umbigo disforme e um sabor insosso; na banca perto da entrada, voavam ao redor delas umas mosquinhas que eu detestava não porque me dessem nojo, mas simplesmente por não saber como matá-las, moscas pequenas atraídas pela fruta e que pareciam pequenos fragmentos de escuridão voadores porque era preciso tê-las muito perto dos olhos para ver suas asas ou patas ou qualquer característica de bicho. Não comprei, apesar de a vendedora baixar sem parar o preço: três guaranis, dois guaranis, um guarani. Os carregadores corriam pelos corredores com caixas, algumas de frutas, outras de televisores e videocassetes, outras de roupa. Juan Martín estava calado e Natalia caminhava muito decidida na frente, com seu vestido branco e as sandálias rasteiras de couro; tinha prendido o cabelo por causa do calor, e o rabo de cavalo se movia de um lado a outro como se tivesse um vento pessoal.

— Isso é tudo contrabando — disse de repente Juan Martín, e em voz alta, a ponto de alguns comerciantes e vendedores que iam de um lado para o outro o encararem.

Estaquei bruscamente e o agarrei pelo braço. Não fale assim, disse-lhe ao ouvido. São todos delinquentes, aonde é que você foi me trazer, esta é a sua família. As náuseas se misturaram com as lágrimas e eu lhe disse que conversaríamos depois, que agora ele fechasse a boca, que sim, de fato, ali devia haver um bocado de delinquentes que nos matariam se ele continuasse provocando. Olhei-o de cima a baixo, os sapatos tipo dockside, as manchas de suor nas axilas, os óculos escuros no alto da cabeça. Eu não o amava mais nem me sentia atraída por ele e o teria entregado aos militares de Stroessner para que fizessem com ele o que lhes desse na telha.

Apertei o passo para alcançar Natalia, que já estava no boxe da senhora que vendia rendas. Uma mulher mais jovem tecia no tear com cores vivas. Era o único lugar daquele mercado interminável e ruidoso que tinha certa tranquilidade. As pessoas paravam e perguntavam os preços e a senhora respondia em voz baixa, mas a escutavam, apesar dos rádios, do *chamamé*,* e até de um homem que tocava harpa para os poucos turistas que naquela manhã de calor haviam se aventurado a comprar barato em Assunção. Natalia não tinha pressa; hesitou entre várias toalhas de mesa e finalmente escolheu cinco jogos: meus favoritos eram o branco com detalhes nas bordas e no centro, de todas as cores — violeta, azul, turquesa, verde, vermelho, laranja, amarelo —, e outro muito mais elegante que só usava a paleta do marrom, desde o bege até o mogno escuro. Levou cinco jogos americanos com guardanapos, umas trinta toalhinhas de centro de mesa e muitos detalhes para pregar em vestidos e camisas, especialmente em *guayaberas*** que ela conseguia num boxe mais distante; para

encontrá-lo, era necessário enveredar pelos corredores do mercado. Eu a segui sem nem verificar se Juan Martín vinha atrás. Perguntava-me por que será que chamavam a renda paraguaia de “teia de aranha”: talvez fosse pela técnica de tecer, porque o resultado final se parecia muito mais com as caudas dos pavões reais, os olhos entre plumas, belos e ao mesmo tempo inquietantes, muitos olhos esparramados acima do animal que caminhava pesado, um animal belíssimo mas que sempre parecia cansado.

— Não quer uma *guayabera* para você, Martín? — Natalia o chamava de Martín, não usava o nome completo.

Juan Martín estava incomodado, mas tentava sorrir; eu conhecia aquela expressão, era seu modo condescendente de “fiz o possível” para, depois, quando estivesse definitivamente irritado, jogar aquilo na minha cara, eu bem que tentei, mas você não ajuda, você nunca ajuda. Comprou a *guayabera*, mas não quis experimentá-la, primeiro é preciso lavá-la, me disse com reprovação, como se a camisa pudesse estar envenenada. Carregou uma das sacolas de plástico de Natalia — que nem pesavam nada, eram rendas — e falou: por favor, vamos sair deste inferno. Como a saída não estava sinalizada, foi obrigado a nos seguir, a seguir Natalia na verdade, e vi nos olhos dele o desgosto e o ressentimento.

Minha prima me segurou pelo braço e fingiu que admirava uma pulseira de prata e lápis-lazúli que Juan Martín me dera durante nossa lua de mel em Valparaíso.

— Todos cometemos erros — me disse. — O importante é consertá-los.

— E como se conserta este?

— Amiga, a única coisa que não tem conserto é a morte.

* * *

Juan Martín não gostou do caminho entre o mercado e a avenida costeira, a cidade lhe pareceu suja e miserável. Não gostou do palácio dos López e depois, na praia do rio, começou quase a gritar conosco, como podíamos estar tão anestesiadas que não víamos os meninos barrigudos comendo melancia em pleno sol a metros da sede do governo, que país de merda façam-me o favor. Não queríamos brigar com ele. A cidade era pobre e, com o calor, fedia a lixo. Mas ele não estava aborrecido com Assunção: estava irritado conosco. Eu já não tinha mais vontade de chorar. Para não contrariá-lo, procuramos um restaurante naquela região, onde estavam os ministérios, os colégios particulares, as embaixadas, os hotéis: os ricos do Paraguai. Chegamos depressa ao Múnic, pela rua Presidente Franco. Franco, o ditador?, perguntou Juan Martín, mas era uma

pergunta retórica. No pátio do restaurante havia uma enorme Santa Rita e as mesas estavam vazias, exceto a do meio, ocupada por três militares. Sentamos longe para que não escutassem Juan Martín e porque, além do mais, é sempre preferível sentar longe dos militares em Assunção. As paredes eram coloniais, o céu emoldurado pelo pátio estava totalmente limpo, mas ali, apesar do calor, havia sombra. Pedimos sopa paraguaia, e Juan Martín, um sanduíche. Os militares, bêbados de cerveja — havia várias garrafas vazias em cima da mesa e embaixo das cadeiras —, primeiro disseram à garçonete que era linda e depois um deles passou a mão na bunda dela e a cena ficou parecendo um filme de mau gosto, uma chanchada, o homem com a jaqueta da farda aberta e a barriga proeminente, um palito de dentes nos lábios, as risadas grotescas e a garota que tentava rechaçá-los e dizia “Vão querer mais alguma coisa?”, mas não se atrevia a insultá-los porque eles portavam armas na cintura e algumas outras estavam apoiadas no móvel às suas costas.

Juan Martín se levantou, e imaginei o que ia acontecer. Ia gritar que deixassem a garota em paz, ia fazer papel de herói e seríamos presos os três. Natália e eu seríamos violentadas nos calabouços da ditadura, noite e dia; a mim iam aguilhoar acima dos pelos pubianos, que eram tão louros quanto meus cabelos, e babariam dizendo gringuinha de merda, argentinazinha de merda, Natalia possivelmente seria morta logo, por ser morena, por ser bruxa, por ser desafiadora. E tudo isso porque Juan Martín precisava bancar o herói e provar sabe-se lá o quê. Ele, além do mais, ia ficar com a parte fácil, porque aos homens eles fuzilavam com um tiro na nuca e pronto, os militares paraguaios não eram veados, claro que não.

Natalia o deteve. Mas você não percebe o que estão fazendo, vão violar a moça. Eu percebo tudo, disse Natalia, mas não podemos fazer nada. Vamos embora agora mesmo. E Natalia deixou dinheiro na mesa e arrastou Juan Martín até o carro, os militares nem nos viram, concentrados em torturar a garota. No carro, Juan Martín nos disse tudo o que pensava de nossa covardia e como lhe dávamos vergonha e nojo. Eram seis da tarde. Tínhamos passado muitas horas no mercado e tentando passear pela avenida costeira e pelo centro enquanto ouvíamos os resmungos de meu marido. Natalia queria chegar cedo para poder jantar em Corrientes, de modo que arrancou com o carro e saiu de Assunção quando o sol se punha vermelho e os vendedores de frutas se sentavam para se refrescar debaixo dos guarda-sóis.

* * *

O carro enguiçou na estrada, em algum lugar de Formosa. Começou a corcovear

como um cavalo rebelde e de repente parou; quando Natalia tentou dar a partida de novo, reconheci o ruído impotente do motor afogado e exausto. Se voltasse a pegar, seria depois de um longo intervalo. A escuridão era total; naquele trecho, a estrada não tinha iluminação. Mas o pior era o silêncio, cortado apenas por alguma ave noturna, por deslizamentos entre as plantas — ali era quase selva, matagal espesso —, por algum caminhão que soava muito distante, que não ia passar por perto para nos salvar.

— Por que você não dá uma olhada no motor? — perguntei a meu marido.

Já havia me incomodado bastante o fato de ele não se oferecer para dirigir na viagem de volta, de nem sequer ter perguntado a minha prima se ela estava cansada. Eu não sabia dirigir. Por que eu era tão inútil? Tinha sido tão mimada por minha falecida mãe, não havia ocorrido a ninguém que precisaria solucionar coisas sozinha? Tinha casado com aquele imbecil por não saber o que fazer nem em que trabalhar? Na escuridão, entre a vegetação que mal se adivinhava, brilhavam os vaga-lumes. Odeio que os chamem de bichinhos de luz, “vaga-lume” é uma palavra bonita. Uma vez eu havia aprisionado alguns num vidro vazio de maionese e percebera como são feios, parecem baratas com asas. Contudo, tinham sido abençoados com a mais pura justiça: quietos e sem voar, eram bichos que pareciam praga, mas quando voavam e relampejavam eram o que há de mais próximo da magia, um presságio de beleza e bondade.

Juan Martín pediu uma lanterna e saiu sem resmungar. Eu me dei conta, observando seu rosto sob a luz tênue do interior do carro, de que ele estava assustado. Abriu o capô, e nós apagamos a luz para não gastar bateria. Não víamos o que ele fazia, mas de repente o escutamos baixar o capô de um golpe e se enfiar correndo no carro, com o pescoço pingando suor.

— Uma cobra passou pelo meu pé! — gritou, e sua voz falhou como se ele tivesse catarro na garganta.

Natalia não quis mais fingir e riu dele, batendo no volante com os punhos.

— Mas é um paspalho mesmo — disse, e enxugou as lágrimas de riso.

— Paspalho! — gritou Juan Martín. — E se ela me picasse e fosse venenosa, o que faríamos, hein? Estamos no meio do nada!

— Nada vai morder você, fique tranquilo.

— O que é que você sabe?

— Mais que você eu sei.

Calamo-nos os três. Eu escutava a respiração de Juan Martín e jurava em silêncio que nunca mais faria sexo com ele, nem se ele tentasse me obrigar com uma arma. Natalia saiu do carro e nos disse para deixar as janelas fechadas se não quiséssemos que os bichos entrassem. Vão morrer de calor, mas é uma coisa ou a outra. Juan Martín agarrou a cabeça com as duas mãos e me disse nunca

mais, nunca mais voltaremos aqui, está me entendendo? Natalia caminhava pela estrada vazia e eu a iluminei de dentro do carro com a lanterna. Fumava e pensava, eu conhecia aquele seu gesto. Juan Martín tentou dar a partida outra vez, mas o carro soou mais afogado e lento que antes. Com certeza sua prima se esqueceu de pôr água, disse-me ele. Não, respondi, porque o carro não está quente, você não percebeu quando olhou o motor? Que foi que você viu, hein? Você não sabe de nada, Juan Martín, e me estirei no banco de trás, tirei a camiseta, fiquei de sutiã.

Uma vez eu tinha feito aquele mesmo caminho com meu tio Carlos e minha mãe. Não lembro por que precisavam ir a Assunção. Tinham passado a viagem toda cantando, isso, sim, eu lembrava, canções sobre a ponte Pexoa, o pássaro *chogüí* e o lavrador. No caminho tive vontade de fazer xixi e não me animei a baixar o short no matagal, de modo que chegamos a um posto de gasolina, meu tio pediu a chave ao encarregado e entrei no banheirinho lateral, o que era usado pelos caminhoneiros. O banheirinho ainda me persegue em sonhos. O cheiro era brutal: havia dedos de merda nos azulejos azuis; sem papel higiênico à vista, muita gente havia se limpado com os dedos. Como podiam fazer uma coisa assim? A tampa preta da privada estava cheia de bichos. De gafanhotos, sobretudo, e grilos. Faziam ruído, um zumbido que parecia o de uma geladeira. Saí correndo e chorando e baixei o short e mijeí do lado do posto de gasolina. Nunca disse nada a meu tio nem a minha mãe, nunca lhes falei da merda endurecida na privada, do botão da descarga sujo com impressões digitais marrons, dos gafanhotos verdes que cobriam quase totalmente a lampadinha solitária que pendia do teto sem proteção alguma. Depois do banheiro, não me lembro de nada da viagem. Minha mãe dizia que tínhamos parado num hotel colonial bonito, mas que, de noite, no pátio, viam-se ratos correndo. Eu não tenho nenhuma recordação desse hotel nem da chuva de granizo que se desatou depois e retardou nossa volta. A viagem, para mim, terminou no banheiro dos gafanhotos.

Juan Martín falava de caminhar pela estrada até não sei que lugar que tinha visto iluminado, e não lhe respondi. Se tinha medo das cobras, como ia fazer para chegar se as bichas passavam cruzando o caminho. Natalia havia terminado o cigarro — pelo menos não se via mais a brasa ardendo na escuridão como outro vaga-lume —, mas não entrava no carro. Queria esperar do lado de fora para o caso de alguém passar, claro. Alguém que a levasse até um telefone para chamar o Automóvel Clube, por exemplo. Além do mais, não devia ter vontade de estar no carro conosco, e quem podia culpá-la depois de ter aguentado meio dia de Juan Martín e minha passividade.

As luzes do caminhão iluminaram a estrada e as rodas levantaram pó no ar;

me pareceu estranho porque ali, no norte, apesar do calor, quase nunca havia terra seca no ambiente, porque chovia frequentemente, quando não todos os dias. Sempre estava úmido, a terra bem grudada no chão. Mas chegou assim: como se fosse trazido por uma tempestade de areia. Natalia tinha colocado o triângulo, que brilhava fosforescente na noite, mas logo se viu que não confiava nele, porque abriu rapidamente a porta, agarrou a lanterna que estava no banco do motorista e começou a fazer sinais com os braços e a gritar ei ei ajuda ajuda. Não vi a cara do caminhoneiro: levava um carro rebocado, e Natalia teve que trepar na cabine para poder lhe falar quando ele parou sem desligar o motor. Dois minutos depois, ela apanhou sua bolsa e os cigarros e disse que o sujeito a levaria até o posto de gasolina para chamar o Automóvel Clube. Que estávamos perto de Clorinda, ele também dissera, e que não levava os três porque não tinha lugar. O caminhão se perdeu na estrada escura tão repentinamente quanto tinha chegado e me dei conta de todas as coisas que eu não havia perguntado a Natalia: quanto demoraria, se o posto de gasolina ficava perto, por que não iam a Clorinda se estava perto, se o caminhoneiro parecia confiável, o que deveríamos fazer se passasse outro caminhão ou mesmo um carro, devíamos pará-lo?

— Esquecemos de pedir água — comentou Juan Martín, e era a primeira coisa sensata que dizia desde a manhã.

Meu coração começou a bater mais rápido: e se nos desidratássemos? Abri os vidros, nem pensei nos bichos, no que podiam ser, mariposas, besouros, grilos, o que mais, talvez um morcego. Juan Martín disse sua prima é uma irresponsável, nos trazer até aqui, onde não passa carro nenhum, sem checar antes se este calhambeque estava em boas condições. Como você sabe se ela não mandou vistoriar o carro, respondi furiosa, e pensei que seria fácil matá-lo ali, eu podia buscar uma chave de fenda no porta-malas e cravá-la no pescoço dele. Ele não queria me matar, só queria me tratar mal e me perturbar para que eu odiasse minha vida e não me restasse nem vontade de mudá-la. Ele quis ligar o rádio e eu quase falei pare com isso, precisamos cuidar da bateria, mas o deixei fazer, desfrutei de sua ignorância, como ia dar risada quando chegasse o guincho e ele explicasse que tinha gastado a bateria procurando não sei o quê no rádio. Que poderia haver no rádio por ali à noite, *chamamé* e *chamamé* e uma ou outra pessoa solitária que telefonava e chorava e recordava os filhos mortos nas Malvinas.

O socorro mecânico chegou uma hora mais tarde. Como eu havia imaginado, repreenderam Juan Martín por ter ligado o rádio. Ele balbuciou desculpas. Os mecânicos puseram mãos à obra e Juan Martín fez de conta que os supervisionava. Eu saí e agarrei Natalia pela mão.

— Você não sabe como era gato o caminhoneiro. Um daqueles suecos de

Oberá. Um estouro. Vai passar a noite em Clorinda, acho que vou ficar com ele. Se o carro andar, o palerma do seu marido que leve você até Corrientes — disse ela em voz baixa.

Mas o carro não pegou, e tiveram que rebocar nós três até Clorinda, em Formosa. O carro ficou nas dependências do Automóvel Clube da cidade, e nos levaram, com toda boa vontade, até o hotel que Natalia lhes indicou, pomposamente chamado Embajador. Era branco e com arcadas coloniais, mas eu sabia, só por vê-lo de fora, que teria cheiro de umidade e talvez não tivesse água quente. Havia um restaurante, isso, sim, mais propriamente uma churrascaria, com várias mesas de plástico branco ocupadas por uma família e alguns homens sozinhos. Vamos tomar um banho, disse eu a Juan Martín, e depois comemos alguma coisa.

Quando estavam nos dando a chave do hotel, entrou na recepção aquele que sem dúvida era o caminhoneiro. Natalia se aproximou com uma corridinha de adolescente. O sujeito era duas cabeças mais alto que ela, tinha braços grossos e cabelo louro muito curto. Boa noite, nos disse, e sorriu. Parecia encantador, mas podia ser qualquer coisa, um degenerado, um agressor, um estuprador: como era muito bonito, a gente preferia crer que se tratava de um príncipe dourado da estrada. Eu o cumprimentei, Juan Martín apanhou a chave e me olhou para que o seguisse. Eu o segui. Natalia me gritou que nos encontraríamos em uma hora para comer e pensei que desgraça, ela uma hora com esse viking de sorriso doce e eu uma hora aguentando meu marido.

Juan Martín gritou que nem sequer uma vez, nem uma única vez, está percebendo, você se colocou do meu lado. Em nada. O dia inteiro. Gritou que Natalia era uma puta, que ia com o primeiro que aparecia. Gritou que eu também era uma puta porque tinha virado os olhinhos para aquele louro bronco. Eu disse que o louro bronco havia nos resgatado na estrada e que, pelo menos, Juan Martín poderia ter agradecido. Você é um mal-educado, gritei. Um grosseiro. Um grosseiro, eu? Fedelha de merda, gritou, e se enfiou no banheiro batendo a porta com força. De lá de dentro gritou mais ainda e disse palavrões porque não havia água quente e porque as toalhas cheiravam a mofo e finalmente saiu e se atirou na cama. Você não diz nada. O que você quer que eu diga, respondi. Você quer me deixar, falou ele, mas vai ver que quando voltarmos a Buenos Aires as coisas vão melhorar. E se não melhorarem?, perguntei. Você não vai me deixar tão fácil, disse ele, e acendeu um cigarro. Tomei uma ducha fria e pensei que, numa dessas, quando eu saísse ele teria caído no sono e o cigarro incendiaria os lençóis e ele morreria queimado ali, no hotel de Clorinda. Mas quando saí, molhada e com frio, o cabelo louro escorrendo, patético, ele estava me esperando vestido e perfumado para ir jantar.

— Desculpe — disse ele. — Às vezes fico intratável.

— Vamos comer — respondi enquanto colocava um vestido folgado e passava de qualquer jeito um pente pelo cabelo. Queria que o caminhoneiro louro o visse assim, recém-lavado e meio despenteado. Quando Juan Martín tentou me beijar, ofereci a bochecha. Mas ele não disse nada, se conformou.

Na churrascaria não restavam mais que dois homens, minha prima e o caminhoneiro louro. Uma garota de cabelo escuro nos perguntou o que queríamos e falou que só tinha sobrado costela de boi, linguiça (podia fazer um sanduíche) e salada mista. Dissemos que sim a tudo e pedimos um refrigerante bem gelado. Eu estava com mais sede que fome, apesar de ter comprado na entrada de Clorinda uma Fanta laranja bem gelada, meu refrigerante favorito que por algum motivo não se encontrava mais em Buenos Aires, mas ainda existia no interior, quem sabe garrafas antigas, ou talvez continuassem produzindo. As coisas demoravam mais para terminar ali, na beira do rio.

Os homens falavam de histórias de fantasmas. Natalia estava sentada bem perto do louro, com quem compartilhava um cigarro. Ele tinha aberto um pouco a camisa branca, estava bronzeado, era fabuloso.

— Há pouco tempo aconteceu comigo uma coisa estranhíssima — disse o louro esplêndido.

— Conta, meu chapa, aqui ninguém dorme! — gritou outro dos caminhoneiros, que tomava cerveja.

Ia seguir viagem assim, meio bêbado? Naquelas estradas sempre havia acidentes, aquilo podia explicar o porquê. Meu tio Carlos, por exemplo, nunca pegava no volante se estivesse embriagado, mas era uma exceção entre seus amigos e mesmo em nossa família.

— Posso contar? — perguntou o louro, e olhou para minha prima. Natalia sorriu e fez que sim com a cabeça.

Bom, acomodou-se o louro, e contou que era de Oberá, que morava em Oberá, em Misiones, e que a uns vinte quilômetros de distância havia um povoado que se chamava Campo Viera. Ali havia um arroio, o Yazá. Uma tarde, era plena luz do dia, ei, não vão pensar que me sugestionei porque era de noite. Também não estava bêbado. Bom, uma tarde saí com o caminhão pequeno, para fazer um frete corriqueiro, e uma mulher atravessou a ponte correndo. Não deu tempo de desviar dela, se desviasse eu me matava, e senti a batida no corpo, chê. Desci da cabine correndo, com o suor frio ensopando a espinha, e não encontrei ninguém. Nem sangue nem um amassado no para-choque nem nada. Fui à polícia e tomaram meu depoimento, mas estavam com um humor de merda. Tive que deixar o frete para o outro dia e lá, em Campo Viera, contei a história, como estou contando a vocês. Os milicos me disseram que tinham construído a ponte e

que nos alicerces usaram mortos, gente que eles mataram, que esconderam ali.

Escutei Juan Martín bufar. Não gostava desse tipo de história.

— Com essas coisas não se brinca — disse ele ao louro.

— Desculpe, cavalheiro, mas não estou brincando. É bem capaz que a milicada tenha colocado defuntos lá.

Nossa carne chegou e Juan Martín começou a comer. Trouxeram-nos pratos de madeira: sempre gostei mais deles que dos de louça para comer assado, o sabor é melhor e o azeite para a salada é mais bem absorvido e não alcança a carne. Estava uma delícia.

O louro disse que em Campo Viera tinham lhe contado um montão de outras coisas sobre a ponte e o arroio. Toda aquela região é estranha, disse, veem-se luzes de automóveis que nunca chegam, como se desaparecessem por algum caminho, mas não há caminhos transitáveis, é tudo selva.

— Por falar em carros que desaparecem, esta é para mijar de rir — disse um dos outros caminhoneiros, sorrindo, talvez para aliviar o clima pesado do ambiente e a antipatia do meu marido.

Senti vergonha outra vez e sorri para o caminhoneiro louro, que tinha uma covinha deliciosa no queixo, e ele sorriu para mim também. Tomara que vire namorado de Natalia, pensei, e tomara que Natalia se canse dele como se cansa de todos e então ele se dê conta de que sempre, desde o primeiro momento, desde que nos olhamos nos olhos na recepção do hotel, estive apaixonado por mim.

— E aconteceu aqui! Bom, aqui não, na churrascaria da estrada, a dez quadras daqui. Chegou um sujeito com seu trailer, uma casinha linda. Estava com a família, dois meninos, pelo que disseram, e a mulher e a sogra. Parece que foram comer um churrasco e deixaram a sogra no trailer, ela não estava se sentindo bem ou alguma coisa assim.

— E aí? — perguntou o terceiro caminhoneiro, que parecia estar com sono.

— Roubaram o trailer com a velha dentro!

Todos riram muito, inclusive a garota da churrascaria, que estava deixando o fogo morrer. O sujeito, desesperado, tinha corrido à polícia e passado uma semana em Clorinda; a esposa sofreu um ataque de nervos. Houve uma operação em toda a região de Formosa e encontraram o trailer, mas estava vazio. Tinham roubado tudo, inclusive a sogra.

— Quanto tempo faz isso? — quis saber Natalia.

— Ah... coisa de um ano já. Como o tempo passa. Um ano. Um caso estranhíssimo, com certeza os ladrões entraram no trailer e não se deram conta de que a velha estava dentro e é capaz que ela tenha morrido de susto e então a jogaram para fora. Por estas bandas você pode se livrar de qualquer um, não te

pegam de jeito nenhum.

— O homem telefona sempre — interveio a garota da churrascaria. — Mas a senhora nunca apareceu.

— Nem os ladrões — completou o caminhoneiro. — Coitada da mulher, que destino, gente.

Continuaram falando por um tempo do desaparecimento da sogra, e Juan Martín, irritado, disse com licença e foi para o quarto. Espero você, me olhou, e assenti. Mas fiquei até muito tarde, até que meu cabelo secasse e a garota da churrascaria nos deixasse a chave da geladeira para que continuássemos pegando cervejas. Natalia até contou a história da casa em chamas que tinha visto do aviãozinho do namorado, só não disse que era do namorado, e sim de seu primo. Depois bocejou e anunciou que ia dormir. O caminhoneiro louro a seguiu. Fui atrás deles e pedi outro quarto. Disse à moça que meu marido estava muito cansado e que, se eu entrasse àquela hora, iria acordá-lo, e no dia seguinte, se o mecânico nos trouxesse o carro, ele teria que dirigir até Buenos Aires mal dormido porque custava a adormecer de novo quando o despertavam. Claro, falou a mulher da recepção — eram todas mulheres naquele hotel, ao que parecia —, quase não temos hóspedes mesmo, é uma época ruim.

Sim, é uma época ruim, disse eu, e quando apoiei a cabeça no travesseiro dormi de imediato e tive pesadelos com uma velha que corria envolta em chamas, nua, por uma casa que desmoronava; eu via tudo de fora, mas não podia entrar para ajudá-la porque cairia uma viga na minha cabeça ou o fogo me alcançaria ou a fumaça me sufocaria. Mas eu também não procurava ajuda, só ficava olhando a mulher queimar.

* * *

O Automóvel Clube nos trouxe o carro pela manhã. Explicaram o problema muito por alto, dando por certo que nem eu nem Natalia entendíamos coisa alguma. Só queríamos saber se ia chegar até Corrientes e nos disseram que sim, claro, que não passavam de três horas de viagem. Mesmo assim era preciso levá-lo a uma oficina para que completassem não sei que coisas que não tinham podido solucionar, mas o mecânico se daria conta de imediato, e se isso não acontecesse deveríamos telefonar para eles. Agradecemos e fomos tomar o café da manhã. Só havia torradas e café com leite — nem um croissant —, mas tudo bem. O caminhoneiro louro tinha partido fazia duas horas. Prometera telefonar para Natalia, e ela achava que ele cumpriria a promessa. Fode como os deuses, me disse. E é uma doçura de pessoa.

Invejei-a. Engoli o café meio frio com as lágrimas e fui buscar Juan Martín.

Mas, quando entrei no quarto, ele não estava lá. A cama nem sequer fora desarrumada, como se não tivesse dormido ali. Eu não podia garantir que ele houvesse voltado ao quarto, nem sequer o vira entrar no hotel. Voltei ao refeitório e perguntei a Natalia: entrar no hotel, sim, eu o vi, disse ela. A moça da recepção, que ainda não tinha ido dormir, nos garantiu que ele levava a chave: pelo menos, era certo que não estava pendurada no chaveiro da parede.

— Vai ver saiu para caminhar — murmurou.

Mas, claro, ela não o tinha visto descer. Fiquei nervosa, minhas mãos tremiam. Falei para Natalia que devíamos chamar a polícia, mas ela voltou a prender o cabelo num rabo de cavalo, como tinha feito no mercado, e respondeu que não. Não seja boba. Se ele foi embora, foi e pronto, disse.

Pôs-se de pé e foi até o quarto buscar a carteira e as sacolas com as compras.

— Que cara de abobalhada, menina.

Era verdade. Eu estava desconcertada. Voltei ao quarto onde Juan deveria ter dormido e não encontrei sua bolsa nem a escova de dentes que ele sempre colocava metodicamente no banheiro quando viajávamos. O boxe do chuveiro estava seco. As toalhas ainda úmidas eram as que eu tinha usado.

No carro, colocamos óculos escuros: o sol era insuportável.

— Vai chover — afirmou a moça da recepção do hotel. — É o que diz no rádio, mas não parece, o céu está limpo.

— Tomara que chova, amiga, ninguém aguenta, está grudento — respondeu Natalia.

— E o marido da outra senhora? — perguntou a moça da recepção, como se eu não estivesse ali.

— Ah, foi um mal-entendido.

Acomodei-me no banco do carona. Antes de sair de Clorinda, paramos no posto de gasolina: Natalia precisava de cigarros e eu, de outra Fanta laranja. Um dos caminhoneiros da noite anterior, o que estava com sono e só escutava as histórias dos demais, se abastecia de gasolina. Cumprimentou-nos, perguntou se estava tudo bem e espiou o banco traseiro; procurava Juan Martín, mas não perguntou por ele. Nós o cumprimentamos, sorridentes, e saímos para a estrada; no horizonte, do lado do rio, já se viam as nuvens negras da tempestade.

* *Chamamé*: estilo de música dançante derivado da polca correntina (da região de Corrientes, no nordeste da Argentina). (N. T.)

** *Guayabera*: camisa popular masculina, típica de países latino-americanos e caribenhos, em geral branca ou de cor clara, com pregas verticais e bolso no peito. (N. T.)

FIM DE CURSO

Nunca havíamos prestado muita atenção nela. Era uma daquelas garotas que falam pouco, que não parecem muito inteligentes nem bobas demais e que têm aquelas caras esquecíveis, aquelas caras que, embora a gente as veja todos os dias no mesmo lugar, é possível que não as reconheça num ambiente diferente, e muito menos que possa dar-lhes um nome. Só o que a diferenciava era que se vestia mal, e mais que isso: as roupas que usava pareciam escolhidas para esconder o corpo. Dois ou três números acima do devido, camisas fechadas até o último botão, calças que não deixavam adivinhar suas formas. Só as roupas faziam com que a notássemos, apenas para comentar seu mau gosto ou sentenciar que se vestia como uma velha. Chamava-se Marcela. Poderia se chamar Monica, Laura, Maria José, Patricia, qualquer desses nomes intercambiáveis que costumam ter as garotas a quem ninguém presta atenção. Era má aluna, mas raramente os professores a reprovavam. Faltava muito, mas ninguém comentava sua ausência. Não sabíamos se tinha dinheiro, no que os pais trabalhavam, em que bairro morava.

Não nos importava.

Até que, na aula de história, alguém deu um pequeno grito de repugnância. Foi Guada? Parecia a voz de Guada, que além do mais sentava perto dela. Enquanto a professora explicava a batalha de Caseros, Marcela arrancou as unhas da mão esquerda. Com os dentes. Como se fossem unhas postiças. Os dedos sangravam, mas ela não demonstrava nenhuma dor. Algumas garotas vomitaram. A professora de história chamou a auxiliar pedagógica, que levou Marcela embora; faltou durante uma semana e ninguém nos explicou nada. Quando voltou, havia passado de garota ignorada a garota famosa. Algumas tinham medo dela, outras queriam se tornar suas amigas. O que ela fizera era a coisa mais estranha que já havíamos visto. Alguns pais queriam convocar uma reunião para tratar do assunto, porque não estavam seguros de que fosse recomendável que continuássemos em contato com uma garota “desequilibrada”. Mas resolveram as coisas de outra maneira. Faltava pouco para terminar o ano, para que concluíssemos o ensino médio. Os pais de Marcela garantiram que ela

ficaria bem, que tomava medicação, que fazia terapia, que estava controlada. Os outros pais acreditaram neles. Os meus mal prestaram atenção: a única coisa que importava para eles eram minhas notas, e eu continuava sendo a melhor aluna, como em todos os anos.

Marcela ficou bem por um tempo. Voltou com os dedos enfaixados, primeiro com gaze branca, depois com Band-Aids. Não parecia se lembrar do episódio das unhas arrancadas. Não ficou amiga das garotas que se aproximaram dela. No banheiro, as que queriam ser amigas de Marcela nos contavam que era impossível, que ela não falava, que as escutava mas nunca respondia e ficava encarando-as tão fixamente que acabou dando medo.

Foi no banheiro que tudo começou de verdade. Marcela estava se olhando no espelho, na única parte em que isso era possível porque o resto estava descascado, sujo ou tinha declarações de amor ou insultos de alguma briga entre duas garotas raivosas escritos com pincel atômico ou batom. Eu estava com minha amiga Agustina: tentávamos resolver uma discussão que tivéramos mais cedo. Parecia uma discussão importante. Até que Marcela sacou de algum lugar (do bolso, provavelmente) uma gilete. Com rapidez precisa fez um talho na própria bochecha. O sangue demorou para brotar, mas quando o fez saiu quase aos jorros e ensopou o pescoço e a camisa abotoada dela, como as de freira ou de homem engomadinho.

Nem eu nem Augustina fizemos nada. Marcela continuava se olhando no espelho, estudando a ferida, sem um gesto de dor. Isso foi o que mais me impressionou: não havia doído, estava claro, ela nem sequer franzira o cenho ou fechara os olhos. Só reagimos quando uma garota que estava fazendo xixi abriu a porta e gritou “O que aconteceu?”, e tentou deter o sangue com um lenço. Minha amiga parecia a ponto de chorar. Meus joelhos tremiam. O sorriso de Marcela, que continuava se olhando enquanto apertava o lenço contra o rosto, era bonito. O rosto dela era bonito. Ofereci-me para acompanhá-la até sua casa ou um local onde costurassem ou desinfetassem a ferida. Ela então pareceu reagir e disse que não com a cabeça, disse que pegaria um táxi. Perguntamos se ela tinha dinheiro. Respondeu que sim e voltou a sorrir. Um sorriso que podia conquistar qualquer um. Faltou outra vez durante uma semana. A escola inteira sabia do incidente: não se falava de outra coisa. Quando Marcela voltou, todos tentavam não ficar olhando a venda que cobria metade do rosto, e ninguém conseguia.

Agora eu tentava me sentar perto dela nas aulas. A única coisa que eu queria era que ela falasse comigo, que me explicasse. Queria visitá-la em sua casa. Queria saber tudo. Alguém me dissera que falavam em interná-la. Eu imaginava o hospital com uma fonte de mármore cinza no pátio e plantas roxas e marrons,

begônias, madressilvas, jasmims — não imaginava um instituto para doentes mentais sórdido, sujo e triste, imaginava uma clínica bonita cheia de mulheres com o olhar perdido. Sentada a seu lado, vi, como todas as outras, mas de perto, o que estava acontecendo. Todas víamos, assustadas, maravilhadas. Começou com seus tremores, que não eram bem tremores, mas sim sobressaltos. Sacudia as mãos no ar como se espantasse algo invisível, como se tentasse impedir que algo batesse nela. Depois começou a tapar os olhos enquanto dizia que não com a cabeça. Os professores notavam, mas tratavam de ignorar. Nós também. Era fascinante. Ela desmoronava em público sem pudores e *nós é* que sentíamos vergonha.

Começou a arrancar os cabelos pouco depois, os da parte da frente da cabeça. Ia formando mechas inteiras na carteira, montinhos de cabelo liso e louro. Em uma semana, começou a aparecer o couro cabeludo, rosado e brilhante.

Eu estava sentada ao lado dela no dia em que saiu correndo de uma aula. Todos a olharam, eu a segui. Logo notei que vinham atrás de mim minha amiga Agustina e a garota que a ajudara no banheiro naquela vez, Tere, da outra quinta série. Nós nos sentíamos responsáveis. Ou queríamos ver o que ela ia fazer, como ia terminar tudo aquilo.

Outra vez a encontramos no banheiro. Estava vazio. Gritava e chorava como numa birra infantil. O curativo tinha caído e pudemos ver os pontos da ferida. Apontava para uma das privadas e gritava “vá embora me deixe em paz chega”. Havia algo no ambiente, luz demais, o ar fedia mais do que de costume a sangue, urina e desinfetante. Perguntei a ela:

- O que está acontecendo, Marcela?
- Você não está vendo?
- Vendo quem?
- Ele. Ele! Ali na privada! Você não está vendo?

Ela me olhava, ansiosa e assustada, mas não confusa: estava vendo algo. Porém não havia nada em cima da privada, exceto a tampa escangalhada e a correntinha da descarga, que estava quieta demais, anormalmente quieta.

— Não, não estou vendo nada, não tem nada ali — respondi.

Desconcertada por um momento, Marcela me agarrou pelo braço. Nunca havia me tocado antes. Olhei para a mão dela: as unhas ainda não haviam crescido, ou talvez ela arrancasse o pouco que crescia. Viam-se apenas as cutículas ensanguentadas.

— Não? Não? — E olhando outra vez a privada: — Claro que está vendo. Está ali. Fale com ele, diga alguma coisa.

Tive medo de que a correntinha começasse a balançar, mas ela continuava parada. Marcela parecia escutar, fitando atentamente a privada. Notei que quase

não lhe restavam cílios. Ela os vinha arrancando. Logo passaria às sobrancelhas, imaginei.

— Você não está escutando?

— Não.

— Mas ele te disse uma coisa!

— O que foi que ele disse, me conte.

Naquele ponto, Agustina se meteu na conversa, dizendo-me que deixasse Marcela em paz, perguntando-me se estava louca, não está vendo que não tem ninguém, não entre no jogo dela, isso me dá medo, vamos chamar alguém. Foi interrompida por Marcela, que berrou CALA A BOCA, PUTA DE MERDA. Tere, que era bastante fresca, murmurou que aquilo era *too much* e saiu para buscar alguém. Tentei controlar a situação.

— Não dê bola para essas tontas, Marcela. O que ele está dizendo?

— Que não vai embora. Que é de verdade. Que vai me seguir e me obrigar a fazer coisas e que não posso dizer não.

— Como ele é?

— É um homem, mas usa um vestido de primeira comunhão. Tem os braços para trás. Está sempre rindo. Parece chinês, mas é anão. Tem o cabelo empastado de brilhantina. E me obriga.

— Te obriga a quê?

Quando Tere chegou com uma professora que ela convencera a entrar no banheiro (depois nos disse que, na porta, haviam se juntado umas dez meninas que escutavam tudo fazendo shhh umas para as outras), Marcela estava a ponto de nos mostrar o que o brilhantinado a obrigava a fazer. Mas a aparição da professora a perturbou. Sentou-se no chão, com os olhos sem cílios que não piscavam enquanto dizia que não.

Marcela nunca mais voltou à escola.

Decidi visitá-la. Não foi difícil conseguir o endereço. Embora sua casa ficasse num bairro ao qual eu nunca tinha ido, foi fácil chegar. Toquei a campainha tremendo: no ônibus havia preparado a explicação que daria aos pais dela sobre a minha visita, mas agora ela me parecia estúpida, ridícula, forçada.

Fiquei muda quando Marcela abriu a porta, não apenas pela surpresa de que atendesse à campainha — eu a imaginara na cama, dopada —, mas também porque se apresentou muito distinta, com um gorro de lã cobrindo a cabeça decerto já quase careca, uma calça jeans e um pulôver de tamanho normal. Exceto pelos cílios, que não haviam crescido, parecia uma garota sã, comum.

Não me convidou a entrar. Saiu, fechou a porta e ficamos as duas na rua. Fazia frio: ela abraçava o próprio corpo, minhas orelhas ardiavam.

— Você não precisava ter vindo — disse ela.

— Eu quero saber.

— Saber o quê? Não volto mais para a escola, terminou, esqueça tudo.

— Quero saber o que ele te obriga a fazer.

Marcela me encarou e farejou o ar ao redor. Depois desviou os olhos para a janela. As cortinas tinham se movido levemente. Voltou a entrar em casa e, antes de bater a porta, disse:

— Você já vai saber. Ele mesmo vai te contar algum dia. Acho que vai te pedir. Logo.

Na volta, sentada no ônibus, senti palpitar a ferida que eu fizera na coxa, sob os lençóis, na noite anterior. Não doía. Massageei a perna com suavidade, mas com força suficiente para que o sangue, ao brotar, desenhasse um fino traço úmido em meu jeans azul-celeste.

NADA DE CARNE SOBRE NÓS

Eu a avistei quando estava a ponto de atravessar a avenida. Estava no meio de um monte de lixo, abandonada em cima das raízes de uma árvore. Os estudantes de odontologia, pensei, essa gente desalmada e estúpida, essa gente que só pensa no dinheiro, encharcada de mau gosto e sadismo. Levantei-a com as duas mãos, temendo que se desmanchasse. À caveira faltavam a mandíbula e a totalidade dos dentes, mutilação que me confirmou a ação dos protodentistas. Vasculhei ao redor da árvore, entre os resíduos. Não encontrei a dentadura. Que pena, pensei, e fui até meu apartamento, a apenas duzentos metros, com a caveira entre as mãos, como se caminhasse para uma cerimônia pagã no bosque.

Depositei-a na mesa da sala de estar. Era pequena. A caveira de uma criança? Não sei nada sobre anatomia e assuntos ósseos. Por exemplo: não entendo por que as caveiras não têm nariz. Quando toco meu rosto, sinto o nariz grudado no crânio. Por acaso o nariz é uma cartilagem? Acho que não, embora seja verdade que dizem que não dói quando se quebra e que se quebra com facilidade, como se fosse um osso frágil. Examinei a caveira um pouco mais e encontrei um nome escrito. E um número. “Tati, 1975.” Quantas opções. Podia ser seu nome, Tati, nascida em 1975. Ou sua dona podia ser uma Tati nascida em 1975. Ou o número talvez não fosse uma data e tivesse a ver com alguma classificação. Por respeito, decidi batizá-la com o genérico Caveira. À noite, quando meu namorado voltou do trabalho, já era somente Vera.

Ele, meu namorado, não a viu até tirar a jaqueta e se sentar na poltrona. É um homem muito desatento.

Quando a notou, teve um sobressalto, mas não se levantou. Também é preguiçoso e está ficando gordo. Não gosto de gordos.

— O que é isso? É de verdade?

— Claro que é de verdade — respondi. — Encontrei na rua. É uma caveira.

Gritou comigo. Por que você trouxe isto, bradou, exagerado, de onde a tirou. Julguei que estava fazendo um escândalo e ordenei que baixasse a voz. Tentei explicar com calma que a encontrara jogada na rua, embaixo de uma árvore, abandonada, e que teria sido totalmente indecente de minha parte agir com

indiferença e deixá-la ali.

— Você está louca.

— Pode ser — respondi, e levei Vera para o quarto.

Sei que ele esperou um tempo para ver se eu saía para fazer a comida dele. Não tem que comer mais, está ficando gordo, as coxas já roçam uma na outra, e se ele usasse saia estaria sempre com assaduras entre as pernas. Depois de uma hora, o ouvi me insultar e usar o telefone para pedir uma pizza. A preguiça: prefere pedir comida em casa a caminhar até o centro e comer num restaurante. O gasto de dinheiro é quase o mesmo.

— Vera, não sei o que fazer com ele.

Se ela pudesse falar, sei que me diria para largá-lo. É uma questão de bom senso. Antes de dormir, borriço a cama com meu perfume favorito e passo um pouquinho em Vera embaixo dos olhos e nas têmporas.

Amanhã vou comprar uma peruquinha para ela. Para que meu namorado não entre no quarto, fecho a porta com chave.

* * *

Meu namorado diz que está assustado e outras besteiras. Dorme na sala, mas não é um sacrifício, porque o futon que comprei com meu dinheiro — ele ganha pouco — é de excelente qualidade. Está assustado com quê, pergunto. Ele balbucia bobagens sobre o fato de eu me trancar com Vera e diz que me escuta falando com ela.

Peço-lhe que vá embora, que junte suas coisas e saia do apartamento, que me deixe. Faz cara de profunda dor, não acredito nele e quase o empurro quarto adentro para que faça as malas. Grita de volta, mas desta vez de medo. É que avistou Verinha, com sua peruca loura caríssima de cabelo natural, fino e amarelo, sem dúvida cortado num vilarejo soviético da Ucrânia ou da estepe (as siberianas são louras?), as tranças de alguma garota que ainda não encontrou quem a tire de seu povoado miserável. Parece-me muito estranho que existam louros pobres, por isso a comprei. Também comprei para ela uns colares de contas coloridas, muito festivos. E está rodeada de velas aromáticas, dessas que as mulheres que não são como eu põem no banheiro ou no quarto para esperar algum homem entre pequenas chamas e pétalas de rosa.

Ameaçou telefonar para minha mãe. Eu disse que ele podia fazer o que quisesse. Achei-o mais gordo do que nunca, com as bochechas caídas como as de um mastim napolitano, e naquela noite, depois que ele foi embora com a mala e uma bolsa pendurada no ombro, decidi começar a comer pouco, bem pouco. Pensei em corpos belos como o de Vera, se estivesse completo: ossos brancos

que brilham sob a lua em tumbas esquecidas, ossos magros que quando se batem soam como sininhos de festa, danças na floresta, bailes da morte. Ele não tem nada a ver com a beleza etérea dos ossos nus, ele os tem cobertos por camadas de gordura e aborrecimento. Vera e eu vamos ser belas e leves, noturnas e terrestres; belas crostas de terra sobre os ossos. Esqueletos ocos e bailarinos. Nada de carne sobre nós.

Uma semana depois de parar de comer, meu corpo muda. Quando levanto os braços, as costelas aparecem, ainda que não muito. Sonho: algum dia, quando me sentar neste piso de madeira, terei ossos em vez de nádegas, e os ossos vão atravessar a carne e vão deixar rastros de sangue no chão, vão cortar a pele por dentro.

* * *

Comprei para Vera umas luzes de decoração, as que se usam para enfeitar a árvore de Natal. Não podia continuar vendo-a sem olhos ou, melhor dizendo, com os olhos mortos, de modo que decidi que dentro das órbitas vazias brilharão duas lampadinhas; como são coloridas, podem ser trocadas, e Vera um dia terá olhos vermelhos, outro dia verdes, outro dia azuis. Quando estava contemplando da cama o efeito de Vera com olhos, ouvi que uma chave abria a porta do meu apartamento. Minha mãe, a única que tem cópia, porque obriguei meu ex obeso a entregar a dele. Levantei-me para recebê-la. Preparei um chá e me sentei para tomar com ela. Está mais magra, afirmou. É o estresse da separação, respondi. Ficamos caladas. Por fim, ela falou:

— Patricio me disse que você está fazendo algo estranho.

— O quê? Faça-me o favor, mamãe, ele inventa coisas porque o dispensei.

— Diz que você está obcecada por uma caveira.

Eu ri.

— Ele está louco. Eu e umas amigas estamos arrumando fantasias e maquetes de terror para o Dia das Bruxas, é para nos divertirmos. Não tive tempo de comprar uma fantasia, por isso armei um altar vodu e vou comprar outras coisinhas para ambientar, entende? Porque vamos fazer a festa aqui em casa.

Não sei se entendeu muito, mas lhe pareceu uma estupidez razoável. Ela quis conhecer Vera e eu lhe mostrei. Achou macabro que eu a mantivesse dentro do quarto, mas acreditou por completo na história da ambientação para a festa, apesar de eu jamais ter organizado uma festa na vida e detestar aniversários. Também acreditou em minhas mentiras sobre o despeito de Patricio.

Foi embora tranquila e não vai voltar por um tempo. Tudo muito bem, quero ficar sozinha porque agora me angustia a incompletude de Vera. Não pode

continuar sem dentes, sem braços, sem coluna vertebral. Nunca vou poder recuperar os ossos que correspondem a ela, isso é óbvio. Tenho que estudar anatomia, além do mais, para averiguar o nome e o aspecto dos ossos que faltam, que são todos. E onde buscá-los? Não posso profanar túmulos, não saberia como fazê-lo. Meu pai costumava falar dessas valas comuns dos cemitérios, que ficavam ao ar livre como uma piscina de ossos, mas acho que não existem mais. Se ainda existem, será que não estão protegidas e vigiadas? Ele me dizia que os estudantes de medicina iam buscar ali seus esqueletos, os que usavam para estudar. De onde tiram, agora, os ossos para estudar? Ou será que usam réplicas de plástico? Imagino que seja muito difícil caminhar pelas ruas com costelas humanas. Se encontrar algumas, usarei a mochila grande que Patricio deixou para carregá-las, a que usávamos para acampar quando ele ainda era magro. Todos caminhamos sobre ossos, é uma questão de fazer buracos profundos e alcançar os mortos encobertos. Tenho que cavar, com uma pá, com as mãos, como os cães, que sempre encontram os ossos, que sempre sabem onde os esconderam, onde os deixaram esquecidos.

O QUINTAL DO VIZINHO

Paula olhou as próprias mãos, avermelhadas e marcadas depois de empurrar vários cestos de livros, enquanto Miguel pagava e se despedia dos homens da mudança. Estava com fome, cansada, mas adorava a casa. Tinham tido muita sorte. O aluguel não era caro e dispunham de três quartos: um seria o escritório; outro, o quarto de dormir; o terceiro provavelmente ficaria para as visitas. No quintal, o inquilino anterior tinha deixado plantas simples mas muito bonitas, um cacto crescido e uma trepadeira saudável e alta, de um estranho verde escuríssimo. E o melhor de tudo: a casa tinha terraço, com uma churrasqueira e espaço para fazer um alpendre se a proprietária não se opusesse — e Paula achava que ela os deixaria fazer todas as modificações razoáveis que lhes ocorressem. Por um lado, havia lhes parecido uma mulher muito amável e tolerante (“No contrato diz que não podem ter bichos de estimação, mas não deem bola, adoro animais”) e, por outro, achavam que estava ansiosa para alugar: aceitara um único fiador — os pais de Miguel; em geral os donos pediam dois — e um único contracheque, também de Miguel, porque Paula estava sem trabalho no momento. Na certa precisava do dinheiro ou queria que a casa fosse ocupada antes que começasse a se deteriorar por falta de cuidado.

Miguel tinha desconfiado um pouco dessa atitude e, antes de assinar o contrato, pedira para visitar a casa mais uma vez. Não encontrou nada preocupante: o banheiro funcionava perfeitamente, ainda que fosse necessário trocar a cortina do box, que estava mofada; a casa era iluminada, não era barulhenta apesar de dar para a rua, e o bairro de casas baixas parecia muito tranquilo, mas ativo, com muita gente no comércio do quarteirão e até um bar simples na esquina. Precisou admitir que era paranoia sua. Paula, ao contrário, havia confiado desde o início na casa e na proprietária. Já planejava a arrumação do escritório e dos livros, já tinha vontade de estudar no quintal e de comprar uma poltrona confortável na qual se sentar com seus papéis e um café. Fazia planos para concluir a carreira acadêmica, realizar as três provas que faltavam para se formar, e queria fazer isso em um ano, depois voltar a trabalhar. Pela primeira vez estabelecia prazos, esboçava os meses por vir, e a casa lhe parecia

ideal para a missão.

Esvaziaram caixas e armaram pilhas de livros, até que a desordem ficou insuportável e pediram uma pizza por telefone. Comeram no quintal, com o rádio ligado. Miguel odiava os primeiros dias numa casa nova, quando ainda não havia televisão nem internet, e sentia um mau humor antecipado pensando nos telefonemas que precisaria dar durante semanas até que tudo estivesse em ordem. Mas estava cansado demais para se preocupar. Depois de fumar um cigarro, deitou-se no colchão sem lençóis e caiu no sono. Paula aguentou acordada mais um tempo e levou o rádio ao terraço para escutar um pouco de música sob as estrelas. Podia ver os edifícios da avenida muito próximos; em alguns anos, achava, as casas como a sua — já a sentia sua — seriam compradas e demolidas para a construção de prédios altos: o bairro ainda não estava na moda, mas era questão de tempo. Não ficava muito longe do centro, tinha uma estação de metrô perto e fama de aprazível. Devia aproveitá-lo enquanto o resto da cidade não ligava para ele.

O terraço era cercado de muros baixos, mas também tinha um alambrado bastante alto — com certeza a dona tivera ali um cão, era a isso que se referia ao dizer que adorava bichos, e daquela maneira evitava que fugisse. Numa esquina, porém, o arame tinha caído. Ali era possível se debruçar e ver um pedaço do quintal do vizinho, apenas umas quatro ou cinco lajotas vermelhas. Desceu e buscou uma manta leve para se cobrir na cama: a noite havia esfriado.

* * *

As batidas que a acordaram eram tão fortes que a fizeram duvidar: devia ser um pesadelo. Faziam a casa vibrar. Pareciam muros de mãos enormes, mãos de bronco, punhos de gigante. Paula se sentou na cama e sentiu o rosto ardendo e a nuca empapada de suor. Na escuridão, as batidas soavam como algo a ponto de entrar, a ponto de derrubar a porta. Acendeu a luz. Miguel dormia! Era incrível: devia estar doente ou desmaiado. Sacudiu-o brutalmente; mas então já não se escutavam as batidas.

— Que foi?

— Você não escutou?

— O que aconteceu, Paula? Por que você está chorando?

— Não consigo acreditar que você não acordou. Não escutou as batidas na porta? Estavam dando patadas!

— A porta da rua? Vou ver.

— Não!

Ela havia gritado. Um grito muito grunhido, animal em seu terror. Miguel

virou o corpo enquanto vestia a calça e disse:

— Não vamos começar.

Então Paula apertou tanto os dentes que mordeu a língua e se pôs a chorar. Outra vez ele a olhava daquele jeito, e ela sabia o que viria a seguir. Primeiro ficava impaciente e depois, compreensivo demais, tranquilizador; em dois tempos, Miguel iria fazer o que ela mais odiava: tratá-la como louca. Que o mate, pensou. Se é um ladrão armado que quer entrar, se ele é idiota de abrir a porta por não acreditar em mim, então que o sujeito o mate, melhor para mim, aproveito sozinha esta casa, não aguento mais. Mas Paula se levantou, correu atrás de Miguel e pediu por favor que não abrisse. Ele viu algo em seus olhos: acreditou nela.

— Vamos olhar do terraço, se é o caso de espiar a rua.

— É todo cercado de arame.

— Já percebi, mas está frouxo, dá para tirar fácil.

Miguel arrancou o arame sem esforço, estava praticamente solto. Debruçou-se na mureta com confiança. Não havia ninguém na calçada. A luz da rua iluminava a porta da casa e não deixava dúvidas. Todo o quarteirão estava bem iluminado. Em frente havia dois carros estacionados, mas pelas janelinhas via-se que estavam vazios. Exceto se alguém estivesse escondido, deitado no banco traseiro, mas... quem iria querer espreitá-los assim?

— Vamos para a cama — disse Miguel.

Paula o seguiu, chorando, ainda um pouco furiosa, mas também aliviada. Até se alegrava de ter tido um sonho vívido demais, se é que fora isso. Miguel voltou a se deitar sem dizer nada: não queria falar, não queria discutir, e ela ficou grata por isso.

Pela manhã, as batidas pareciam muito distantes, e Paula se resignou a aceitar que deviam ter ocorrido em seus pesadelos. Foi bom que Miguel já tivesse ido trabalhar quando ela se levantou, assim não precisava enfrentá-lo nem falar do que havia escutado. Não precisava aguentar a cara de tristeza dele. Era tão injusto. Por ter estado deprimida, como tanta gente, por ter tomado medicação — em doses muito baixas —, Miguel pensava que estava louca. Ela se surpreendera muito ao descobrir que o marido era tão preconceituoso, mas no ano anterior isso tinha ficado claro: no início da depressão, ele insistia em tirá-la da cama, dizia-lhe que saísse para correr, que fosse à academia, que abrisse as janelas, que visitasse as amigas. Quando Paula decidiu consultar um psiquiatra, Miguel teve um ataque de fúria e falou que nem pensasse em ir ver um desses picaretas, o que é que tinha para lhe contar, será que não confiava nele. Chegara até a dizer que provavelmente precisavam ter um bebê, falou de relógio biológico e mais um montão de outras ideias estranhas que naquele momento

pouco haviam importado a Paula, mas que, quando começou a se recuperar, a incomodaram e a preocuparam a ponto de fazê-la questionar se queria continuar casada com ele. O marido nunca havia demonstrado outro tipo de preconceito: era dirigido com exclusividade aos psiquiatras, aos problemas mentais, à loucura. Tinham conversado sobre o assunto pouco tempo antes: Miguel lhe confessara que, em sua opinião, exceto pelas doenças graves, todos os problemas emocionais poderiam ser melhorados pela *força de vontade*.

— Isso é uma tremenda besteira — dissera ela. — Por acaso você acha que um obsessivo pode deixar de, sei lá, lavar as mãos compulsivamente?

Na verdade, para Miguel, parecia que sim. Que um alcoólatra podia deixar de beber e uma anoréxica, voltar a comer se o quisessem de verdade. Ele estava fazendo um esforço muito grande, e disse isso olhando para o chão, para aceitar que ela fosse a um psiquiatra e tomasse remédios, porque acreditava que isso não servia para nada, que ia passar por conta própria, que era normal estar triste depois dos problemas que ela tivera no trabalho.

— É que não estou só triste e pronto, Miguel — respondera, fria e envergonhada, envergonhada da ignorância dele e pouco disposta a tolerá-la.

— Já sei, já sei — disse ele.

Paula sabia que sua sogra, que era adorável e a amava, tinha falado com Miguel; melhor dizendo: tinha lhe passado uma descompostura.

— Não sei, Paulinha, de onde meu filho foi me sair tão estúpido — falou enquanto tomavam um café. — Na minha casa ninguém pensa assim. Se nenhum de nós faz terapia é porque, graças a Deus, não precisamos. Se bem que o tonto do meu filho talvez precise. Peço desculpas, menina.

Agora ela esperava a sogra, Mónica, que devia trazer Eli, a gata. Tinham decidido mudá-la um dia depois do grande traslado para que não atrapalhasse nem ficasse nervosa demais. A gata e a sogra chegaram quando Paula estava terminando de acomodar panelas, pratos e frigideiras na cozinha. Preparou café para Mónica enquanto a gata inspecionava a nova casa, farejando tudo, sobressaltada, com o rabo entre as pernas.

— Uma bela casa — comentou a sogra. — Que ampla, quanta luz, que sorte vocês tiveram! Está *impossível alugar* em Buenos Aires.

Quis ver o quintal, prometeu levar plantinhas na próxima vez e ficou encantada com o terraço; prometeu carne para um churrasco assim que terminassem de se acomodar. Despediu-se com beijos de Paula e da gata e deixou um pequeno ramo de frésias como presente. Paula gostava muito da sogra por coisas assim: por não ser invasiva em suas visitas, por jamais criticar, exceto se pedissem sua opinião, por saber ajudar sem ficar se exibindo.

Desde que viu o terraço, ficou preocupada com Eli, porque, embora estivesse

castrada e certamente não fosse se afastar muito, era provável que decidisse investigar os telhados pela primeira vez na vida — até então só tinha morado em apartamentos. Não havia o que fazer: não podia resolver aquele problema. Mesmo o alambrado era inútil para deter uma gata; até a ajudaria a escalar. Fazia calor, e Paula subiu ao terraço. Não estava com vontade de começar a estudar. Sentada no muro, viu passar pelo quintal do vizinho um gato enorme, cinza, de pelo curto. O namorado de Eli, pensou, e se alegrou por ter um vizinho com gato: poderia lhe recomendar o melhor veterinário do bairro e ajudá-la a buscar Eli se ela escapasse.

Naquela noite, Miguel não mencionou as batidas na porta, e Paula se sentiu grata por isso. Comeram um guisado de lentilha da rotisseria, que estava muito bom, e foram dormir cedo. Miguel estava cansado e adormeceu logo. Para Paula, foi mais difícil. Escutava Eli, que ainda não tinha se tranquilizado e dava voltas pela casa, atacava caixas com as unhas, trepava em cestos e no fogão. E esperava as batidas na porta. Tinha deixado a luz do quintal que chegava até o quarto acesa para não dormir totalmente às escuras. As batidas não voltaram.

Em algum momento da madrugada, porém, viu que alguém, muito pequeno, estava sentado aos pés da cama. Pensou que fosse Eli, mas era grande demais para ser um gato. Não via mais que uma sombra. Parecia um menino, mas não tinha cabelo, distinguia-se a linha clara da calva, e era muito pequeno, magro. Mais curiosa que assustada, Paula se sentou na cama e, quando o fez, o suposto menino saiu correndo; mas a corrida foi veloz demais para um ser humano. Paula não quis pensar. Com certeza era Eli, porque havia corrido como um gato; era Eli e estou meio adormecida e não me dou conta de que estou meio adormecida e acho que estou vendo duendes anões, que maluca. Sabia que iria custar a dormir, de modo que tomou um comprimido e não se inteirou de nada até acordar, muito tarde, na manhã seguinte.

* * *

Passaram-se os dias, foram acomodando parte das caixas e das cestas e não voltaram as batidas nem o anão-gato. Paula se convenceu de que era o estresse da mudança: uma vez tinha lido que mudar de casa estava em terceiro lugar entre as situações mais estressantes, depois do luto e da demissão do emprego. Nos dois anos anteriores, ela havia passado pelas três: perdera o pai, fora demitida do trabalho e mudara de casa. E o idiota do seu marido acreditava que podia superar tudo com força de vontade. Às vezes ela o desprezava! Nas tardes tranquilas na casa nova, enquanto continuava arrumando, limpando e estudando, de vez em quando pensava em abandoná-lo. Mas antes precisava remontar a vida. Formar-

se socióloga primeiro; um amigo pesquisador havia oferecido trabalho em sua consultoria logo que ela tivesse o título. Podia começar a trabalhar antes, claro, mas Paula sabia que não estava pronta. No ano que vem, então; começo a trabalhar e, se isto continuar assim, a gente termina.

Até achava que Miguel ficaria aliviado: havia um ano, pelo menos, que não faziam sexo. Miguel parecia não se importar; ela certamente não tinha vontade. Viviam numa tranquilidade leve, mas não amistosa. Faltava tempo, pensava Paula; quem sabe dentro de um ano até voltassem a trepar ou no fim das contas virassem amigos, separados de fato, e a coisa se relaxasse e eles pudessem seguir vivendo juntos, como ocorria com tantos casais que se amavam mas já não estavam apaixonados. Agora precisava dar conta de suas matérias; eram apenas três, e, até o momento, o que tinha lido não lhe parecera muito complexo.

Quando o viu, estava num de seus intervalos entre uma xerox e outra, pendurando roupa lavada no varal do terraço. Eli dormia ao sol; a gata não demonstrava nenhum interesse em percorrer os telhados do bairro, e Paula dava graças por isso. Espiou o quintal do vizinho, aquelas cinco ou seis lajotas apenas, lajotas vermelhas, antigas, como de casa colonial, à procura do gato cinza que ela nunca voltara a ver. Teria morrido? Também não ouvia barulho do animal. O vizinho da casa ao lado era um homem sozinho, de óculos, que tinha horários muito estranhos, imprevisíveis, e a cumprimentava com correção, mas sem simpatia. Não viu o gato e, quando já voltava à roupa úmida, percebeu um movimento no quintal. Não era o gato: era uma perna. Uma perna de menino, nua, com uma corrente presa ao tornozelo. Paula respirou fundo e se esticou um pouco mais, quase a ponto de cair lá de cima. Era uma perna, sem dúvida, e agora podia ver parte do tronco e confirmar que era um menino, não uma pessoa mais velha; um menino muito magro e completamente despido; conseguia ver seus genitais. A pele estava suja, cinzenta de sebo. Paula não sabia se gritava, se descia de imediato, se chamava a polícia... Nunca antes tinha visto a corrente no quintal — era verdade que não espiava o quintal do vizinho todos os dias — e jamais escutara dali do terraço a voz de um menino.

Assobiou como se estivesse chamando a gata, para não alertar os carcereiros do menino, então o pequeno corpo lá embaixo se moveu e saiu do seu campo de visão. Mesmo assim, nas cinco ou seis lajotas continuava dando para ver a corrente, agora quieta, como se o menino estivesse atento, esperando o assobio, tenso e sem possibilidade de escapar. Paula levou as mãos às bochechas. Sabia o que fazer nesses casos. Tinha trabalhado muito tempo como assistente social. Mas, depois do que havia acontecido um ano antes — depois da demissão e do relatório — não queria sequer pensar em voltar a se responsabilizar pelos meninos perdidos, pelos meninos maltratados. Desceu correndo a escada e nem

chegou ao banheiro: vomitou na sala, manchou uma das caixas de livros e chorou sentada, com o cabelo solto e despenteado que quase tocava o chão, e a gata que a olhava com a cabeça inclinada e os olhos verdes redondos, curiosos.

É o menino que eu vi de noite há algumas semanas, ao pé da cama, pensou. É o mesmo. O que estava acontecendo, deixam-no solto às vezes, o que é que eu devo fazer. A primeira coisa que fez foi limpar o vômito, esvaziar a caixa de livros e jogar o papelão fedido no lixo. Depois voltou ao terraço para se debruçar. A corrente estava no mesmo lugar, mas o menino havia se mexido um pouco, porque dava para ver seu pé. Não havia dúvida alguma de que era um pé humano, o pé de um menino. Podia chamar a Secretaria do Menor, a polícia; tinha muitas opções, mas primeiro queria que Miguel o visse. Queria que soubesse, que a ajudasse: se o marido compartilhasse a responsabilidade com ela e eles conseguissem fazer algo pelo menino, sentia que talvez pudessem recuperar uma parte do que haviam tido, aqueles anos em que nos fins de semana iam de carro a qualquer lugar, a povoados perdidos da província, para comer um bom assado e tirar fotos das casas antigas, ou os domingos de sexo com um colchão no chão e a maconha curtida no mel que o irmão dele cultivava.

Paula decidiu agir com inteligência. Em quase um mês, era a primeira vez que via o menino. Não ia levar Miguel correndo ao terraço para lhe mostrar a corrente, o pé. Podia acontecer de o prisioneiro mudar de lugar, deixar de ser visto, e não queria que Miguel duvidasse. Primeiro contaria. Depois iriam juntos ao terraço. Esteve a ponto de telefonar para ele, mas se conteve. Subiu o andar várias vezes e sempre viu a corrente, ou a corrente com o pé. Pensou na quantidade de histórias sobre crianças amarradas a camas, acorrentadas, encarceradas, que tinha escutado em seus dias como assistente social. Nunca lhe coubera um caso assim, eram raros na cidade. Diziam que as crianças jamais se recuperavam. Que tinham vidas aterrorizadas e que morriam jovens, marcadas demais, com as cicatrizes sempre à vista.

Quando Miguel chegou, um pouco mais cedo que de costume, Paula não esperou nem que ele deixasse a bolsa na poltrona para lhe contar sobre o menino. Ele repetia o quê, o quê, e ela insistia que o vizinho tinha um menino acorrentado no quintal, não, não é tão estranho, há muitos casos assim, é uma loucura, vamos subir, vamos, olhe, temos que decidir o que fazer. Mas quando se debruçaram juntos para espiar o quintal do vizinho a corrente não estava mais lá, nem o menino nem sua perna nem seu pé. Paula assobiou, mas só o que conseguiu foi que Eli aparecesse, miando contente, crente de que o chamado era para lhe dar de comer. Miguel fez o que Paula mais temia.

— Você está louca — disse, e desceu.

Na cozinha, jogou um copo na parede, e, quando entrou, Paula foi recebida

com uma chuva de vidros pontiagudos.

— Você não se dá conta — gritava ele —, não se dá conta de que alucina! Só faltava essa, um menino amarrado no quintal. É muito óbvio. Você não percebe que é por causa do seu trabalho? Está obcecada.

Paula também gritou, sem saber muito bem o quê. Insultos, justificativas. Quis agarrá-lo quando ele saiu, deixando a porta aberta, mas então uma calma luminosa acendeu-lhe a fronte. Por que se portava como se estivesse louca de verdade? Por que dava razão a Miguel? Ele havia decidido desconfiar sem motivo, provavelmente porque também queria deixá-la, mas ela agia como se houvesse algo racional naquela discussão sobre sua saúde mental. Tinha visto um menino no quintal do vizinho, acorrentado. Jamais tivera alucinações antes. Se Miguel não acreditava nela, problema dele. Subiu ao terraço mais uma vez e se sentou na mureta para esperar que o menino aparecesse de novo. Miguel não voltaria naquela noite. Ela não se importava. Tinha alguém para salvar. Encontrou a lanterna numa caixa e esperou.

O que acontecera quando a demitiram havia sido estresse também, mas às vezes parecia que Miguel não a perdoava por aquilo. Que Miguel pensava, como aqueles que a demitiram, como ela mesma às vezes, que era uma filha da puta. Aquela semana tinha começado pessimamente. Paula estava a cargo de um dos abrigos transitórios para crianças da zona sul, uma casa bastante pequena, com uma sala de jogos úmida e quase sem brinquedos, um televisor que era o único entretenimento, uma cozinha e um quarto com três beliches, só seis camas; isso era bom, pois ficava complicado lidar com muitas crianças. Na sexta-feira à noite, sempre um dia complicado, ligaram para o celular dela. Paula dormia profundamente, estava cansada. Pediram que fosse para lá de imediato, havia um problema sério. Dirigiu o carro meio adormecida e deparou com um quadro incrível de estupidez. Um dos meninos, de uns seis anos, muito drogado — havia chegado no dia anterior, quando ela estava de folga, e ninguém o revistara com atenção; era provável que levasse a droga consigo —, fizera cocô em frente ao televisor. O menino estava com diarreia, e a sala de jogos fedia. Uma das supervisoras encarregadas, uma imbecil, queria que o garoto voltasse para a rua. Segundo ela, o regulamento dizia que eles não tinham capacidade para lidar com crianças viciadas. A briga com a outra supervisora, que insistia que colocá-lo na rua era em princípio uma crueldade e em última instância abandono, quase tinha chegado às vias de fato. O menino, enquanto isso, babava na cama e sujava de merda os lençóis. Quando chegou, Paula teve que gritar, explicar às supervisoras como fazer o trabalho e, depois, ajudá-las a limpar — os encarregados da limpeza só iriam no dia seguinte. O menino foi transferido, assim como a supervisora que queria colocá-lo na rua. Mas, como costumava acontecer na

área, demorariam um tempão para substituí-la. Então Paula decidiu assumir o encargo antes que a nova profissional chegasse: turnos de doze horas que revezava com a outra supervisora e um suplente, um rapaz muito voluntarioso chamado Andrés.

Na quarta-feira, um dos meninos fugiu. Conseguiu subir no telhado pela janela da cozinha. Descobriram a fuga ao meio-dia, mas não sabiam quando tinha acontecido. Paula lembrava bem como tremia dos pés à cabeça, pensando no garoto, outra vez na rua, entre os carros, roubando hambúrgueres comidos pela metade; era um menino do terminal de ônibus, que certamente se prostituía nos banheiros, que conhecia todos os esconderijos da cidade, inclusive os refúgios de ladrões, embora tivesse só sete anos, que era endurecido como um veterano de guerra — pior que um veterano, não tinha nada de orgulho — e que falava um dialeto forte só entendido pelos outros meninos e por alguns assistentes sociais com mais experiência que ela.

O garoto apareceu num hospital naquela mesma noite; Paula foi avisada enquanto patrulhava os arredores da Villa 21, onde meninas viciadas de doze anos subiam aos caminhões para chupar o pau dos motoristas e poder pagar a dose seguinte. Estava num hospital: drogado, tinha sido atropelado por um carro. Mas estava bem, não tinha fraturado nenhum osso, só se machucado um pouco. Paula não foi vê-lo; encarregou Andrés de visitá-lo. Aquele menino também foi transferido. Paula começou a sentir que não tinha como realizar seu trabalho a contento, que as crianças lhe escapavam das mãos. No dia seguinte chegou uma menina de cinco anos; tinham-na encontrado na rua com um homem e uma mulher que não eram seus pais, suja e muito cansada. Ia ficar no abrigo provisório até que os pais verdadeiros fossem encontrados ou que houvesse uma decisão judicial. Ela não era desconfiada e calada como a maioria das crianças que passavam pelo abrigo. Ria com a televisão até doer a barriga. Falava muito e contava fantasias urbanas. Falava de um menino-gato que conhecera no Jardim Botânico, por exemplo, um menino que vivia ali entre outros animais e que tinha olhos amarelos e podia enxergar no escuro. Adorava gatos e não tinha medo deles: o garoto era seu amigo. A menina também falava da mãe e dizia que a havia perdido. Não sabia onde morava, só sabia que era preciso pegar um trem até sua casa, mas não se lembrava da linha, e, quando descrevia as estações, misturava os detalhes das duas maiores da cidade. Paula e seus companheiros tinham esperança de encontrar logo a família da menina.

Na sexta-feira seguinte, Paula ficou sozinha no abrigo, de guarda a noite inteira. Miguel odiava que fizesse isso, mas ela lhe havia prometido que era só até os substitutos chegarem — e não mentia, também não gostava do turno da noite. No abrigo estavam a garotinha simpática e um menino de uns oito anos

que falava muito pouco, mas se comportava muito bem. Paula chegou às dez da noite, quando Andrés entregava o turno. As crianças já estavam dormindo. Andrés, que tinha passado mal a semana toda — ele trabalhava, além do mais, num serviço noturno que patrulhava as ruas em busca de crianças —, convidou-a para beber uma cerveja e fumar um baseadinho. Paula aceitou. Ligaram o rádio também; depois lhe diriam que estava muito alto, que até os vizinhos o escutavam, mas naquele momento ela achou que o volume estava normal, que lhe permitiria escutar o toque do telefone ou as crianças, se acordassem. Passaram algumas horas bebendo e rindo e conversando, isso ela admitia. Não julgou estar fazendo nenhum mal: sabia que era incorreto, mas sentia que deviam relaxar depois de uma semana complicada; eram dois colegas de trabalho curtindo um bom momento.

Nunca esqueceria o olhar da supervisora quando entrou na cozinha, tirou o rádio da tomada com um puxão e gritou: que merda vocês estão fazendo, caralho, seus filhos da puta. Sobretudo o “filhos da puta”: tinha sido tão sentido, tão sincero. As coisas aconteceram depressa, precisaram absorver a informação meio bêbados e chapados, completamente culpados. Um vizinho havia ligado para a supervisora — tinha o telefone — porque escutara o choro de uma criança do abrigo. A supervisora estranhou porque Paula estava de plantão, disse isso ao vizinho, mas ele insistiu que uma menina chorava e que a música estava muito alta. O argumento da música convenceu a supervisora, que de imediato pensou em ladrões, em alguma coisa grave. Quando chegou, viu que de fato acontecia algo grave, mas não o que ela esperava. A garotinha simpática havia caído do beliche e estava chorando aos gritos no chão, com um tornozelo fraturado. O outro menino, o calado, olhava-a da cama, mas não tinha ido pedir ajuda. E a música que vinha da cozinha estava altíssima, como se alguém ali dentro estivesse festejando. Quando abriu a porta, ela ficou surpresa e irritada como poucas vezes na vida ao ver Paula e Andrés com duas garrafas de cerveja vazias, um baseado fumegando no cinzeiro e rindo como imbecis enquanto uma menina de rua que confiava neles gritava de dor no chão fazia pelo menos meia hora.

A supervisora não teve piedade quando se iniciou a sindicância. Prestou depoimento e recomendou a demissão dos dois. Era uma mulher experiente, respeitada: conseguiu que os demitissem de imediato e sem grandes direitos a reclamar. O que iam dizer? Que estavam estressados? E a menina, que tinha perdido a mãe na rua, e o menino mudo, que tinha sido encontrado escondido num vagão de trem? E eles? Eles estavam numa boa? Miguel sempre disse que a entendia, que eram uns exagerados, que a exploravam; acompanhou-a às audiências e nunca a julgou em voz alta. Mas ela sabia o que ele pensava porque era a única coisa que se podia pensar: a demissão fora merecida. O desprezo fora

merecido. Tinha agido como uma irresponsável, como uma cínica, como uma ignorante.

Depois da demissão veio a depressão. Não conseguir levantar da cama, não conseguir dormir nem comer nem querer tomar banho e só chorar, chorar, chorar; uma depressão muito típica que só uma vez tinha ido longe demais, quando ela misturara remédios com álcool e dormira por quase dois dias. Mas até mesmo o psiquiatra reconhecia que aquele episódio não podia ser qualificado como tentativa de suicídio. Nem sequer sugeriu interná-la. Pediu colaboração a Miguel, que ele vigiasse quando e quanto ela tomava; pelo menos por um tempo. Miguel o fez a contragosto, como se fosse uma obrigação muito pesada, muito difícil. Para ele, era mesmo, pensava Paula. Mas estava exagerando: tinha sido uma depressão intensa, mas comum. Já fora superada. E ele a tratava como a louca que ela nunca tinha sido por outro motivo: porque nunca lhe perdoara por ter abandonado aquela garotinha, nunca conseguira tirar da cabeça o choro noturno e o tornozelo quebrado nem a imagem dela rindo com a boca cheirando a cerveja. Era por isso que não a desejava mais. Porque tinha visto um lado muito sombrio. Não queria transar com ela, não queria ter filhos com ela, não sabia do que ela era capaz. Paula deixara de ser uma santa — a assistente social especializada em crianças em perigo, tão maternal e abnegada — para ser uma funcionária pública sádica e cruel que largava as crianças abandonadas enquanto escutava *cumbia* e se embebedava; transformara na diretora malvada de um orfanato de pesadelo.

Muito bem: o que havia entre eles tinha terminado então. Mas ela ainda podia fazer algo. Podia salvar o menino acorrentado. Ia salvá-lo.

* * *

Miguel não voltou naquela noite. O menino não se deixou ver, nem sequer a corrente. Paula ficou no terraço olhando as lajotas. De lá escutou o marido deixando uma mensagem na secretária eletrônica dizendo que estava na casa da mãe, que ligasse para ele, que precisavam conversar, mas que lhe desse alguns dias para voltar. Bem, que seja, pensou Paula. Fazia calor. Eli ficou com ela a noite toda, dormiram abraçadas sobre umas mantas até que o sol ardente da manhã as despertou. Eli pediu água de café da manhã, como sempre, e Paula abriu a torneira para que ela bebesse da fonte; como todos os gatos, adorava água fresca e corrente. Paula quase caiu no choro observando a gata, tão bonita, preta com suas patinhas brancas, pondo para fora a língua áspera. Amava-a mais que a Miguel, com certeza.

O menino não estava no quintal, mas Paula escutou um ruído na porta ao

lado, atravessou o terraço correndo e viu o homem, o vizinho, que saía caminhando para a avenida. Seria o pai do menino? Ou o teria escravizado?... Não queria pensar tanto. Tomou uma decisão desatinada: entrar na casa. Podia saltar do terraço para o quintal. Estivera estudando o lugar a noite toda. Tinha que ser inteligente, como um gato: pular para o muro divisório, depois para um traste velho que se via no quintal — um aquecedor a gás? algo assim, um cilindro de metal — e já estaria dentro. Da casa, poderia telefonar para a polícia quando encontrasse o menino.

Chegar ao quintal foi fácil, mais até do que esperava. Teve um breve pensamento natural: isso queria dizer, então, que era muito simples roubar a casa do vizinho e a dela. Pensaria nisso depois, quando terminasse o que precisava fazer.

Do quintal, entrava-se na casa por duas portas: uma dava para a sala, a outra, para a cozinha. Não havia sinal do menino no quintal. Nem sequer a corrente estava ali. Não havia recipientes para comida ou água, nem sujeira; pelo contrário, cheirava a desinfetante ou a sapólio: alguém havia lavado o chão. O menino devia estar dentro, a não ser que o homem o tivesse tirado de casa no momento da briga com Miguel ou durante a manhã, quando ela havia adormecido. Idiota, frouxa, não podia ter dormido!

Entrou na cozinha, que estava bastante escura, mas a luz não acendia. Experimentou outros interruptores, inclusive um do quintal: a casa não tinha eletricidade. Sentiu medo. A cozinha fedia. A adrenalina a impedira de receber o impacto total do cheiro, que era atroz. Mas a bancada estava limpa, a mesa também. Paula abriu a geladeira e não encontrou nada estranho: maionese, bifes à milanesa num prato, tomates. Depois abriu a despensa e o cheiro atingiu seus olhos, arrancou lágrimas, encheu a garganta de um líquido amargo; teve que fazer um grande esforço para não vomitar enquanto seu estômago se agitava em desespero. Não enxergava direito, mas nem precisava: as prateleiras estavam cheias de carne podre na qual se refestelavam os vermes brancos da decomposição. O pior era que não conseguia distinguir o tipo: se era carne comum de vaca que por descuido o homem tinha deixado apodrecer ali ou alguma outra coisa. Não conseguia distinguir formas humanas, mas na realidade não conseguia distinguir forma alguma: na semiescuridão, parecia que a carne vivia sua morte ali, crescia ali, como se fosse um fungo do armário. Saiu da cozinha correndo — não aguentava mais as náuseas —, sem fechar a porta do armário. Pensou que devia voltar, fechá-la, apagar seus rastros, mas não se sentiu capaz. Que acontecesse o que tivesse que acontecer.

O resto da casa, o vestíbulo, dois quartos, tudo estava muito escuro. Mesmo assim, Paula entrou no que devia ser o quarto do homem. Não tinha janelas. Na

penumbra distinguiu que a cama estava arrumada com primor e que uma manta quentíssima a cobria, em pleno fevereiro. O papel de parede tinha um desenho muito sutil: pareciam sinais pequenos, com uma trama aracnídea. Paula o tocou e, para sua surpresa, sentiu a pintura rugosa da parede. Aproximou-se e viu que não era papel: as paredes estavam escritas, quase sem deixar espaço em branco, com uma letra elegante e uniforme que ela havia tomado por um desenho delicado. Não conseguia distinguir frases coerentes. Havia datas: “vinte de março”, “dez de dezembro”. E algumas palavras: “adormecido”, “azul”, “entendimento”. Revirou os bolsos buscando o isqueiro, mas não o levava consigo. Não queria procurar um na cozinha. Pensou que quando se acostumassem mais à escuridão poderia ler, mas depois de esperar alguns minutos sentiu que o suor corria pelas costas e a dor de cabeça ficava forte e teve medo de desmaiar naquela casa horrível, naquela casa em que nunca deveria ter entrado. Se não se importara com aquela garotinha bonita que tinha fraturado o tornozelo — e o olhar no rosto da menina quando a ambulância a levava, o ódio em seus olhos, a menina sabia que ela era a culpada, que era tão má quanto a rua —, por que se importava com aquele menino entrevistado num quintal, que, se vivia com aquele louco, certamente já estaria arruinado para sempre, longe de qualquer possibilidade de recuperação ou de uma vida normal. O ato mais piedoso que podia realizar, se chegasse a encontrar o menino, seria matá-lo.

Passou para a sala. Também arrumada e vazia, mas ali encontrou a corrente em cima de uma poltrona de courvin marrom. O cômodo, que dava para o quintal, estava iluminado. Atreveu-se a falar.

— Oi — sussurrou. — Você está aqui?

Sabia que não precisava gritar na casa: não era tão grande e estava em completo silêncio. Esperou, mas não escutou nada. Aproximou-se de uma estante com portas de vidro; conseguia distinguir pilhas de papéis, porém quando a abriu não apenas se decepcionou, mas também sentiu muito medo: todos os papéis eram contas de luz, de gás, de telefone, todas sem pagar e ordenadas cronologicamente. Ninguém se dera conta daquilo? Ninguém sabia que havia um homem vivendo naquelas condições num bairro de classe média? Era provável que houvesse outro tipo de documento entre as faturas vencidas, mas Paula precisava se apressar, então examinou os livros. Eram todos grandes e pesados livros de medicina dos anos sessenta, com folhas acetinadas e ilustrações. O primeiro que folheou não tinha marcações de nenhum tipo, mas o segundo, sim: era de anatomia, e nas páginas que descreviam o aparelho reprodutor feminino alguém havia desenhado com esferográfica verde uma pica enorme, com espinhos na glândula e, no útero, um bebê de grandes olhos esverdeados que não chupava o dedo, lambia-o de uma forma lasciva que a fez dizer em voz alta: “O

que é isto?” Quando escutou a chave na porta da entrada, jogou o livro no chão; sentiu que a calcinha e a calça se umedeciam e correu para o quintal, subiu com desespero no traste velho — vou cair, vou cair, minhas mãos estão suadas, minha pressão está baixa — e, com a velocidade do medo, chegou ao terraço. Desceu a escada correndo e fechou a porta do quintal com chave, embora lhe parecesse que isso não deteria o homem, que certamente viria atrás dela porque devia tê-la escutado, porque ela havia deixado aberto seu fétido armário, porque tinha visto seus desenhos. Que outros desenhos haveria ali, o que diriam as paredes? E o menino? Era um menino? Ou era o homem, que às vezes gostava de se acorrentar no quintal? Vai ver que era ele; com a distância e a sugestão de sua própria história com crianças talvez tenha lhe parecido menor do que era. Um alívio pensar que o menino não existia. Mas o alívio não a protegia. Talvez o louco não fosse perigoso e não se incomodasse com a invasão da sua casa.

Mas Paula não acreditava nisso. Recordava coisas vistas com o canto do olho. Algo em cima da poltrona que parecia uma peruca. Algumas palavras na parede que estavam num idioma desconhecido ou inventado, ou simplesmente eram letras agrupadas sem sentido. Todas as plantas do quintal secas, mas com a terra úmida, como se continuassem a ser regadas, como se alguém não aceitasse ou não entendesse que estavam mortas.

Odiou Miguel claramente pela primeira vez. Por deixá-la sozinha, por julgá-la, por ser covarde, por fugir diante do primeiro problema real, por fugir para a casa da mamãezinha! Ligou para ele. Patife.

— Ele não está — disse a sogra. — Você está bem, querida?

— Não, estou fodida.

Silêncio.

— Ligue para o celular dele, linda, vai ficar tudo bem, não se preocupe.

Encerrou a ligação. Miguel tinha desligado o celular fazia horas. Em situações assim, Paula sentia falta do pai, um homem complicado e pouco carinhoso, mas claro e decidido, um homem que jamais se espantaria ou se irritaria por tão pouca coisa. Paula se lembrava de como ele havia cuidado da mãe dela, que morreu louca por conta de um tumor cerebral, e de como ele, quando a escutava gritar, não movia nem um músculo do rosto, mas também não dizia que estava tudo bem. Porque não estava tudo bem e era uma estupidez negar isso.

Como agora: algo ruim ia acontecer, e era uma estupidez negar.

Tentou ligar para o celular de Miguel outra vez, mas continuava desligado ou fora da área de cobertura. Então escutou Eli, que grunhia, contrariada, e depois miava, enlouquecida. Os gritos da gata vinham do quarto. Paula correu.

Um menino segurava Eli no colo. O menino estava em cima da cama. Olhou

para ela, embora tivesse os olhos verde-claros atravessados por vasos sanguíneos vermelhos e as pálpebras cinzentas e engorduradas, como sardinhas. Fedia, também. Seu cheiro enchia o quarto. Estava pelado e tão magro que era incrível que ainda estivesse vivo. Acariciava a gata brutal e cegamente, com uma mão grande demais para o corpo. Com a outra, agarrava-a pelo pescoço.

— Solte-a! — gritou Paula.

Era o menino do quintal do vizinho. Tinha marcas da corrente no tornozelo, que em algumas partes sangrava e em outras supurava, infeccionado. Quando escutou a voz de Paula, o menino sorriu, e ela viu os dentes dele. Havia sido limados em um formato triangular, eram como pontas de flechas, como um serrote. O menino levou a gata até a boca com um movimento velocíssimo e lhe cravou o serrote na barriga. Eli gritou, e Paula viu a agonia nos olhos da gata enquanto o menino perfurava seu ventre com os dentes, afundava nas tripas com nariz e tudo, respirava dentro da gata, que morria olhando sua dona, com olhos indignados e surpresos. Paula não fugiu. Não fez nada enquanto o menino devorava as partes moles do animal, até que seus dentes se chocaram com a espinha dorsal e então ele jogou o cadáver em um canto.

— Por quê? — perguntou Paula. — O que é você?

Mas o menino não a entendia. Levantou-se com suas pernas de puros ossos, o sexo desproporcionalmente grande, a cara coberta pelo sangue, pelas tripas e pela sedosa pelugem preta de Eli. Deu a impressão de buscar alguma coisa na cama; quando a encontrou, levantou-a em direção à luz do teto, para que Paula visse com clareza.

Eram as chaves da porta. O menino as fez tilintar e riu, e sua risada veio acompanhada por um arroto sangrento. Paula quis correr, mas, como nos pesadelos, as pernas pesavam o corpo se negava a dar meia-volta, algo a mantinha pregada na porta do quarto. Mas não estava sonhando. Nos sonhos não se sente dor.

SOB A ÁGUA NEGRA

O policial entrou com o olhar alto e arrogante, os pulsos sem algemas, o sorriso irônico que ela conhecia tão bem: toda a atitude vinda da impunidade e do desprezo. Tinha visto muitos assim. Conseguira que condenassem pouquíssimos.

— Sente-se, oficial — disse a ele.

A sala da promotora ficava no primeiro andar, e a janela dava para o nada, para um vazio entre edifícios. Fazia tempo que ela pedia uma mudança de sala e de jurisdição. Odiava a escuridão daquele edifício centenário e odiava mais ainda que lhe coubessem os casos dos bairros empobrecidos do sul, casos em que o crime estava sempre misturado com o infortúnio.

O policial se sentou e ela, a contragosto, pediu café para os dois.

— Já sabe por que está aqui. Também sabe que não é obrigado a me dizer nada. Por que não veio com seu advogado?

— Eu sei me defender sozinho e, além do mais, sou inocente.

A promotora suspirou e brincou com seu anel. Quantas vezes tinha presenciado a mesma cena? Quantas vezes um policial negava, na cara dela e diante de todas as evidências, que tinha assassinado um adolescente pobre? Porque era isso o que faziam os policiais do sul, muito mais do que proteger as pessoas: matar adolescentes, às vezes por brutalidade, outras porque os garotos se negavam a “trabalhar” para eles — roubar para eles ou vender a droga que a polícia confiscava. Ou por traí-los. Havia muitos motivos, todos ruins, para matar adolescentes pobres.

— Oficial, sua voz está gravada. Quer escutar a gravação?

— Eu não digo nada ali.

— Não diz nada. Vamos ouvi-la, então.

Tinha o arquivo de áudio no computador e o abriu. Pelas caixas de som, escutou-se a voz do policial: “Assunto resolvido, aprenderam a nadar.”

— E isso demonstra o quê? — perguntou o policial, depois de bufar ligeiramente.

— Pela hora e pelo conteúdo, demonstra que o senhor pelo menos sabia que dois jovens tinham sido atirados no Riachuelo.

A promotora Pinat levava dois meses investigando o caso. Depois de ter subornado policiais para que falassem, depois de ameaças e tardes de fúria provocadas pela incompetência do juiz e dos promotores anteriores, havia chegado a uma versão dos fatos que coincidia com as poucas declarações obtidas definitiva e formalmente: Emanuel López e Yamil Corvalán, os dois de quinze anos, voltavam de um baile em Constitución para suas casas na Villa Moreno, às margens do Riachuelo. Voltavam caminhando porque não tinham dinheiro para o ônibus. Foram interceptados por dois agentes da delegacia 34 e acusados de tentar roubar um quiosque: Yamil levava consigo uma faca, mas nunca se comprovou a intenção de assalto, não havia nenhuma denúncia. Os policiais estavam bêbados. Espancaram os adolescentes nas margens do Riachuelo até deixá-los quase inconscientes. Depois, aos pontapés, fizeram com que subissem as escadas de cimento até o mirante da ponte que cruzava o Riachuelo e os empurraram na água. “Assunto resolvido, aprenderam a nadar”, disse pelo rádio o oficial Cuesta, um dos acusados, o que estava agora em sua sala. O imbecil não tinha mandado apagar a conversa; a isto ela também estava acostumada por todos os seus anos na promotoria: à combinação impossível de brutalidade e estupidez da polícia.

O corpo de Yamil Corvalán apareceu a um quilômetro da ponte. Naquela área, o Riachuelo quase não tem correnteza, é quieto e morto, com seu óleo e seus restos de plástico e produtos químicos pesados, o grande depósito de lixo da cidade. A autópsia concluiu que o garoto tentara nadar em meio à imundície negra. Havia morrido afogado, quando os braços não suportaram mais o esforço. A polícia tinha tentado sustentar durante meses a tese da morte accidental do adolescente, mas uma mulher escutara os berros naquela noite: “Me jogaram, socorro, vou morrer”, gritava o garoto enquanto se afogava. Ela não tentara ajudá-lo. Sabia que era impossível tirá-lo da água, exceto com um bote, e ela não tinha bote, nenhum de seus vizinhos tinha.

O corpo de Emanuel não havia aparecido. Mas os pais do rapaz garantiam que naquela noite ele saíra com Yamil. E na margem tinham aparecido seus tênis, inconfundíveis porque eram um modelo caro, importado, que com certeza ele havia roubado pouco antes; tênis que naquela noite ele calçara para impressionar as garotas na danceteria. A mãe os reconheceu de imediato. Também dissera que os policiais Cuesta e Suárez andavam perseguindo seu filho, embora ela não soubesse por quê. A promotora a interrogara naquela mesma sala na semana do desaparecimento do adolescente. A mulher chorava, chorava e dizia que seu filho era um bom menino, ainda que às vezes roubasse e de vez em quando se drogasse, mas era porque o pai tinha ido embora e eles eram muito pobres e o filho queria coisas, tênis e um iPhone e tudo o que via na

televisão. E que não merecia morrer assim, afogado, porque uns policiais queriam rir dele, rir enquanto ele tentava nadar na água poluída.

Não, claro que não merecia, ela concordou.

— Eu não joguei ninguém na água, senhora promotora. E não vou lhe dizer mais nada.

— Como queira. Esta era sua oportunidade de chegar a algum tipo de acordo que, eventualmente, poderia diminuir sua pena. Precisamos saber onde está o corpo, e se nos desse essa informação talvez o senhor pudesse, sei lá, ir para uma prisão pequena ou para o pavilhão dos evangélicos. O senhor sabe que não é a mesma coisa estar encarcerado com os evangélicos e com a população comum.

O policial riu; ria dela, ria dos garotos mortos.

— A senhora acha que vão me dar uma pena longa por isso?

— Vou tentar fazer com que não saia nunca da cadeia.

A promotora estava a ponto de perder a calma. Cerrava os punhos. Por um momento, encarou o policial nos olhos, e ele lhe disse, muito claramente, com uma voz diferente, mais séria, sem qualquer traço de ironia:

— Tomara que toda aquela favela pegue fogo. Ou que se afoguem todos. Vocês não fazem ideia do que acontece ali dentro. Não fazem ideia.

* * *

Alguma ideia ela fazia. Havia oito anos que Marina Pinat era promotora. Tinha visitado a favela várias vezes, embora seu trabalho não o exigisse — podia investigar a partir da sua sala, como faziam todos os colegas, mas ela preferia conhecer as pessoas sobre as quais lia nos despachos. Menos de um ano antes, sua investigação ajudara um grupo de famílias que morava perto de um curtume a ganhar um processo contra a fábrica de couro que jogava cromo e outros dejetos tóxicos na água. Tinha sido um extenso e complexo processo penal por danos: os filhos das famílias que viviam perto daquela água, que a bebiam, embora suas mães tentassem tirar o veneno dela fervendo-a, ficavam doentes, morriam de câncer em três meses, horríveis erupções na pele destroçavam seus braços e suas pernas. E alguns, os menores, tinham começado a nascer com malformações. Braços a mais (às vezes quatro), os narizes largos como os de felinos, os olhos cegos e próximos às têmporas. Não lembrava o nome que os médicos, um tanto desconcertados, tinham dado àqueles defeitos de nascença. Lembrava que um deles os havia chamado de “mutações”.

Durante a investigação, conhecera o vigário da favela, o padre Francisco, um jovem pároco que não usava sequer o colarinho característico. Segundo ele, ninguém ia à igreja. Ele mantinha um refeitório para os meninos de famílias

muito pobres e ajudava no que podia, mas renunciara a qualquer trabalho pastoral. Restavam poucos fiéis, algumas mulheres idosas. Em sua maioria, os habitantes da favela eram devotos de cultos afro-brasileiros ou tinham suas próprias devoções, santos pessoais, São Jorge ou Santo Expedito, e erguiam pequenos altares para eles nas esquinas. Não faz mal, dizia o padre, mas não celebrava mais missa, exceto para aquele punhado de velhas que às vezes lhe pediam. Para Marina tinha parecido que, por trás do sorriso, da barba, do cabelo comprido, do aspecto de militante revolucionário dos anos setenta, o jovem e bem-intencionado vigário estava cansado, oprimido por uma obscura desesperança.

Quando o policial saiu batendo a porta, o secretário da promotora demorou alguns minutos para anunciar que havia mais alguém esperando.

— Hoje não, querido — disse a promotora. Tinha ficado esgotada e furiosa, como acontecia sempre que precisava conversar com policiais.

O secretário disse que não com a cabeça e implorou com os olhos.

— Por favor, atenda-a, Marina. Você não sabe...

— Mas que seja a última.

O secretário assentiu e agradeceu com o olhar. Marina já estava pensando no que comprar para cozinhar naquela noite ou se teria vontade de sair para comer num restaurante. Seu carro estava no mecânico, mas podia usar a bicicleta; as noites eram frescas e belas naquela época do ano: queria sair do gabinete, queria telefonar a algum amigo e convidá-lo para uma cerveja, queria que terminassem aquele dia e aquela investigação e que aparecesse de uma vez o corpo do garoto.

Enquanto guardava as chaves, os cigarros e alguns papéis na bolsa para sair rápido, entrou em sua sala uma adolescente grávida, horivelmente magra, que não quis revelar o nome. Marina tirou uma Coca-Cola da pequena geladeira que tinha sob a escrivaninha e disse: “Estou te ouvindo.”

— O Emanuel está na favela — disse a garota, enquanto tomava o refrigerante em grandes goles.

— De quantos meses? — quis saber Marina, apontando para a barriga da garota.

— Não sei.

Claro que não sabia. Calculou uns seis meses de gravidez. A garota tinha as pontas dos dedos queimadas, manchadas com o amarelo químico do cachimbo de crack. O bebê, se nascesse vivo, seria doente, deformado ou viciado.

— De onde você conhece o Emanuel?

— Todo mundo conhece ele, a família é famosa na Villa Moreno. Fui no enterro dele, e o Emanuel foi meio que namorado da minha irmã.

— E onde está a sua irmã? Ela também o reconheceu?

- Não, minha irmã não mora mais lá.
- Bom. E então?
- Dizem que o Emanuel saiu da água.
- Saiu na noite em que o jogaram?
- Não, e é por isso que eu vim aqui. Tem umas duas semanas que ele saiu.

Acabou de voltar.

Marina sentiu um calafrio. A menina tinha as pupilas dilatadas dos viciados e os olhos, na meia-luz do gabinete, pareciam completamente pretos, como os de um inseto que vive de carniça.

- Como assim voltou? Tinha ido a algum lugar?

A garota a encarou como se ela fosse estúpida e a voz ficou mais grossa, contendo o riso.

- Não! Não foi a lugar nenhum. Voltou da água. Estava na água.

- Você está mentindo.

— Não. Vim contar porque a senhora tem que saber. O Emanuel quer conhecer a senhora.

Marina tentou não pensar em como a garota mexia os dedos manchados pelo cachimbo tóxico; cruzava-os como se não tivessem articulações, como se fossem extraordinariamente moles. Seria ela uma das meninas disformes, defeituosas de nascença por culpa da água contaminada? Não era tão nova. A deformidade vinha ocorrendo desde quando, então? Tudo era possível.

- E onde o Emanuel está agora?

— Se meteu numa das casas atrás dos trilhos e está morando lá com os amigos. Agora a senhora vai me dar dinheiro? Me disseram que a senhora ia me dar dinheiro.

A promotora reteve a garota por mais um tempo no gabinete, mas não conseguiu tirar muita coisa dela. Emanuel López havia emergido do Riachuelo, dizia a jovem, as pessoas o tinham visto caminhar pelas vielas labirínticas da favela, e algumas tinham corrido, mortas de medo, quando cruzaram com ele. Diziam que caminhava devagar e que fedia. A mãe não quisera recebê-lo. Isso surpreendeu Marina. E tinha se metido numa das casas abandonadas do fundo da favela, as que ficavam atrás dos trilhos de trem abandonados. A garota arrancou a cédula das mãos de Marina quando ela lhe pagou pelo testemunho. A avidez havia tranquilizado a promotora. Achava que a garota estava mentindo. Com certeza tinha sido enviada por algum policial amigo dos assassinos — ou por eles mesmos, que estavam em prisão domiciliar, a qual não cumpriam. Se por acaso um dos garotos estivesse vivo, o caso poderia desmoronar. Os policiais acusados tinham contado a muitos de seus colegas como torturavam jovens ladrões fazendo-os “nadar” no Riachuelo. Alguns deles haviam relatado aquelas

conversas, aquelas bravatas, depois de meses de negociações e grandes quantidades de dinheiro em troca da informação. O crime estava comprovado, mas um morto que na verdade estava vivo era um crime a menos e uma sombra de dúvida sobre toda a investigação.

Naquela noite, Marina voltou a seu apartamento inquieta depois de um jantar rápido e nada estimulante num restaurante novo que tinha críticas positivas, mas péssimo serviço. A razão lhe dizia que a menina grávida só estava buscando dinheiro, mas havia algo na história que soava estranhamente real, como um pesadelo vívido. Dormiu mal, pensando na mão do menino morto, porém vivo, chegando à margem, no nadador fantasma que voltava meses depois de ser assassinado. Sonhou que daquela mão caíam os dedos quando o garoto sacudia a imundície após emergir e acordou com o nariz gotejando cheiro de carne morta e um medo horrível de encontrar aqueles dedos inchados e infecciosos entre os lençóis.

Esperou a madrugada passar para tentar se comunicar com alguém na favela: a mãe de Emanuel, o padre Francisco. Ninguém atendia o telefone. Não era estranho: os celulares funcionavam mal na cidade e pior ainda na favela. Alarmou-se porque ninguém atendia no refeitório do padre nem na sala de primeiros socorros. Isso, sim, era mais estranho: aqueles lugares tinham linha fixa. Os fios teriam caído depois da última tempestade?

Continuou tentando se comunicar o dia todo. Não conseguiu. Naquela noite, depois de uma tarde de cancelamentos — dissera ao secretário que estava com dor de cabeça, que ia se dedicar a ler despachos, e ele, sempre obediente, suspendera todas as reuniões e audiências —, decidiu, enquanto cozinhava espaguete, que no dia seguinte iria à favela.

* * *

Nada havia mudado desde sua última vez naquela área ao sul da cidade, na avenida desolada que desembocava na ponte Moreno. Buenos Aires ia se desfazendo em comércios abandonados, janelas tapadas com tijolos para evitar que as casas fossem invadidas, outdoors enferrujados que coroavam edifícios dos anos setenta. Ainda restavam lojas de roupa, açougues suspeitos e a igreja, da qual ela recordava fechada e que agora, vista do táxi, continuava fechada, mas com um cadeado adicional para maior segurança. A avenida, ela sabia, era a zona morta, o lugar mais vazio do bairro. Por trás daquelas fachadas, que eram carrancas, viviam os pobres da cidade. E, nas duas margens do Riachuelo, milhares de pessoas haviam construído casas nos terrenos vazios, desde precários barracos de madeira ou zinco até apartamentos muito decentes de

cimento e tijolos. Da ponte, dava para ver a extensão do casario: rodeava o rio negro e parado, bordejava-o e perdia-se de vista onde a água formava um cotovelo e sumia na distância, junto às chaminés de fábricas abandonadas. Fazia anos também que se falava em limpar o Riachuelo, esse braço do rio da Prata que se metia na cidade e depois partia rumo ao sul, eleito durante um século o destino de refugos de todo tipo, mas sobretudo de vacas. Cada vez que se aproximava do Riachuelo, a promotora se lembrava das histórias contadas por seu pai, funcionário durante um tempo muito curto dos frigoríficos da margem: como jogavam na água os restos de carne e ossos e a imundície que o animal trazia do campo, a merda, o pasto grudado. “A água ficava vermelha”, dizia ele. “Dava medo nas pessoas.”

Também lhe explicava que aquele cheiro do Riachuelo, denso e podre, que com certo vento e a umidade constante da cidade podia pairar no ar durante dias, era causado pela falta de oxigênio na água. A anóxia, dizia. A matéria orgânica consome o oxigênio dos líquidos, explicava, com seu gesto pomposo de professor de química. Ela nunca havia entendido as fórmulas, que a seu pai pareciam simples e apaixonantes, mas não podia esquecer que o rio negro que bordejava a cidade estava basicamente morto, em decomposição: não conseguia respirar. Era o rio mais poluído do mundo, garantiam os especialistas. Talvez houvesse algum na China com o mesmo grau de toxicidade: o único lugar do mundo comparável. Mas a China era o país mais industrializado da Terra: a Argentina havia contaminado quase sem necessidade, quase por gosto, aquele rio que rodeava a capital, que poderia proporcionar um passeio bonito.

O fato de em suas margens ter sido construído aquele casario, a Villa Moreno, deprimia Marina. Só gente muito desesperada ia morar ali, ao lado daquela fetidez perigosa e deliberada.

— Só vou até aqui, senhora.

A voz do motorista do táxi a surpreendeu.

— Faltam trezentos metros até onde tem que me levar — argumentou Marina, distante, seca, com a impositação de voz que usava para se dirigir a advogados e policiais.

O homem fez que não com a cabeça e desligou o motor do carro.

— Não pode me obrigar a entrar na favela. Peço que desça aqui. A senhora vai entrar sozinha?

O motorista soava assustado, sinceramente assustado. Sim, respondeu ela. Era verdade que tinha tentado convencer o advogado dos garotos mortos a acompanhá-la, mas ele tinha compromissos inadiáveis. “Você é louca, Marina”, dissera ele. “Amanhã acompanho você, hoje não posso.” E ela se perturbara: do que tinha medo, depois de tudo? Já fora várias vezes à favela. Era pleno dia.

Muita gente a conhecia: não iriam tocá-la.

Ameaçou denunciar a atitude do motorista aos donos da empresa de táxis, o escândalo que significava deixar a pé naquela região uma funcionária do Poder Judiciário. O homem não moveu nem um fio de cabelo, e ela já esperava essa falta de reação. Ninguém se aproximava da favela da ponte Moreno a menos que fosse necessário. Era um lugar perigoso. Ela mesma abandonara o *tailleur* que usava sempre no gabinete e no tribunal e escolhera jeans, uma camiseta escura e nada nos bolsos, exceto o dinheiro para voltar e o telefone, tanto para se comunicar com seus contatos no interior da favela quanto para ter algo valioso para entregar caso a assaltassem. E a arma, claro, que tinha licença para usar, embaixo da camiseta, discretamente oculta, mas não tanto que não se reconhecesse a silhueta do cabo e do cano destacada em suas costas.

Podia entrar na favela descendo o aterro à esquerda da ponte, ao lado de um edifício abandonado que, estranhamente, ninguém tinha decidido ocupar e que apodrecia, carcomido de umidade, com seus velhos cartazes anunciando massagens, tarô, contadores, casas de penhores. Mas antes decidiu subir à ponte: queria ver e tocar o último lugar onde tinham visto Emanuel e Yamil, os garotos assassinados pela polícia.

A escada de cimento estava suja, fedia a urina e a restos de comida, mas Marina subiu quase correndo. Aos quarenta anos, Marina Pinat exibia bom preparo físico, corria todas as manhãs; os empregados dos tribunais diziam, em voz baixa, que para sua idade estava “bem conservada”. Ela detestava esses murmúrios, não a lisonjeavam; pelo contrário, a ofendiam: não queria ser bonita; queria ser forte, de aço.

Chegou à plataforma de onde os garotos haviam sido jogados. Olhou o rio negro, aturdida, e não conseguiu imaginar alguém caindo dali de cima até a água parada e nem entender por que os motoristas que passavam em rajadas pela costa não tinham visto nada.

* * *

Desceu e voltou à favela pelo aterro do edifício abandonado. Nem bem pisou na rua de entrada, a quietude a desconcertou. A favela estava terrivelmente silenciosa. Aquele silêncio era impossível. A favela, qualquer favela, inclusive aquela, na qual se aventuravam apenas os assistentes sociais mais idealistas — ou mais ingênuos —, aquela favela abandonada pelo Estado e favorita de delinquentes que precisavam se esconder, até mesmo aquele lugar perigoso e evitado, tinha muitos e agradáveis sons. Sempre fora assim. As diferentes músicas confundidas: a lenta e sensual *cumbia* da periferia, aquela mistura

estridente de reggae com ritmo caribenho; a sempre presente *cumbia* de Santa Fé, com suas letras românticas e às vezes violentas; as motos com os canos de escapamento cortados para produzir rugidos ao arrancar; as pessoas que vinham e compravam e caminhavam e falavam. Os infalíveis churrascos com linguças, miúdos, frangos na brasa. As favelas formigavam de gente, de crianças correndo, de jovens de boné tomando cerveja, de cães.

A favela da ponte Moreno, não obstante, agora estava tão morta quanto a água do Riachuelo.

Marina tirou o telefone do bolso de trás e teve a sensação de que era observada dos becos escurecidos pelos fios de eletricidade e pela roupa pendurada. Todas as persianas estavam baixadas, pelo menos naquela rua à beira da água. Tinha chovido, e ela tentou não pisar nos charcos para não se enlamear enquanto caminhava; nunca conseguia ficar parada quando falava ao telefone.

O padre Francisco não atendeu. A mãe de Emanuel também não. Marina achava que podia chegar à pequena igreja sem guia, lembrava-se do caminho. Ficava perto da entrada, como a maioria das paróquias. No curto trajeto também estranhou a total falta dos santos populares, as imagens de Gauchito Gil, de Iemanjá, de algumas virgens que costumavam ter pequenos altares.

Reconheceu a casinha pintada de amarelo que ficava na esquina da favela, e saber que não estava perdida a tranquilizou. Mas, antes de dobrar aquela esquina, escutou passos leves que chapinhavam, alguém correndo às suas costas. Girou o corpo. Era um dos meninos disformes. Reconheceu-o de imediato, como não identificá-los? Com o tempo, aquela cara que, quando bebê, tinha sido feia, tornara-se ainda mais horrível: o nariz muito largo, como o de um felino, e os olhos muito separados, perto das têmporas. O menino abriu a boca, para chamá-la talvez: não tinha dentes.

Tinha um corpo de oito ou dez anos e nem um único dente.

O garoto se aproximou e, quando estava a seu lado, ela pôde ver como haviam se desenvolvido os demais defeitos: os dedos tinham ventosas e eram finos como rabos de lula (ou seriam patas? Sempre tinha dúvidas sobre como chamá-los). O menino não se deteve a seu lado. Seguiu caminhando até a paróquia, como se a guiasse.

O lugar parecia abandonado. Sempre tinha sido uma casa modesta, pintada de branco, e a única indicação de que se tratava de uma igreja era a cruz de metal no telhado, que continuava ali, embora agora estivesse pintada de amarelo e alguém a houvesse decorado com uma coroa de flores amarelas e brancas; de longe, pareciam margaridas. Mas as paredes da igreja já não estavam limpas. Encontravam-se cobertas de grafites. De perto, Marina pôde ver que eram letras, mas sem sentido, não formavam palavras:

YAINGNGAHYOGSOTHOTHHEELGEBFAITHRODOG. A sequência de letras, notou, era sempre a mesma, mas continuava sem sentido para ela. O menino disforme abriu a porta da igreja, e Marina acomodou a arma ao lado do corpo e entrou.

O edifício não era mais uma igreja. Nunca tivera bancos de madeira nem um altar formal, apenas cadeiras e uma mesa de onde o padre Francisco rezava as esporádicas missas. Mas agora estava completamente vazio, com as palavras grafitadas que replicavam as letras do exterior: YAINGNGAHYOGSOTHOTHHEELGEBFAITHRODOG. O crucifixo tinha desaparecido, bem como as imagens do sagrado coração de Jesus e da Virgem de Luján.

No lugar do altar havia uma estaca, cravada num modesto vaso de metal. E, cravada na estaca, uma cabeça de vaca. O ídolo — porque era isso, Marina logo percebeu — devia ser recente, porque não havia cheiro de carne podre na igreja. A cabeça estava fresca.

— Você não deveria ter vindo — disse a voz do padre. Tinha entrado atrás dela. Vê-lo confirmou-lhe que algo ia terrivelmente mal. O padre estava exausto e sujo, com a barba crescida demais e o cabelo tão engordurado que parecia molhado, porém o mais impactante era que estava bêbado e o cheiro de álcool lhe saía pelos poros; quando entrou na igreja foi como se derramasse uma garrafa de uísque no chão imundo.

— Você não deveria ter vindo — repetiu ele, e escorregou e caiu. Marina distinguiu então as gotas de sangue fresco que iam da porta até a cabeça da vaca.

— O que é isso, Francisco?

O padre demorou a responder. Mas o menino disforme, que tinha ficado num canto do que havia sido a igreja, disse:

— Em sua casa o morto espera sonhando.

— É tudo o que esses retardados dizem! — gritou o padre, e Marina, que havia estendido o braço para ajudá-lo a levantar do chão, retrocedeu. — Retardados imundos e infectos! Te mandaram a *puta grávida* deles e isso foi suficiente para te convencer a vir? Não achei que você fosse tão estúpida.

Ao longe, Marina escutou tambores. A batucada, pensou, aliviada. Era fevereiro. Claro. Era isso o que estava acontecendo. As pessoas tinham ido ensaiar para o desfile de carnaval, ou quem sabe estivessem festejando o carnaval no campo de futebol que ficava depois dos trilhos.

(Meteu-se numa das casas da área atrás dos trilhos e vive lá com seus amigos. E como o padre sabia sobre a garota grávida?)

Era a batucada, tinha certeza. A favela tinha um batuque tradicional e sempre festejava o carnaval. Era um pouco cedo, mas era possível. E a cabeça de vaca

seria o presente intimidador de algum dos traficantes da favela, que odiavam o padre Francisco porque ele costumava denunciá-los ou tentava recuperar os garotos viciados, o que significava tirar deles clientes e empregados.

— Você tem que sair daqui, Francisco — disse Marina.

O padre riu.

— Eu tentei, eu tentei! Mas não se pode sair. Você também não vai sair. Aquele garoto despertou o que dormia debaixo d'água. Você não está escutando? Não está escutando os tambores desse culto de mortos?

— É a batucada de carnaval.

— A batucada? Você acha que parece a batucada?

— Você está bêbado. Como sabia da garota grávida?

— Isso não é batucada coisa nenhuma.

O padre se pôs de pé e tentou acender um cigarro.

— Durante anos pensei que este rio podre fizesse parte do nosso caráter, entende? Nunca pensar no futuro, bah, vamos jogar toda a imundície aqui, o rio leva tudo! Nunca pensar nas consequências, melhor dizendo. Um país de irresponsáveis. Mas agora penso diferente, Marina. Todos os que contaminaram este rio foram muito responsáveis. Estavam tapando algo, não queriam deixá-lo sair e o cobriram com camadas de óleo e barro! Até encheram o rio de barcos! Deixaram os barcos encalhados lá.

— Do que você está falando?

— Não se faça de *burra*. Você nunca foi burra. Os policiais começaram a atirar gente na água porque eles, sim, são burros. E a maioria dos que eles jogaram morreu, mas vários o encontraram. Sabe o que vem para cá? A merda das casas, toda a imundície dos esgotos, tudo! Camadas e camadas de sujeira para mantê-lo morto ou adormecido: dá na mesma, acho que o sono e a morte são a mesma coisa. E funcionava, até que começaram a fazer o impensável: nadar embaixo da água negra. E o despertaram. Sabe o que quer dizer “Emanuel”? Quer dizer “Deus está conosco”. De que Deus estamos falando é que é o problema.

— Do que você está falando é que é o problema. Vamos, vou tirar você daqui.

O padre começou a esfregar os olhos com tanta força que Marina teve medo que arrebesse as córneas. O menino disforme, cego, tinha se virado e agora estava de costas, encarando a parede.

— Puseram ele aqui para me vigiar. É filho deles.

Marina tentou compreender o que acontecia na realidade: o padre, acossado por aqueles que o odiavam na favela, tinha perdido o juízo. O menino disforme, certamente abandonado pela família, seguia-o por toda parte porque não tinha mais ninguém. As pessoas da favela haviam levado sua música e seus churrascos

aos festejos de carnaval. Tudo era espantoso, mas não impossível. Não havia nenhum garoto morto que vivia, não havia nenhum culto dos mortos.

(E por que não havia imagens religiosas e por que o padre tinha falado de Emanuel sem que ela sequer lhe perguntasse?)

Não importa. Vamos embora, pensou Marina, e agarrou o padre pelo braço, obrigou-o a se apoiar nela para poder caminhar; estava bêbado demais para sair sozinho. Foi um erro. Não teve tempo de se dar conta: o padre estava bêbado, mas o movimento para roubar a arma dela foi surpreendentemente rápido e preciso. Marina não pôde nem oferecer resistência, tampouco conseguiu ver que o menino disforme tinha se virado e gritava mudo, abria a boca e gritava sem som.

O padre apontava a arma para ela. Marina olhou em volta, o coração martelando as costelas, a boca seca. Não tinha como escapar; ele estava bêbado, podia errar, mas não a uma distância tão curta. Começou a suplicar, mas ele a interrompeu.

— Não quero te matar. Quero te agradecer.

Então baixou a arma e, com um movimento enérgico, voltou a erguê-la, meteu-a na boca e disparou.

O ruído ensurdeceu Marina; o cérebro do padre agora cobria parte das letras sem sentido, e o menino repetia “em sua casa o morto espera sonhando”, embora não conseguisse pronunciar os erres e dissesse “espela”. Marina não tentou ajudar o padre: não havia possibilidade alguma de que sobrevivesse àquele disparo. Tirou a arma da mão dele e não pôde evitar pensar que suas digitais estavam por todo lado, podiam acusá-la de tê-lo matado. Padre de merda, favela de merda, por que ela estava ali? Para mostrar o quê, a quem? A arma tremia na sua mão, agora manchada de sangue. Não sabia como iria voltar para casa com as mãos ensanguentadas. Tinha que procurar água limpa.

Quando saiu da igreja, deu-se conta de que estava chorando e de que a favela já não estava vazia. A surdez que se seguiu ao disparo a fizera crer que os tambores continuavam distantes, mas estava enganada. A batucada passava em frente à paróquia. Agora estava claro que não era uma batucada. Era uma procissão. Uma fila de gente tocando os tambores da batucada, com seu rufar tão ruidoso, encabeçada pelos meninos disformes com seus braços magros e dedos de molusco, seguida pelas mulheres, gordas em sua maioria, com o corpo desfigurado dos alimentados quase unicamente à base de carboidratos. Havia alguns homens, poucos, e Marina reconheceu entre eles alguns policiais: julgou ver Suárez, com seu cabelo escuro brilhoso e vestido de uniforme, foragido da prisão domiciliar.

Atrás deles ia o ídolo que carregavam em uma cama. Era isso, uma cama,

com colchão. Marina não conseguia distingui-lo: estava deitado. Tinha tamanho humano. Uma vez vira algo parecido em procissões de semana santa, efígies de Jesus recém-descido da cruz, ensanguentado sobre panos brancos, misto de cama e ataúde.

Aproximou-se da procissão ainda que tudo lhe dissesse para correr para o lado oposto ao que eles tomaram, mas queria ver o que jazia na cama.

O morto espera sonhando.

Entre as pessoas, que seguiam em silêncio, o único som era dos tambores. Tentou se aproximar do ídolo, esticou o pescoço, mas a cama estava muito alta, inexplicavelmente alta. Uma mulher a empurrou quando tentou chegar perto demais, e Marina a reconheceu: era a mãe de Emanuel. Tentou retê-la, mas a mulher murmurou alguma coisa sobre os barcos e o fundo escuro do rio, onde estava a casa, e afastou Marina com uma cabeçada no exato momento em que os participantes da procissão começaram a gritar “eu, eu, eu” e o que levavam sobre a cama se mexeu um pouco, o suficiente para que um de seus braços cinzentos se pendurasse na lateral, como o braço de alguém muito doente, e Marina se lembrou dos dedos de seu sonho que caíam da mão podre e só então correu, com a arma entre as mãos, correu rezando em voz baixa como não fazia desde a infância, correu entre as casas precárias, pelos becos labirínticos, buscando o aterro, a margem, tentando ignorar que a água negra parecia agitada, porque não podia estar agitada, porque aquela água não respirava, a água estava morta, não podia beijar as margens com ondas, não podia se agitar com o vento, não podia ter aqueles redemoinhos nem a corrente nem a enchente, como era possível uma enchente se a água estava estagnada. Marina correu até a ponte e não olhou para trás e tapou os ouvidos com as mãos ensanguentadas para bloquear o ruído dos tambores.

VERDE VERMELHO ALARANJADO

Faz quase dois anos que se converteu num ponto verde ou vermelho ou alaranjado na minha tela. Não o vejo, não deixa que eu o veja, que ninguém o veja. Fala muito de vez em quando, pelo menos comigo, mas nunca liga sua câmera, de modo que não sei se continua tendo cabelo comprido e a magreza de pássaro; parecia um pássaro na última vez que o vi, de cócoras na cama, com as mãos grandes demais e as unhas compridas.

Antes de fechar a porta de seu quarto com chave, por dentro, tinha passado duas semanas de, nas suas palavras, calafrios cerebrais. Costumam ser um efeito colateral da descontinuação de antidepressivos e são sentidos como leves descargas elétricas dentro da cabeça; ele os descrevia como a câibra dolorosa de uma batida no cotovelo. Nunca acreditei que ele sentisse isso. Visitava-o em seu quarto escuro e escutava-o falar desse e de outros vinte efeitos colaterais, e era como se recitasse o vade-mécum. Eu conhecia muitos que haviam tomado antidepressivos, e a nenhum deles ocorriam curtos-circuitos na cabeça, apenas engordavam ou tinham sonhos estranhos ou dormiam demais.

Você sempre tem que ser tão especial, falei certa tarde; ele tapava os olhos com o braço. E refleti que estava farta dele e de todo o seu teleteatro. Naquela tarde também me lembrei de quando, depois de tomar meia garrafa de vinho, baixei a calça e a cueca dele e lambi o pau dele e o acariciei e com surpresa e um pouco de irritação o rodeei com a mão e comecei a movê-lo com o ritmo que eu sabia ser irresistível, até que ele pôs uma das mãos na minha cabeça e disse: “Não vai funcionar.” Fui embora com raiva, depois de jogar a garrafa de vinho tinto nos lençóis, e não voltei a visitá-lo por uma semana; nunca falamos sobre o que tinha acontecido, nunca vi rastros de uma mancha vermelha. Já não estava mais apaixonada, queria apenas demonstrar que ele estava exagerando aquela tristeza sem motivo. Não adiantou, como não adiantava irritar-se nem acusá-lo de mentir.

Quando se trancou definitivamente — o quarto tinha banheiro, com ducha —,

sua mãe pensou que ele ia se matar e me ligou chorando para que eu tentasse impedi-lo. Claro que naquele momento nem ela nem eu sabíamos que a clausura seria permanente. Falei com ele pela fresta, bati na porta, telefonei. A psiquiatra fez o mesmo. Achei que dentro de uns dias abriria a porta e andaria se arrastando pela casa, como de costume. Enganei-me, e dois anos depois o espero todas as noites verde vermelho alaranjado e me assusto quando passa muitos dias cinza. Não usa seu nome, Marco. Só a inicial M.

* * *

Gente triste não tem piedade. Marco mora na casa da mãe e ela cozinha para ele as quatro refeições, que deixa diante da porta trancada, numa bandeja. Começou a fazer isso porque assim ele indicou, por mensagem de texto. Também lhe indicou: não me espere não tente me ver. Ela não levou a sério. Esperou horas, mas a determinação dele é monstruosa. Marco pode passar fome. A mãe já tentou deixá-lo sem comer durante dias. Também tentou, por conselho da psiquiatra, cortar o serviço de internet. Marco conseguiu se conectar ao wi-fi do vizinho até que sua mãe sentiu pena e devolveu a conexão. Ele não agradece, nem pede. Sua mãe me convida algumas vezes à casa dela, mas quase nunca aceito, não suporto pensar que ele escuta nossa conversa do quarto. Vamos a um café perto do meu apartamento, e todas as conversas são iguais. O que ela pode fazer se ele se nega a receber tratamento, não pode expulsá-lo, é seu filho, sente-se culpada ainda que nunca tenha acontecido nada a Marco, nem ela nem o marido o maltrataram, não sofreu abusos, as fotos das férias na praia, o menino mais doce do mundo, que se fantasiava de Batman e juntava figurinhas para o álbum e gostava de futebol. Eu sempre lhe digo que Marco está doente e que não é culpa de ninguém, é o cérebro, é química, é genética: se tivesse câncer, eu argumento, ela não pensaria que é sua culpa. Não é culpa dela que ele esteja deprimido.

Ela me pergunta se ele fala comigo. Digo a verdade: que sim, que mais propriamente entra num chat — porque cada vez fala menos, está desvanecendo na rede, Marco é letras que pulsam, às vezes desaparece sem esperar uma resposta —, mas que nunca me conta o que lhe acontece, o que sente, o que quer. E isso é horivelmente distinto do que ocorria antes do enclausuramento. Antes falava obsessivamente de sua terapia, dos remédios, dos problemas de concentração, de quando tinha deixado de estudar porque não conseguia se lembrar do que lia, de suas enxaquecas, da falta de fome. Agora fala do que quer. Em geral, da Deep Web e do quarto vermelho e dos fantasmas japoneses. Mas não digo isso à mãe dele: invento que discutimos livros e filmes que ele vê e lê

on-line. Ah, suspira ela, não posso cortar a internet então, é a única coisa que o conecta à vida.

Ela diz coisas assim, conectar à vida, seguir em frente, é preciso ser forte; é uma mulher estúpida. Sempre lhe pergunto por que acha que serei capaz de tirar Marco de seu claustro, ela costuma pedir para eu bater na porta e implorar. Às vezes o faço, e ele, à noite, quando me encontra no chat, escreve: “Não seja tonta, não dê atenção a ela.” Por que acredita que eu possa tirá-lo, eu lhe pergunto, e ela despeja leite no café até arruiná-lo, transforma-o num creme quente. A última vez que o vi contente foi quando vocês dois estavam juntos, diz ela, e baixa a cabeça. A tintura que usa é de má qualidade e as pontas do cabelo estão sempre claras demais e as raízes, esbranquiçadas. Não é verdade a ideia em que ela acredita, Marco e eu vivíamos no silêncio e na impotência, eu lhe perguntava o que é que você tem e ele respondia que nada ou sentava na cama e gritava que era uma casca sem alma, eu chamava de teleteatro esses arrancos que terminavam em prantos e bebedeiras. Vai ver ele dizia à mãe que éramos felizes. Vai ver ela simplesmente decidiu acreditar nisso. Vai ver ele decidiu que sua tristeza estaria ao meu lado para sempre, enquanto ele quisesse, porque as pessoas tristes não têm piedade.

* * *

Hoje li sobre gente como você, eu lhe escrevi numa madrugada. Você é um hikikomori. Sabe quem são, né? São japoneses que se trancam em seus quartos e as famílias os mantêm, não sofrem outro problema mental, simplesmente lhes é insuportável a pressão da universidade, de ter vida social, essas coisas. Os pais nunca os expulsam. É uma epidemia no Japão. Quase não existe em outros países. Ainda que às vezes saiam, sobretudo à noite, sozinhos. Para procurar comida, por exemplo. Não fazem a mãe cozinhar, feito você.

Eu às vezes saio, respondeu.

Duvidei antes de responder.

Quando.

Quando minha mãe vai trabalhar. Ou de madrugada. Ela não escuta, toma remédio para dormir.

Não acredito em você.

Sabe o que é o melhor dos japoneses? Que eles classificam fantasmas.

Me diz a que hora você sai e nos encontramos.

Os fantasmas de meninos se chamam zashiki-warashi e supõe-se que não sejam maus. Os maus são os fantasmas de mulheres. Há muitos espectros que aparecem como meninas cortadas pela metade, por exemplo. Arrastam-se pelo

chão, são troncos, e, se você os vê, eles te matam. Ou o certo é dizer *as* vê? Há um tipo de fantasma-mãe, se chama ubume, é a que morreu no parto. Rouba crianças ou leva balas para elas. Também diferenciam os fantasmas dos mortos no mar.

Me diz a que hora você sai e nos vemos.

É mentira que eu saio.

Fechei violentamente a janela embora ele não tivesse se desconectado, continuava verde. Não vou me postar na frente da casa dele durante as seis horas que sua mãe passa no trabalho para ver se ele sai, prometi, e cumpri.

* * *

A internet nos anos noventa era um cabo branco que ia do meu computador até a tomada do telefone, atravessando a casa. Meus amigos de internet pareciam reais e eu me angustiava cada vez que caía a conexão, ou a eletricidade, e não podia encontrá-los para falar de simbolismo, glam rock, David Bowie, Iggy Pop, Manic Street Preachers, ocultistas ingleses, ditaduras latino-americanas. Uma de minhas amigas estava enclausurada, eu me lembro. Era sueca, tinha um inglês perfeito — eu quase não tinha amizades argentinas on-line. Tinha fobia social, dizia a sueca. Não lembro o nome dela. Não consigo recuperar seus e-mails, ficaram aprisionados num computador velho. Da Suécia me enviava documentários em VHS e CDs impossíveis de conseguir fora da Europa. Na época eu não me perguntava como ela fazia para chegar ao correio se supostamente não podia sair. Talvez mentisse. Os pacotes, de todo modo, chegavam da Suécia: não mentia sobre sua localização. Guardo os selos, ainda que as fitas dos vídeos já tenham se enchido de fungos e os CDs tenham deixado de funcionar e ela tenha desaparecido para sempre, um espectro da rede, e não posso procurá-la porque não lembro seu nome. Lembro-me de outros nomes. Rhias, por exemplo, de Portland, fanática por decadentismo e por super-heróis. Tínhamos uma espécie de romance, e ela me mandava poemas de Anne Sexton. Heather, da Inglaterra, que ainda existe e que, segundo diz, sempre será grata a mim por ter feito com que conhecesse Johnny Thunders. Keeper, que se apaixonava por rapazinhos. Outra garota que escrevia poemas bonitos dos quais também não consigo me lembrar, exceto algum verso ruim; “my blue someone”, por exemplo. Meu alguém triste. Marco se ofereceu para recuperá-las para mim. Todas as minhas amigas perdidas. Diz que o isolamento o transformou num hacker. Eu prefiro esquecê-las porque esquecer gente que só se conheceu em palavras é estranho, enquanto existiram foram mais intensas que o real e agora são mais distantes que os desconhecidos. Causam-me um pouco de medo, além

do mais. Encontrei Rhias no Facebook. Aceitou minha amizade e eu a cumprimentei, muito contente, mas ela não me respondeu e nunca mais nos falamos. Acho que não se lembra de mim, ou lembra muito pouco, vagamente, como se tivesse me conhecido num sonho.

* * *

Marco nunca me dá medo, exceto quando fala da Deep Web. Diz que é necessário conhecê-la. Diz assim: é necessário. A Deep Web são os sites que não se indexam nos mecanismos de busca. É muito maior do que a web superficial que todos usamos. Cinco mil vezes maior. Não entendo, e me entediam suas explicações sobre como acessá-la, mas ele garante que não é tão difícil. O que tem lá, eu pergunto. Vendem-se drogas, armas, sexo, me responde. A maior parte não me interessa, diz, mas há algumas coisas que quero ver. O quarto vermelho. Refere-se a uma sala de bate-papo que se chama “red room”. Paga-se para ver. Fala-se de uma garota torturada cujos peitos um homem negro magro arrebenta a pontapés. Depois a estupram até matá-la. Está à venda o vídeo da tortura e também um arquivo de áudio de seus gritos, que não se parecem com nada humano e são inesquecíveis. E quero conhecer a RRC. O que é isso. A Real Rape Community. Não tem regras. Matam crianças de fome. Obrigam-nas a fazer sexo com animais. Enforcam-nas e, claro, também as estupram. É o lugar mais perverso da web, ou era. Agora apareceu um lugar de sexo com cadáveres.

Fazer sexo com crianças é muito pior do que com cadáveres, escrevo.

Claro, responde Marco.

De onde será que tiram os cadáveres de crianças.

De qualquer lugar. Não sei por que vocês acreditam que as crianças são cuidadas e amadas.

Fizeram alguma coisa com você quando criança?

Nunca. Você sempre me pergunta a mesma coisa, sempre quer explicações.

Me parece que tudo isso da Deep Web é mentira. A quem está se referindo quando diz “vocês”?

Não é mentira, há artigos em jornais sérios. Pode procurar, falam dos sites para contratar assassinos e comprar drogas, principalmente. Vocês, gente como você.

* * *

No segundo ano do secundário tingi o cabelo de preto com hena, uma tintura temporária e supostamente pouco nociva que deixou meu couro cabeludo

manchado e me fez perder mechas como se estivesse num tratamento de quimioterapia. No colégio não me diziam nada, estavam acostumados a garotas ficando um pouco loucas, é o que faz uma garota dessa idade. A professora de história me tratava especialmente bem, embora eu não fosse boa aluna. Uma tarde, na saída, me perguntou se eu queria conhecer sua filha. Estava tremendo, lembro bem, e fumava: agora, se uma professora fuma diante de uma aluna é vergonhoso, mas há vinte anos passava despercebido. Antes que eu pudesse responder, sacou uma pasta de capa preta e me mostrou. Tinha folhas presas em espiral e, em cada folha, desenhos e anotações. Os desenhos eram de uma mulher de cabelo preto e vestido preto sentada entre folhas de outono ou túmulos ou entrando num bosque. Uma bruxa bonita e alta, feita a lápis. Também havia um desenho de uma garota coberta com um véu, como uma noiva ou alguém em uma primeira comunhão antiquada, que levava aranhas nas mãos. O escrito eram anotações de diário ou poemas. Lembro-me de uma linha, dizia “quero que me retalhes as gengivas”.

— É a pasta da minha filha — falou. — Ela não sai de casa, e acho que vocês podiam ser amigas.

Pensei, lembro com clareza, que a menina desenhava muito bem. Pensei também que uma menina que desenhava assim não teria nenhum interesse em mim. Não respondi a professora, não soube o que dizer, murmurei que meus pais estavam me esperando. Não era verdade: caminhei sozinha até minha casa. Mas, quando cheguei, contei para minha mãe. Ela também não disse nada, mas, quando mais tarde falou ao telefone, fez isso trancada em seu quarto.

A professora não voltou a dar aulas. Minha mãe tinha falado com a diretora do colégio. A professora não tinha filhos, não tinha uma filha que desenhasse bruxas, nem viva nem morta. Havia mentido. Fiquei sabendo anos depois. Minha mãe me explicou, naquele momento, que a professora havia tirado licença para cuidar da filha doente. Manteve a existência da filha fantasma. A diretora fez o mesmo. Eu acreditei na menina enclausurada durante anos e até tentei reproduzir aqueles desenhos de bosques, túmulos e vestidos pretos traçados pela mão de uma adulta solitária.

Não lembro o sobrenome daquela professora. Sei que Marco poderia localizá-la com suas habilidades de detetive da web, mas prefiro esquecer aquela mulher triste que quis me levar para sua casa depois da aula, sabe-se lá para quê.

* * *

Marco fica cada vez menos verde, prefere o alaranjado, o estado *idle*; está ligado, mas distante, é o estado que mais se aproxima do cinza. O cinza é o

silêncio e a morte. Cada vez me escreve menos. Sua mãe não sabe disso; melhor dizendo, minto e lhe digo que nos falamos como sempre. Minhas mensagens se acumulam. Às vezes descubro que as respondeu, pela manhã.

Quando uma noite fica verde uma vez mais, ele fala primeiro. Como sabe que sou eu, diz. Não me vê, posso chorar sem vergonha. Agora há programas, escreve ele, que podem reproduzir um morto. Tomam toda a informação disseminada na internet sobre uma pessoa e atuam com esse roteiro. Não é muito diferente de quando mandam publicidade personalizada.

Se fosse uma máquina, você não me diria isso.

Não, escreve ele. Mas como você vai se dar conta quando for mesmo uma máquina?

Não vou me dar conta, respondo. Esse robô ainda não existe, você tirou essa ideia de um filme.

É uma ideia bonita, escreve.

Eu lhe dou razão e espero. Ele já não tem mais nada a dizer, nada sobre quartos vermelhos e fantasmas vingativos. Quando deixar de falar comigo para sempre, vou mentir para sua mãe. Inventarei conversas fabulosas, até lhe darei esperanças: ontem à noite me disse que quer sair, vou dizer a ela enquanto tomamos café. Espero que ele decida escapar enquanto ela dorme seu sono químico, espero que a comida no corredor não se acumule, espero que não seja necessário botar a porta abaixo.

AS COISAS QUE PERDEMOS NO FOGO

A primeira foi a garota do metrô. Havia quem a discutisse ou, ao menos, discutisse seu alcance, seu poder, sua capacidade de desencadear as fogueiras por conta própria. Uma coisa era certa: a garota do metrô só pregava nas seis linhas de trem subterrâneo da cidade, e ninguém a acompanhava. Mas era inesquecível. Tinha o rosto e os braços completamente desfigurados por uma queimadura extensa, completa e profunda; ela explicava quanto tempo lhe havia custado para se recuperar, os meses de infecções, hospital e dor, com a boca sem lábios e um nariz pessimamente reconstruído; restava-lhe um só olho, o outro era um buraco de pele, e a cara toda, a cabeça, o pescoço, uma máscara marrom percorrida por teias de aranha. Na nuca conservava uma mecha de cabelo comprido, que realçava o efeito máscara: era a única parte da cabeça que o fogo não havia alcançado. Tampouco havia alcançado as mãos, que eram morenas e estavam sempre um pouco sujas de manipular o dinheiro que ela mendigava.

Seu método era audaz: entrava no vagão e cumprimentava os passageiros com um beijo, se não fossem muitos, se a maioria viajasse sentada. Alguns afastavam o rosto com repugnância, até com um grito sufocado; alguns aceitavam o beijo sentindo-se bem consigo mesmos; alguns apenas deixavam que o asco lhes arrepiasse os pelos dos braços, e se ela o notasse, no verão, quando podia ver a pele nua deles, acariciava com os dedos imundos os pelinhos assustados e sorria com a boca que era um talho. Havia até quem descesse do vagão quando a via subir: os que já conheciam o método e não queriam o beijo daquela cara horrível.

A garota do metrô, além do mais, vestia-se com jeans justos, blusas transparentes e até sandálias de salto quando fazia calor. Usava pulseiras e correntinhas penduradas no pescoço. O fato de seu corpo ser sensual era inexplicavelmente ofensivo.

Quando pedia dinheiro, deixava tudo muito claro: não estava juntando para cirurgias plásticas, não tinham sentido, nunca retomaria seu rosto normal, sabia

disso. Pedia para seus gastos, para o aluguel, a comida — ninguém lhe dava trabalho com o rosto daquele jeito, nem em empregos onde não fosse preciso vê-la. E sempre, quando terminava de narrar seus dias no hospital, nomeava o homem que a havia queimado: Juan Martín Pozzi, seu marido. Fazia três anos que estava casada com ele. Não tinham filhos. Ele achava que ela o enganava e tinha razão: pretendia abandoná-lo. Para evitar isso, ele a arruinou, que não fosse de mais ninguém, então. Enquanto ela dormia, jogou-lhe álcool na cara e aproximou o isqueiro. Quando ela não podia falar, quando estava no hospital e todos achavam que fosse morrer, Pozzi disse que ela se queimara sozinha, que havia derramado álcool em si mesma em meio a uma briga e que quisera fumar um cigarro enquanto ainda estava molhada.

— E acreditaram nele — contava a garota do metrô, sorrindo com sua boca sem lábios, sua boca de réptil. — Até meu pai acreditou.

Logo que conseguiu falar, no hospital, contou a verdade. Agora ele estava preso.

Quando ela saía do vagão, as pessoas não falavam da garota queimada, mas o silêncio em que ficava o trem, interrompido pelas sacudidas sobre os trilhos, dizia que nojo, que medo, não vou me esquecer mais dela, como se pode viver assim.

Talvez não tivesse sido a garota do metrô a desencadeadora de tudo, mas ela havia introduzido a ideia em sua família, acreditava Silvina. Foi numa tarde de domingo, voltava com a mãe do cinema — uma excursão rara, quase nunca saíam juntas. A garota do metrô deu seus beijos e contou sua história no vagão; quando terminou, agradeceu e desceu na estação seguinte. Não se seguiu à sua partida o habitual silêncio incômodo e envergonhado. Um rapaz, não devia ter mais que vinte anos, começou a dizer que manipuladora, que nojenta, que miséria; também fazia piadas. Silvina lembrava que a mãe, alta e com o cabelo curto e grisalho, com todo aspecto de autoridade e potência, tinha cruzado o corredor do vagão até onde estava o rapaz, quase sem cambalear — embora o vagão sacolejasse como sempre —, e dera um soco no nariz dele, um golpe decidido e profissional, que o fez sangrar e gritar ei velha filha da puta qual o seu problema, mas a mãe de Silvina não respondeu, nem ao rapaz que chorava de dor nem aos passageiros que hesitavam entre insultá-la ou ajudar. Silvina se lembrava do olhar rápido, da ordem silenciosa de seus olhos e de como as duas saíram correndo logo que as portas se abriram e continuaram correndo pelas escadas, embora Silvina estivesse fora de forma e se cansasse logo — correr lhe dava tosse —, e sua mãe já tivesse mais de setenta anos. Ninguém as seguira, mas isso elas só souberam quando estavam na rua, na esquina movimentadíssima da Corrientes com a Pueyrredón: meteram-se entre as pessoas para evitar e

despistar algum segurança, ou mesmo a polícia. Depois de duzentos metros, concluíram que estavam a salvo. Silvina não podia esquecer a gargalhada alegre, aliviada, de sua mãe; fazia anos que não a via tão feliz.

Faltavam Lucila e a epidemia que ela desencadeou, entretanto, para que viessem as fogueiras. Lucila era modelo e muito bonita, mas, acima de tudo, era encantadora. Nas entrevistas da televisão parecia distraída e ingênua, mas tinha respostas inteligentes e audazes, e por isso também se fez famosa. Meio famosa. Famosa por inteiro ela se tornou quando anunciou o noivado com Mario Ponte, o ponta-direita do Unidos de Córdoba, um clube de segunda divisão que chegara heroicamente à primeira e se mantivera entre os melhores durante dois torneios graças a uma grande equipe, mas sobretudo graças a Mario, um jogador extraordinário que havia recusado ofertas de clubes da Europa por pura lealdade — embora alguns especialistas dissessem que, aos trinta e dois anos e com o nível de competitividade dos campeonatos europeus, era melhor para Mario se tornar uma lenda local do que um fracasso transatlântico. Lucila parecia apaixonada e, embora o casal tivesse recebido muita cobertura da mídia, não chamava muita atenção: era perfeito e feliz, e simplesmente faltava drama. Ela conseguiu contratos melhores de publicidade e fechava todos os desfiles; ele comprou um carro caríssimo.

O drama chegou numa madrugada, quando tiraram Lucila de maca do apartamento que compartilhava com Mario Ponte: tinha 70% do corpo queimado, e disseram que não ia sobreviver. Sobreviveu uma semana.

Silvina se lembrava apenas dos informes nos telejornais, das conversas no escritório; ele a queimara durante uma briga. Assim como aconteceu com a garota do metrô, Mario esvaziara uma garrafa de álcool em cima de Lucila — ela estava na cama — e depois jogara um fósforo aceso no corpo nu. Deixara-a arder uns minutos e a cobrira com uma colcha. Depois chamara a ambulância. Dissera, a exemplo do marido da garota do metrô, que havia sido ela a culpada.

Por isso, quando de fato as mulheres começaram a se queimar, ninguém acreditou nelas, pensava Silvina enquanto esperava o ônibus — não usava seu próprio carro quando visitava a mãe: podiam segui-la. Achavam que elas estavam protegendo seus homens, que ainda tinham medo deles, que estavam traumatizadas e não podiam dizer a verdade; foi difícil admitir a existência das fogueiras.

Mesmo agora, que havia uma fogueira por semana, ninguém sabia o que dizer nem como detê-las, exceto com o de sempre: controles, polícia, vigilância. Não adiantava. Uma vez, uma amiga anoréxica tinha dito a Silvina: não podem te obrigar a comer. Podem, sim, respondera Silvina, podem te enfiar um soro, uma sonda. Sim, mas não podem te controlar o tempo todo. Você corta a sonda. Corta

o soro. Ninguém pode te vigiar vinte e quatro horas por dia, as pessoas dormem. Era verdade. Aquela colega de escola tinha morrido, por fim. Silvina sentou com a mochila entre as pernas. Alegrou-se por não ter que viajar em pé. Sempre temia que alguém abrisse sua mochila e visse o que carregava.

* * *

Foram necessárias muitas mulheres queimadas para que começassem as fogueiras. É contágio, explicavam os especialistas em violência de gênero em jornais e revistas e rádio e televisão e onde mais pudessem falar: era tão complexo informar, diziam, porque por um lado era preciso alertar sobre os feminicídios e, por outro, falar do assunto provocava aqueles efeitos, parecidos ao que ocorre com os suicídios entre adolescentes. Homens queimavam namoradas, esposas, amantes, por todo o país. Com álcool a maioria das vezes, como Ponte (de resto, o herói de muitos), mas também com ácido, e num caso particularmente horrível a mulher tinha sido atirada em pneus que queimavam no meio de uma estrada por causa de algum protesto de trabalhadores. Mas Silvina e sua mãe mal tinham começado a se mobilizar — sem consultar uma à outra — quando aconteceu o caso de Lorena Pérez e sua filha, as últimas assassinadas antes da primeira fogueira. O pai, antes de se suicidar, havia ateadado fogo na mãe e na filha com o já clássico método da garrafa de álcool. Silvina e a mãe não as conheciam, mas foram ao hospital para tentar visitá-las ou, pelo menos, protestar diante da porta; encontraram-se ali. E ali estava também a garota do metrô.

Mas já não estava só. Estava acompanhada por um grupo de mulheres de diferentes idades, nenhuma delas queimada. Quando as câmeras chegaram, a garota do metrô e suas companheiras se aproximaram da luz. Ela contou sua história, as outras assentiam e aplaudiam. A garota do metrô disse algo impressionante, brutal:

— Se continuarem assim, os homens vão ter que se acostumar. A maioria das mulheres vai ser como eu, se não morrer. Seria ótimo, não? Uma beleza nova.

A mãe de Silvina se aproximou da garota do metrô e de suas companheiras quando as câmeras se retiraram. Havia várias mulheres de mais de sessenta anos; Silvina ficou surpresa ao vê-las dispostas a passar a noite na rua, acampar na calçada e pintar seus cartazes que pediam BASTA DE NOS QUEIMAR. Silvina também ficou e, pela manhã, foi trabalhar sem dormir. Seus colegas sabiam sobre a queima da mãe e da filha. Estão se acostumando, pensou Silvina. O caso da menininha lhes causa um pouco de impacto, mas só isso, um pouco. Passou a tarde inteira mandando mensagens à mãe, que não respondeu nenhuma. Era

péssima com mensagens de texto, de modo que Silvina não se alarmou. À noite, telefonou para casa e também não a encontrou. Será que continuavam na porta do hospital? Foi procurá-la, mas as mulheres tinham abandonado o acampamento. Restavam apenas umas canetas jogadas e pacotes vazios de biscoitos, que o vento redemoinhava. Vinha uma tempestade, e Silvina voltou para casa o mais rápido que conseguiu porque tinha deixado as janelas abertas.

A menina e a mãe tinham morrido durante a noite.

* * *

Silvina participou de sua primeira fogueira num campo perto da estrada 3. As medidas de segurança ainda eram muito elementares; as das autoridades e as das Mulheres Ardentes. A incredulidade ainda era alta; sim, o caso daquela mulher que havia se incendiado dentro do próprio carro, no deserto patagônico, fora bem estranho: as primeiras investigações indicaram que ela borrifara o veículo com gasolina, sentara-se diante do volante e acendera ela mesma o isqueiro. Ninguém mais: não havia rastros de outro carro — isso era impossível de ocultar no deserto — e ninguém teria conseguido partir dali a pé. Um suicídio, diziam, um suicídio muito estranho, a pobre mulher estava sugestionada por todas aquelas queimas de mulheres, não entendemos por que ocorrem na Argentina, essas coisas são de países árabes, da Índia.

— Uns filhos da puta; Silvinita, sente-se — disse-lhe María Helena, a amiga de sua mãe que dirigia o hospital clandestino de queimadas ali, longe da cidade, no terreno da velha fazenda da família, rodeada de vacas e soja. — Não sei por que aquela moça, em vez de entrar em contato conosco, fez o que fez, mas paciência: vai ver que queria mesmo morrer. Era direito dela. Mas que esses filhos da puta digam que as incinerações são dos árabes, dos indianos...

María Helena enxugou as mãos — estava descascando pêssegos para uma torta — e encarou Silvina nos olhos.

— As queimas são feitas pelos homens, menina. Sempre nos queimaram. Agora nós mesmas nos queimamos. Mas não vamos morrer; vamos mostrar nossas cicatrizes.

A torta era para festejar uma das Mulheres Ardentes, que havia sobrevivido a seu primeiro ano de queimada. Algumas das que iam à fogueira preferiam se recuperar em hospitais, mas muitas escolhiam centros clandestinos como o de María Helena. Havia outros, Silvina não sabia ao certo quantos.

— O problema é que não acreditam em nós. Dizemos que nos queimamos porque queremos e não acreditam. Claro, não podemos fazer as garotas que estão internadas aqui falar, iríamos presas.

— Podemos filmar uma cerimônia — disse Silvina.

— Já pensamos nisso, mas seria invasão da privacidade das garotas.

— Concordo, mas e se alguma delas quiser que a vejam? E podemos pedir a ela que vá à fogueira com, sei lá, uma máscara, uma carapuça, se não quiser mostrar o rosto.

— E se identificam o lugar?

— Ai, María, o pampa é todo igual. Se a cerimônia for feita no campo, como vão saber onde fica?

Assim, quase sem pensar, Silvina resolveu se encarregar da filmagem quando alguma garota quisesse que sua Queima fosse difundida. María Helena entrou em contato com ela menos de um mês depois da oferta. Seria a única autorizada, na cerimônia, a portar um equipamento eletrônico. Silvina chegou de carro: na época ainda era bastante seguro usá-lo. A estrada 3 estava quase vazia, só era cruzada por alguns caminhões; podia escutar música e tentar não pensar. Em sua mãe, chefe de outro hospital clandestino, situado numa casa enorme do sul da cidade de Buenos Aires; sua mãe, sempre arriscada e atrevida, muito mais que ela própria, que continuava trabalhando no escritório e não se animava a se unir às mulheres. Em seu pai, morto quando ela era criança, um homem bom e um tanto torpe (“Nem passe pela sua cabeça que faço isso por culpa de seu pai”, dissera-lhe sua mãe uma vez, enquanto inspecionava os antibióticos que Silvina lhe trouxera, “seu pai era um homem delicioso, jamais me fez sofrer”). Em seu ex-namorado, a quem abandonara imediatamente quando soubera que era definitiva a radicalização de sua mãe, porque ele as colocaria em perigo, ela sabia, era inevitável. Em se devia ela própria traí-las, desbaratar a loucura por dentro. Desde quando era um direito queimar-se viva? Por que tinha que respeitá-las?

A cerimônia foi ao entardecer. Silvina usou a função vídeo de uma câmera fotográfica: os telefones estavam proibidos e ela não tinha uma câmera melhor, também não queria comprar uma, porque eram rastreadas. Filmou tudo: as mulheres preparando a pira, com enormes galhos secos das árvores do campo, o fogo alimentado com jornais e gasolina até alcançar mais de um metro de altura. Estavam campo adentro — um arvoredor e a casa ocultavam a cerimônia da estrada. O outro caminho, à direita, ficava distante demais. Não havia vizinhos nem peões. Não mais, àquela hora. Quando caiu o sol, a mulher escolhida caminhou para o fogo. Lentamente. Silvina pensou que a garota ia se arrepender, porque chorava. Tinha escolhido uma canção para sua cerimônia, que as demais — umas dez, poucas — cantavam: “Aí vai teu corpo ao fogo, aí vai / Consume-o logo, acaba com ele sem o tocar.” Mas a mulher não se arrependeu. Entrou no fogo como se numa piscina de natação, mergulhou, disposta a submergir: não

havia dúvida de que o fazia por vontade própria; uma vontade supersticiosa ou incitada, mas própria. Ardeu apenas por vinte segundos. Cumprido esse prazo, duas mulheres protegidas por amianto a tiraram das chamas e a levaram às pressas ao hospital clandestino. Silvina interrompeu a filmagem antes que fosse possível ver o edifício.

Naquela noite, postou o vídeo na internet. No dia seguinte, milhões de pessoas o tinham visto.

* * *

Silvina pegou o ônibus. Sua mãe já não era chefe do hospital clandestino do sul; tivera que se mudar quando os pais enfurecidos de uma mulher — que gritavam “tem filhos, tem filhos!” — descobriram o que se escondia atrás daquela casa de pedra, centenária, que em outros tempos tinha sido um asilo de idosos. Sua mãe tinha conseguido escapar da invasão policial — a vizinha da casa era uma colaboradora das Mulheres Ardentes, ativa e, ao mesmo tempo, distante, como Silvina — e haviam-na realocado como enfermeira num hospital clandestino de Belgrano: depois de um ano inteiro de invasões, julgavam que a cidade era mais segura que os lugares distantes. Também havia caído o hospital de María Helena, embora nunca tivessem descoberto que a fazenda fora cenário de fogueiras, porque, no campo, não há nada mais comum do que queimar pastos e folhas, sempre encontrariam pasto e solo queimados. Os juízes expediam ordens de invasão policial com muita facilidade e, apesar dos protestos, as mulheres sem família ou que simplesmente andavam sozinhas pelas ruas ficavam sob suspeita: a polícia as obrigava a abrir a bolsa, a mochila, o porta-malas do carro quando queria, em qualquer momento, em qualquer lugar. A repressão teve efeito contrário: de uma fogueira a cada cinco meses — registrada: com mulheres que iam aos hospitais normais — passou-se ao estado atual, de uma por semana.

E, tal como aquela colega de colégio contara a Silvina, as mulheres conseguiam muito bem arranjar maneiras de escapar da vigilância. Os campos continuavam sendo enormes e não podiam ser examinados por satélite constantemente; além do mais, todo mundo tem um preço; se podiam entrar no país toneladas de drogas, como não iam deixar passar carros com mais galões de gasolina que o razoável? Isso era todo o necessário, porque os galhos para as fogueiras estavam por aí, em toda parte. E o desejo, as mulheres levavam consigo.

Não vai parar, tinha dito a garota do metrô num programa de entrevistas na televisão. Vejam o lado bom, dizia, e ria com sua boca de réptil. Pelo menos não existe mais tráfico de mulheres, porque ninguém quer um monstro queimado e

nem essas loucas argentinas que um belo dia vão e se tacam fogo — e numa dessas incendeiam o cliente também.

* * *

Uma noite, enquanto esperava a ligação de sua mãe, que lhe havia encomendado antibióticos — Silvina os conseguia fazendo a ronda dos hospitais da cidade onde trabalhavam colaboradores das Mulheres Ardentes —, teve o impulso de falar com o ex-namorado. Estava com a boca cheia de uísque e o nariz, de fumaça de cigarro e do cheiro de gaze impregnada, aquela usada para queimaduras, que não saía nunca, como não saía nunca o cheiro de carne humana queimada, muito difícil de descrever, em especial porque, acima de tudo, cheirava a gasolina, embora por trás houvesse algo mais, inesquecível e estranhamente cálido. Mas Silvina se conteve. Avistara-o na rua, com outra garota. Isso, agora, não significava nada. Muitas mulheres tentavam não ficar sozinhas em público para não serem perturbadas pela polícia. Tudo era diferente desde que as fogueiras haviam começado. Poucas semanas antes, as primeiras sobreviventes tinham começado a se mostrar. A pegar ônibus. A comprar no supermercado. A pegar táxis e metrô, a abrir contas de banco e tomar um café nas calçadas dos bares, com as caras horríveis iluminadas pelo sol da tarde, com os dedos, às vezes sem falanges, segurando a xícara. Será que lhes dariam trabalho? Quando chegaria o mundo ideal de homens e monstros?

Silvina visitou María Helena na prisão. De início, ela e sua mãe tinham temido que as outras reclusas a atacassem, mas não, tratavam-na inusitadamente bem. “É que eu falo com as meninas. Conto-lhes que sempre queimaram a nós, mulheres, que nos queimaram durante quatro séculos! Não conseguem acreditar, não sabiam nada sobre os julgamentos de bruxas, percebem? A educação neste país foi para o cacete. Mas têm interesse, pobrezinhas, querem saber.”

— O que querem saber? — perguntou Silvina.

— Ah, querem saber quando as fogueiras vão parar.

— E quando vão parar?

— Ah, sei lá, filha, por mim elas não parariam nunca!

A sala de visitas da prisão era um galpão com várias mesas e três cadeiras ao redor de cada uma: uma para a prisioneira, duas para as visitas. María Helena falava em voz baixa: não confiava nas guardas.

— Algumas meninas dizem que vão parar quando chegarem ao número da caça às bruxas da Inquisição.

— Isso é muito — disse Silvina.

— Depende — interveio sua mãe. — Há historiadores que falam de centenas

de milhares, outros de quarenta mil.

— Quarenta mil é um montão — murmurou Silvina.

— Em quatro séculos não é tanto — prosseguiu a mãe.

— Havia pouca gente na Europa há seis séculos, mamãe.

Silvina sentia que a fúria enchia seus olhos de lágrimas. María Helena abriu a boca e disse outra coisa, mas Silvina não a escutou e sua mãe respondeu e as duas mulheres conversaram sob a luz enfermiça da sala de visitas da prisão, e Silvina só ouviu que elas estavam velhas demais, que não sobreviveriam a uma queima, a infecção as levaria num segundo, mas Silvinita, ah, quando será que Silvinita vai se decidir, ela daria uma queimada linda, uma verdadeira flor de fogo.

SOBRE A AUTORA



© Nora Lezano

MARIANA ENRIQUEZ nasceu em 1973 em Buenos Aires. É jornalista, subeditora do jornal *Página/12* e professora. Autora aclamada pela crítica, publicou, além de *As coisas que perdemos no fogo*, outros sete livros.

LEIA TAMBÉM



Um amor incômodo
Elena Ferrante



Tudo o que nunca contei
Celeste Ng



História da sua vida e outros contos
Ted Chiang